

Jhon Blofeld

MANTRAS

Palavras Sagradas de Poder



OM, o mais poderoso mantra do universo.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Jhon Blofeld

MANTRAS

Palavras Sagradas de Poder

Tradução
Isa Silveira Leal
Miroel Silveira

*Para Lu K'uan-yü (Charles Luk)
a quem o Ocidente tanto deve por
sua lúcida interpretação das obras chinesas,
a qual contém tesouros da sabedoria
budista e taoísta.*

Sumário

PREFÁCIO DO AUTOR

1 - A FLORESTA DOS RECLUSOS

2 - A TRADIÇÃO PERDIDA

3 - O INÍCIO DA COMPREENSÃO

4 - A DEIDADE INTERIOR

5 - ALGUNS MANTRAS IOGUES

6 - PALAVRAS DE PODER

7 - SHABDA, O SOM SAGRADO

Prefácio Do Autor

Como as coincidências se juntam estranhamente!

Muitas, muitas vezes, damos com uma palavra ou com um pensamento que estavam havia muito ausentes de nós, e de repente descobrimos que eles ecoaram de novo, duas ou três vezes, num intervalo de poucos dias. Há muitos anos acariciei a idéia de escrever um livro sobre mantras, e depois a descartei. Senti que não seria correto expor assuntos sagrados a um possível menoscabo ou, levemente, pôr de lado as salvaguardas com as quais o conhecimento mântrico havia sido preservado da profanação durante séculos. De poucos anos para cá, entretanto, as circunstâncias se alteraram. O interesse pela sabedoria do Oriente, que milhares de jovens do Ocidente agora demonstram, é genuíno e não desprovido de reverência; ao contrário de seus antecessores e antepassados, eles não menosprezam o que é misterioso, simplesmente por não estar de acordo com as categorias do pensamento científico ocidental. Esta mudança de atitude merece e recebeu uma calorosa resposta; hoje em dia, até os mais conservadores guardiões das tradições orientais estão inclinados a abrandar o rigor das antigas salvaguardas, devido à compaixão por aqueles cujo desejo de sabedoria é sincero, e que se acham impossibilitados de viajar para longe de seu chão a fim de sentar-se aos pés dos sábios durante anos infindáveis. Havia pouco, uma série de incidentes me fizera ponderar de novo sobre as implicações dessa modificação, quando chegou uma carta de um autor, eminente autoridade sobre budismo chinês, Lu K'uan-yü (Charles Luk), insistindo comigo para que me dispusesse a escrever exatamente a espécie de trabalho que eu tivera em mente.

Minha primeira reação foi de cautela. Respondi que me sentia hesitante devido aos votos de *samaya*, que prescrevem discrição quanto a todo conhecimento que se obtém através da iniciação tântrica; pois, apesar de meu lama, o Venerável Dodrup Chen,

haver-me dado permissão para escrever qualquer coisa que me parecesse adequada, sinto natural relutância em tomar decisões sobre tal matéria. Depois chegou nova carta de Lu K'uan-yü, com a mesma finalidade da primeira. Após ponderar sobre essa sugestão, aceitei-a, mas com uma auto-imposição: decidi limitar-me a falar de mantras que, já tendo sido publicados, deviam certamente ser conhecidos (e talvez mal compreendidos) pelos não-iniciados. Desta maneira, eu esperava evitar revelações não recomendáveis e, ao mesmo tempo, esclarecer algumas concepções provavelmente errôneas.

Seguindo a linha geral que eu havia dado aos meus livros anteriores sobre assuntos similares, comecei pelo que, para mim, era o começo, relatando mais ou menos cronologicamente meus encontros iniciais com a prática mântica. Por isso, os dois ou três primeiros capítulos não têm profundidade, mas espero que sejam considerados interessantes. Os leitores que, até aqui, consideram os mantras como mágicos ou conversa fiada descobrirão que foi quase essa a minha atitude no início, apesar de a fé na sabedoria dos meus amigos chineses me impedir de trancar a mente contra o que parecesse tolice. Espero conseguir despertar reverência pelas artes mânticas, e pela crença em sua validade, exatamente como foram despertadas em mim — passo a passo.

Gostaria de enfatizar que cheguei aos mantras por acaso, e não por decisão própria. Apesar de meu interesse por eles ser perfeitamente sincero, não busquei conhecimentos mânticos, e o que adquiri foi incidental na minha procura de iogues através dos quais conseguisse a Iluminação, da qual os mantras algumas vezes fazem parte. Tive muita sorte ao encontrar homens de sabedoria e verdadeira santidade, tanto chineses quanto tibetanos, muitos dos quais versados em erudição mântica, mas estou longe de dominar o assunto. O fato de ter ousado escrever sobre isso não é porque eu saiba muito, mas porque muitos outros, que não tiveram as oportunidades que eu tive, talvez saibam menos ainda. Até esta data — tal como o leitor descobrirá ao final — existem aspectos dos mantras que permanecem tão misteriosos para mim quanto antes.

Geralmente, divido os mantras em três categorias, das quais só me sinto capaz de falar com ligeira autoridade sobre-a primeira:

1 — Mantras usados na contemplação iogue, maravilhosos mas não miraculosos.

2 — Mantras com efeitos aparentemente miraculosos.

3 — Mantras que, se tudo quanto se afirma a seu respeito for válido, devem provisoriamente ser julgados capazes de agir miraculosamente, ao menos até que a forma de sua ação seja melhor compreendida.

A maior parte do que se segue aos dois ou três capítulos introdutórios concerne à contemplação iogue. Apesar de ser considerado o menos espetacular aspecto dos mantras, este é o único de importância definitiva. Estou grato a Lu K'uan-yü por seu encorajamento, ao Lama Anagarika Govinda por uma carta que, em conjunto com suas obras publicadas, solucionou vários problemas para mim; ao meu bom amigo Gerald Yorke pela informação sobre a teoria hindu do poder mântrico, assim como de várias práticas ocidentais análogas ao uso dos mantras; e a dom Sylvester Houédard, da Prinknash Abbey, pelas volumosas notas eruditas das quais extraí minhas referências à Prece de Jesus¹ e ao Ismu'z at dos Sufis.

John Blofeld, A Casa do Vento e da Nuvem

1 - A Prece de Jesus, equivalente ao Pai-Nosso do Catolicismo, foi criada no cristianismo ortodoxo por São João Crisóstomo, santo notabilizado por sua eloquência.

Capítulo 1

A FLORESTA DOS RECLUSOS

Era como um sonho. Dentro do largo aposento, e apesar de os raios das velas refletirem-se nos cálices e instrumentos rituais reunidos sobre o altar, brilhando com luz prateada, e apesar de o mandala das divindades, erguido atrás dela, conter todas as colorações imagináveis, a luz que prevalecia era um dourado pálido, cor da esteira de palha de arroz estendida de uma parede à outra, com sua superfície imaculada interrompida apenas por um altar baixo e quadrado, de madeira negra, e pelas fileiras de almofadas cor de bronze, usadas para meditação. As almofadas, no momento, estavam ocupadas. A não ser pelo movimento dos lábios e pela respiração, as figuras envoltas em branco assemelhavam-se a estátuas, tão profunda era a tranqüilidade invocada pelas sílabas em tom grave emanadas de suas bocas e reguladas pelo ritmo majestático do tambor:

LOMAKU SICHILIA JIPIKIA NAN SALABA TATAGEATA NAN. ANG
BILAJI BILAJI MAKASA GEYALA SATA SATA SARATÉ SARATÉ TALAYI
TALAYI BÍDAMANI SANHANJIANI TALAMACHI SIDA GRIYA TALANG
SOHA!

Logo cheguei a saber que nenhum dos devotos, apesar de suas mentes responderem sem falha ao encantamento, conhecia o significado daquelas sílabas, cujo som era mais inspirador do que um solene peã! A linguagem não era a de sua nativa Cantão; nem sequer, apesar de ter sido transmitida a seu professor pelo Mestre dele no Japão, era japonês; nem mesmo o chinês medieval, conquanto o mantra tenha alcançado o Japão vindo da China, mil anos antes; nem era sânscrito — mas talvez o sânscrito modificado através dos séculos por toda uma série de transições.

Estranhamente, nada disso importava, pois as sílabas de um mantra, ainda que acaso inteligíveis, não deviam seu poder ao significado, ao nível do pensamento conceituai. Ali estava o início de um mistério ao qual, de então por diante, eu dedicaria toda a minha vida. E agora, após quatro décadas, não posso na verdade dizer que o desvendei!

Quando, na juventude, tomei a primeira resolução de ir à China, uma doença súbita me compeliu a desembarcar em Hong-Kong. Ali, as circunstâncias me levaram a permanecer pôr um ano ou mais, cultivando a amizade de um grupo de chineses conservadores, que apaixonadamente se apegavam à velha sabedoria e às tradições de sua raça. Entre eles havia um médico da velha escola, estudante de rosto pálido, de trinta e poucos anos, que, desprezando as modas ocidentais, usava um severo barrete de cetim preto, encimado por um pingente escarlate, e no verão, uma túnica de fina seda branca que chegava ao tornozelo e tinha a gola erguida. No inverno, essa túnica era substituída por outra de seda mais pesada, de cor sombria e acolchoada com paina de seda, sobre a qual usava com freqüência uma jaqueta manchú, formal, de cetim preto estampado. Tal como proclamava sua aparência, o Dr. Tsai Ta-hai era totalmente um homem de tradição, mas não amante da fossilizada rigidez confuciana — e imbuído pelo espírito humanístico, místico e brincalhão que caracteriza as mais finas formas da poesia e da pintura chinesas. Profundo conhecedor das tradições taoístas e budistas, vivia mergulhado no mistério das miríades de formas mutantes criadas pelo Tao informe, autoperpetuador e imutável, representado com tanta agudeza em velhos poemas e paisagens. Quando nos conhecemos, ele estava entusiasmado com uma forma de budismo esotérico não mais habitual na China, mas que sobrevivera de modo truncado no Japão, de onde havia sido recentemente transmitida para um grupo de devotos em Hong Kong.

Nossa amizade, que seria cimentada mais tarde por um juramento de fraternidade, cresceu magicamente desde a noite de nosso primeiro encontro. Noutro livro, *The Wheel of Life* [A Roda da Vida] descrevi mais longamente a maneira pela qual estando mal, com febre intermitente, mandei meu empregadinho cantonês de 12 anos procurar um médico; e de como esse rapazinho, nada sabendo a

respeito das preferências de um estrangeiro, tivesse corrido até o mais próximo — o Dr. Tsai Ta-hai, naturista chinês que, apesar da surpresa ao ser chamado por um "diabo estrangeiro", correu imediatamente, tocando com seus dedos esguios um de meus pulsos de cada vez, descobrindo não só um, mas seis pulsos! Seu método de diagnóstico não era menos estranho para um jovem recém-chegado da Inglaterra; consistia em mergulhar sua mente em tranqüilidade interior e intuir, em silêncio, as perturbações nos ritmos de meu corpo. A receita, que redigiu em bela caligrafia com o conjunto de acessórios de escrita que formava a parte mais essencial de seu equipamento médico portátil, levou-me à compra de muitos pacotinhos de estranhas substâncias, as quais fervidas juntas produziram um líquido ralo, negro e amargo com espantosas propriedades curativas. Descobrindo que eu era budista, ele me interrogou com deliciado espanto. Nunca esquecerei a alegria que iluminou seu rosto ao saber, pela primeira vez em sua vida, que havia deparado com um ocidental ansioso por aprender com os chineses, em vez de estar determinado a impor-lhes sua maneira ocidental de pensar.

Assim que me restabeleci, meu novo amigo me levou a uma reunião numa casa que, tal como proclamava uma tabuleta de laca acima da entrada, era curiosamente denominada "A Floresta dos Reclusos". Era na verdade uma espécie de templo particular, pertencente a uma associação de budistas leigos. Fui informado de que quase todas as cidades da China tinham sua Floresta de Reclusos, mas que aquela era incomum, porque seus membros adotavam uma forma de budismo que, tendo desaparecido da China mil anos antes, havia sobrevivido no Japão como seita Shingon. O mestre-residente, Lai Fa-shih (Mestre-Dharma Lai), depois de passar alguns anos em retiro no Monte Koya, não muito longe de Kioto, tinha voltado do Japão para instruir seus confrades chineses sobre o que sobrara da tradição secreta que havia prevalecido entre seus antepassados na época em que havia florescido a Seita Esotérica (Mi Tsung). A seita Shingon, assim como sua contrapartida tibetana, a Vajrayana ou Mantrayana, protege seus segredos de ioga contra a profanação, restringindo a instrução apenas aos iniciados. Foi por

especial cortesia dos amigos de Ta-hai que o jovem inglês Ah Jon, como me chamavam, teve permissão para freqüentar e até participar dos ritos, apesar de não ter, até então, uma iniciação preliminar. A bondade dessas pessoas não tem limites. A Floresta dos Reclusos, elevando-se num pequeno cume perto de Causeway Bay, no que era então uma área rural, tinha aparência comum, mais ocidental do que chinesa, pelo estilo. Muitos de seus quartos, aos quais estavam ligadas largas varandas envidraçadas, eram iguais aos que se encontravam em muitas residências da classe média em Hong Kong naquele período; mas no andar superior ficava a bonita sala que descrevi, sempre perfumada pela queima de sândalo. Atrás do altar, com seus requintados conjuntos de prata, erguiam-se vários painéis pintados, dos quais o que ficava no centro reproduzia nove "Budas e Bodhisattvas meditando", sentados no centro e nas pétalas de um lótus. Estes painéis, e as figuras de outros painéis subsidiários, eram esculpidos em cores claras e brilhantes, de estilo notavelmente semelhante ao dos afrescos encantadores que se vêem nas paredes dos antigos templos- cavernas da China, da Índia e do Ceilão. A semelhança não se limitava aos arranjos, à postura e ao Simbolismo, mas era criada principalmente pelas sublimes expressões e pela etérea delicadeza das figuras - as que encimavam nuvens pareciam realmente etéreas e as aladas pareciam voar. Iconograficamente, o painel central parecia uma forma de mandala tibetana. Sentado no centro do lótus ficava o Buda Vairochana; outros quatro Budas em meditação, representando Energias da Sabedoria Compassiva, ocupavam as pétalas correspondentes aos principais pontos da circunferência, e quatro Bodhisattvas ficavam sentados nas demais pétalas. Impressionado pela beleza do arranjo, não tive então nenhuma idéia sobre seu significado esotérico. Voltando a refletir sobre isso agora não tenho dúvidas sobre a ascendência comum às seitas de Shingon, japonesa, e Vajrayana, tibetana, conquanto a primeira preserva apenas uma pequena parte dessa herança.

Recém-chegado, atraído à China pela beleza e pela sabedoria que havia recolhido nas traduções da poesia chinesa de Waley e Obata, e noutras fontes similares, eu estava ansioso por apreciar quaisquer

experiências que meus amigos chineses tivessem a oferecer; de modo que adotei facilmente seus rumos, sem criticar qualquer coisa que eles sugerissem, e deixando que a compreensão surgisse mais tarde. Uma ou duas noites por semana, nós nos reuníamos numa varanda fechada, contígua à sala do santuário. Os outros vestiam túnicas chinesas sobre suas calças largas de seda; eu, as roupas que havia trazido da Inglaterra, cujas calças eram lamentavelmente impróprias para sentar de pernas cruzadas numa almofada, pela duração dos ritos. Em breve comecei a ir com um par de calças de seda embrulhadas, de modo que, antes de entrar na sala do santuário, podia trocar de roupa, vestindo como os outros túnicas de tecido branco liso com largas mangas. Um mês depois, avancei mais ainda, chegando lá com roupas chinesas, apesar de, naquela época, um inglês precisar ter verdadeira coragem para usar "roupas nativas" numa colônia inglesa. Isso significava ter claro desprezo por seus compatriotas, despertando também boa quantidade de ironia, educadamente disfarçada, no grande número de chineses que supunham que o progresso consistia em macaquear cegamente as noções ocidentais de maior poderio militar; mas eu me contentava com a aprovação de Ta-hai e de seus amigos.

Satisfeito e sem espírito crítico sobre tudo quanto esses amigos julgavam válido para me ensinar, e pronto a agir como eles com o mínimo espalhafato, procurei ter o comportamento de qualquer outro membro da Floresta dos Reclusos, apesar de os outros serem tão acomodados e de tão bom gênio que me teriam sem dúvida perdoado qualquer relutância. Por exemplo: sabendo que a maioria dos ingleses julgava humilhante inclinar a cabeça até o chão, de boa vontade eles me teriam desculpado por não me prosternar diante de Lai Fa-shih, nosso Mestre-Dharma; ao passo que, ansioso por evitar o que, perante os chineses, pudesse ser considerado impropriedade, insisti em me inclinar diante dele, ainda que, fosse lá pelo que fosse, isso me fizesse corar de modo risível. Esta descrição de minha atitude naquela época tem sua importância em relação ao que tenho a dizer agora sobre mantras, pois é necessário ressaltar que eu aceitava totalmente os elaborados ritos Shingon, impressionado por sua beleza e por confiar em que eles deviam ter um profundo

significado simbólico, que se tornaria aparente com o correr do tempo. Isto, julgo eu, é base mais segura para adquirir verdadeiro conhecimento sobre tais assuntos do que a contrária — o preconceito de que, se alguma coisa parece terrível e sem sentido em termos de sua própria cultura, deve necessariamente ser assim. Com paciência, aprendi a entrelaçar meus dedos para formar mudras (gestos rituais) e recitar mantras, embora, naquele momento, eu só os confundisse, em minha ignorância, com encantamentos mágicos. Além de Ta-hai, outros dois, tendo um benevolente interesse pelo jovem neófito inglês, tomaram-me especialmente sob sua guarda — Pun Yin-ta, a quem os associados mais jovens chamavam de Irmão Mais Velho, e um parente dele, que parecia ser geralmente denominado como Quinto Tio. Com a ajuda deles, aprendi o mínimo do aspecto formal dos ritos, a fim de poder participar sem muito embaraço. Ao entrar na sala do santuário, primeiro ficávamos de pé diante de uma janela e executávamos alguns mudras purificadores, cada qual com seu mantra adequado, que tanto ressoava aos meus ouvidos quanto agitava a minha mente. Depois, ante o santuário, inclinávamos a cabeça até o chão, três vezes, antes de sentarmos de pernas cruzadas nas almofadas. Junto do altar baixo sentava-se o principal celebrante (com freqüência era o Quinto Tio), de modo que o incensório e outros instrumentos rituais ficavam confortavelmente ao alcance. De um lado ficavam os músicos que deveriam acompanhar o ritual com clarineta, citara (tocada pelo Irmão Mais Velho), tangendo instrumentos e um tambor. Começando com um cantochão melodioso ligado à queima do incenso e terminando com um mantra final, o rito principal durava mais ou menos uma hora. Algumas passagens da liturgia eram cantadas; outras, inclusive os mantras, salmodiadas ou moduladas, mas de maneira pouco semelhante ao cantochão que forma parte dos rituais católico ou ortodoxo. Os mantras, que em geral eram recitados 3, 7, 21 ou 108 vezes, dependendo, em parte, de sua extensão, eram todos expressos na estranha linguagem nem chinesa nem realmente indiana, da qual dei um exemplo; eram acompanhados de complicados gestos que os outros faziam com graça encantadora, enquanto meus dedos, não tendo a agilidade chinesa, traíam minha

timidez. A liturgia era tão bonita que, mesmo não entendendo até então o seu significado, eu aceitava de bom grado o tormento da cãibra nas pernas. A dor me distraía miseravelmente, mas eu permanecia fascinado até o momento em que tinha de lutar para me pôr de pé a fim de cumprir a tríplice prostração final. Eu gostaria de poder oferecer uma narrativa lúcida do significado íntimo desses ritos, que conferiam ao rosto dos outros participantes a expressão de quem vive profundas experiências espirituais. Infelizmente, não freqüentei as reuniões durante o tempo suficiente para alcançar o ponto de compreendê-las intuitivamente; e, conquanto meus amigos fizessem o máximo para explicar o texto da liturgia, meu conhecimento do chinês (ou antes, do dialeto cantonês falado em Hong Kong) era então rudimentar para que eu pudesse fazer muito progresso. O Quinto Tio e os outros procuravam pacientemente me instruir em seu inglês de sotaque tão agradável, mas a matéria era difícil, e muito do que conseguiram transmitir-me eu esqueci depois, devido à minha subsequente preocupação com as formas do budismo mais puramente chinesas (e, mais tarde, tibetanas). O propósito principal dos ritos era promover a intuição mística de dois campos interpenetrantes da consciência, o relativo e o absoluto; os mantras e os mudras faziam parte dos meios pelos quais os ritos externos criavam uma profunda experiência intuitiva dos mistérios que simbolizavam.

Entretanto, uma vaga noção do poder dos mantras me foi conferida pela recitação, 108 vezes, de uma única sílaba — BRONG. Num certo ponto da liturgia, o tambor voltava a ressoar e, a cada batida, ele emitia um som profundo, BRONG! BRONG! BRONG! Enquanto estes 108 gritos repercutiam, havia uma invasão sobrenatural de tranqüilidade. Minha mente, então já totalmente esquecida das dores nas pernas, elevava-se e entrava num estado de extática serenidade. Essa transição, que minha consciência estava destinada a sofrer, em maior ou menor medida, como resposta a outros mantras, é algo que só se pode compreender através da experiência; nunca pode ser captada em palavras. Naquele momento, a experiência era tão nova e, de certo modo, tão dilacerante, que a volta a um estado normal de consciência trazia

consigo algo do terror que alguém sentiria ao recuar da beira de um abismo infinito! Nenhum dos outros mantras que repetimos naquelas sessões produziu o efeito assinalado em mim, de modo que cheguei a atribuir a magia, não ao mantra, mas às batidas do tambor — concepção errônea que só foi esclarecida muitos anos mais tarde.

Sempre que o interroguei sobre o significado, o propósito ou a ação dos mantras, Ta-hai, que mal falava inglês, deixava que o Quinto Tio explicasse. Já havíamos tido uma conversa sobre o assunto, mais ou menos assim:

"Tio, durante o *fa* (rito), há algumas partes que eu penso serem chamadas de *chou* (mantras). A maneira de as recitar é tão estranha; a linguagem nem parece chinesa. Não seria japonesa, seria?"

Sorrindo largamente, com os olhos enrugados de bom humor, ele pensava um momento e depois emitia alguma horrível palavra como "Hongcanjapchinsanskese", enquanto todas as pessoas próximas, depois de, por um momento, mostrarem confusão, caíam na risada.

"O que é que isso quer dizer?"

"Ah! Ah! Isso quer dizer que os sons que você ouve são a maneira cantonesa de Hong Kong de pronunciar as palavras chinesas escritas há milhares de anos na forma cantonesa-japonesa do Mestre Lai, de maneira que podemos saber que sons os monges indianos produzem quando usam mantras sânscritos! Talvez os fantasmas dos monges indianos se surpreendessem se viessem aqui e nos ouvissem. Talvez não reconhecessem uma palavra, hein, Ah Jon?"

Acontece que o pequeno gracejo do Tio continha um importante princípio, no qual pensei muito enquanto me preparava para escrever este livro. Mesmo entre pessoas instruídas há muita gente que pensa que, para ser eficaz, o mantra depende das *vibrações* que desperta e, portanto, de uma enunciação correta. Se assim fosse, na verdade, os mantras sânscritos pronunciados por chineses, tibetanos ou japoneses dificilmente poderiam ser eficazes, pois os sons que emitem quase não são reconhecidos em sânscrito! Assim, SVAHA em sânscrito se torna SOHA em chinês e tibetano, SAWAKA em japonês. De igual modo, AUM se transforma em OM, UM e até em UNG, ONG ou ANG em várias línguas e dialetos e, no entanto, permanece

maravilhosamente eficaz quando as condições mentais que governam o uso das sílabas mântricas são observadas com correção. Segue-se daí que é preciso aceitar a afirmativa do Lama Govinda, de que o verdadeiro poder do mantra reside menos no som do que na mente de quem o emprega. Isto, sem dúvida, é verdade total quanto aos mantras usados no decurso da contemplação iogue, ainda que não seja verdade quanto aos mantras usados para certos propósitos diferentes.

Noutra vez em que falei com o Quinto Tio sobre o assunto, fiz uma pergunta que aqueles que tudo ignoram sobre o processo dos mantras costumam fazer com boa dose de ironia. "Tio, como podem *palavras* que não têm o menor significado até mesmo para a pessoa que as pronuncia ser de qualquer utilidade? Como podem auxiliar o progresso espiritual? É certo que não podemos esperar que forças sobrenaturais respondam apenas às pessoas que a elas se dirigem numa linguagem especial!"

Dessa vez, ele não sorriu. Tentando encontrar um modo de exprimir seu pensamento em inglês, replicou gravemente: "As palavras que têm significado só para o uso comum — não têm muito poder e atrapalham o caminho, como rochedos que viram um barco. As palavras com muito poder não demonstram seu significado real — é melhor esquecer seu significado e manter a mente livre."

Duvido que eu tenha compreendido tudo exatamente, naquele momento, mas agora sei que ele procurou comunicar algo do profundo mistério que existe na essência da questão. Naquele tempo, tive de continuar confiando na sabedoria da crença de meus amigos na eficácia dos mantras. Foi o que fiz, com mais boa vontade ainda, após ter descoberto por acaso que o Quinto Tio, longe de confiar cegamente ou por repetição do que ouvia dizer, era, à sua maneira, um especialista em mantras; com o emprego dos ritos que incluem os mantras, ele havia conseguido uma extraordinária vitória sobre um dos mais formidáveis demônios conhecidos pelo homem! Tal como contei detalhadamente no meu livro anterior, *The Wheel of Life* [A Roda da Vida] ele se sentia curado, pouco antes, do vício do ópio, ingerido a vida toda em doses maciças e diárias, sem recorrer à ajuda médica ou ao método do abandono gradual. Renunciou à

droga, súbita e totalmente, confiando apenas nos recursos de sua própria mente, fortalecida pela realização dos ritos de ioga durante muitas horas, todos os dias, num período de vários meses. Durante esse tempo todo, ele havia permanecido surdo aos apelos de seus lacrimosos parentes, que lhe afirmavam que sua obstinação em recusar tratamento médico lhe custaria a vida. Os terríveis efeitos causados pela súbita abstenção de doses maciças de ópio, longamente usadas, são agora tão conhecidos que a façanha do Quinto Tio será mais entendida agora do que o foi quando saiu meu livro anterior; sobretudo no caso de pessoas idosas nas quais esses efeitos, ainda que mitigados por tratamento clínico, em geral eram fatais. Mais notável é o fato de que, apesar do choque em seu sistema nervoso, resultante de abrupta abstenção após mais de trinta anos de vício, o Tio recuperou totalmente a saúde e, daí por diante, não foi perturbado pelo desejo de voltar a ele.

Certa vez, quando passamos a noite com um grupo de amigos num templo taoísta nas montanhas de Kwangtung, alguém que nada sabia sobre o passado do Tio sugeriu que preenchêssemos as horas de ócio com um pouco de ópio; logo depois nos foi trazida uma bandeja de implementos, e o Tio passou umas duas horas junto à lâmpada, preparando os cachimbos para os outros com as próprias mãos.

Sorria com benignidade, enquanto nuvens de fumaça, outrora sedutoras, elevavam-se acima da esteira; ele estava perfeitamente à vontade, enquanto seus dedos giravam a vasilha de prata, à medida em que as pílulas de ópio eram seguradas acima da lâmpada; tagarelava sobre isso ou aquilo, sereno, imperturbado por algo que, para outros em sua situação, deveria ser uma tentação muito mais cruciante do que a sofrida por um alcoólatra reabilitado, que servisse num bar sem que ninguém o impedisse!

Quando, secretamente envergonhados por termos permitido que ele fosse submetido a tal prova, exprimimos nossa admiração, ele nos respondeu, rindo, que seu santuário particular tinha sido a melhor das clínicas, e o poder dos mantras, o melhor dos remédios!

Voltemos às conversações anteriores sobre os mantras: chegou o momento em que minha mente, educada à maneira ocidental,

rejeitou essas palavras sem sentido, imbuídas de poder. Quanto mais eu pensava nessas passagens da liturgia recitadas num sânscrito corrompido, mais chegava a pensar que isso envolvia um grande elemento de auto-sugestão. Então, certa noite, as recitações mânticas no santuário me deixaram num estado estranhamente exaltado, que não podia ser atribuído apenas à magia sensual produzida pela música misteriosa, pelo cantochão sonoro e pelo perfume de sândalo incensado. Como de costume, eu e alguns dos nossos amigos ficamos algum tempo na varanda, proseando calmamente. Ao notar minha expressão exultante, alguém observou de modo aprovador: "Ah Jon está começando a encontrar seu caminho."

Os outros sorriram, mas eu disse: "Estou perplexo. Os ritos têm a intenção de nos ajudar a conseguir um estado de percepção da verdadeira natureza da mente — mente que não é de vocês nem minha, mas a manifestação do ilimitado Tao. Há pouco me parecia assim, porém pode ter sido apenas o efeito de tanta beleza e por eu ter sido dominado pela serenidade das pessoas que me cercam."

Delicadamente, eles me interrogaram mais e, de certo modo, deixei escapar a opinião de que os mantras e mudras nada mais podiam senão acrescentar uma agradável sensação de mistério ao ritual. Diante disso, um homem idoso, cujo nome não recordo (mas tenho clara lembrança de sua túnica de seda branca brilhante, que ainda não tinha adquirido o agradável tom amarelado conferido pelo tempo), disse concisamente em cantonês: "Os jovens devem aprender a andar, antes de dar opiniões sobre como voar."

Essa gélida reprovação, partindo de alguém que, mais de uma vez, havia sugerido a impropriedade de se admitir um não-iniciado nos ritos, tornou impossível o prosseguimento do assunto; mas um homem mais moço, com pena de me ver tão humilhado, fez questão de me alcançar quando eu ia a caminho da primeira parada de ônibus, e me convenceu a ir com ele a uma "queima noturna" (expressão cantonesa que significava fazer ligeira refeição), numa casa de chá próxima. Comendo talharim, ele se tornou eloqüente sobre o assunto "mantras":

"Em geral as pessoas, Ah Jon, usam os mantras como magia para ter sorte, ou afastar doenças, ou outros males. Talvez tenham razão ao agir assim, pois os mantras dão freqüentemente resultado, mas eu lhe peço para não acreditar nisso. Suplico-lhe que acredite que eles são da maior ajuda na alteração dos estados de consciência. O que eles fazem é serenar sua mente para que ela não corra atrás dos pensamentos."

Ele continuou explicando que, sendo vazios de sentido, os mantras não promovem pensamentos conceituais, como as orações, as invocações e coisas semelhantes estão aptas a fazer; e que, como cada mantra possui uma misteriosa correspondência (ele não conseguiu explicar que espécie de correspondência) com as várias potencialidades profundamente embutidas em nossa consciência (talvez quisesse referir-se ao subconsciente, ele poderia nos fazer saltar para um estado que, de outra maneira, seria difícil de alcançar. Não me lembro de suas palavras textuais, mas sei que ele foi o primeiro a exprimir uma idéia que, mais tarde, foi amplamente confirmada pela minha própria experiência. É por isso que recordo a ocasião de maneira tão vivida. Sentado comigo no andar superior de um ônibus que se dirigia para o centro de Hong Kong, ele continuou explicando que era inútil aplicar palavras com significado em qualquer cerimônia religiosa, pois as palavras incitam o pensamento dualístico, que impede a mente de entrar num estado verdadeiramente espiritual. Suas últimas palavras, pronunciadas em voz bastante alta — quando eu me preparava para saltar — foram: "As pessoas que rezam com palavras Não passam de principiantes. Não faça isso!" Alguns passageiros que entendiam inglês olharam para ele como se o considerassem um tanto louco, e eu mesmo fiquei pasmo com sua veemência tão pouco chinesa, mas agora sei que sua mente era bem sadia.

O domínio que o Quinto Tio possuía do idioma inglês, apesar de muito adequado para quase todos os propósitos, era insuficiente para que eu tivesse certeza de como ele considerava os mantras, mas hoje penso que ele também acreditava que o *som* das sílabas mântricas criava movimentos correspondentes nas profundezas da consciência de quem o usava. Essa ênfase sobre o som foi

especialmente perturbadora no seu gracejo com a palavra "Hongcanjapchinsanskese". Penso que ele talvez se referisse a uma espécie de "som ideal" — isto é, a uma imagem mental do som OM, em vez dos sons determinados que os indivíduos emitem. Infelizmente, o Quinto Tio morreu muitos e muitos anos antes que essa questão me ocorresse.

Um mês ou mais após essa memorável viagem de ônibus, recebi a primeira das duas principais iniciações Shingon, mas me beneficieei menos do que havia esperado; o manual esotérico ao qual então tive acesso era, sem dúvida, escrito em chinês, e eu não podia entender muita coisa, mesmo com a ajuda dos meus amigos que falavam inglês. Além do mais, meu estudo do Shingon encerrou-se abruptamente, quando me tomei de súbito entusiasmo, por influência de Ta-hai, por outro ramo do budismo — o Vajrayana. Este novo e fascinante estudo tinha muita relação com os mantras, mas de novo tive muita dificuldade com os textos chineses. Depois de algum tempo, a única consideração que me impediu de voltar à total descrença na eficácia dos mantras foi a fé na sabedoria de Ta-hai e de outros; teria sido presunção de um moço educado numa cultura tão alheia à deles pôr de lado convicções de homens tão sábios.

Entre os mantras Shingon que aprendi, naqueles primeiros tempos, há um assim: ONG KALO KALO SENDARI MATONGI SAWAKA. Não posso lembrar a que propósito ele se presta, mas provou ser particularmente válido para aliviar o medo e a histeria em outras pessoas. Se o efeito dos mantras fosse limitado ao poder de confortar e aliviar, teriam sido, espiritualmente, de significado menor do que o da magia branca; mas sei que meus amigos acreditavam que há mantras e mantras, numa ordem ascendente, desde remédios para curar doenças temporárias até o enevoadado ápice, além da visão dos que não são místicos consumados. Naturalmente, os grandes mantras não eram ensinados aos neófitos — não é preciso uma escavadeira para esmagar uma formiga, nem se usa um palito de dentes para arpoar uma baleia!

Pouco antes de partir de Hong Kong rumo à China, um evento de grande significado na minha vida — ao qual, no entanto, não dei muita importância no momento — abriu caminho para alguns

preciosos conhecimentos de contemplação iogue, incluindo a prática de mantras e muitas outras coisas, das quais eu só tiraria vantagem mais de vinte anos depois. Foi a minha primeira iniciação na seita Vajrayana, que há muito tempo vem sendo o principal repositório da sabedoria iogue, há quase dois mil anos propalada pela grande universidade monástica da Índia, Nalanda. Quando Ta-hai, meio abruptamente, começou a me persuadir de que seria melhor procurar, para além de Shingon, os métodos para alcançar uma rápida realização mística, cessaram meus estudos da doutrina Shingon de dois domínios de consciência interpenetrantes, o Garbhadhatu (Domínio Relativo) e o Vajradhatu (Domínio Absoluto). O entusiasmo de meu amigo pelo que (com razão, acho eu) ele considerava o mais rico e mais largamente variado campo de conhecimento da ioga possuído pelos lamas do Tibete arrebatou-me, apesar de causar espanto e alguma desaprovação entre muitos de meus amigos. Naquele tempo, o Vajrayana era quase desconhecido em Hong Kong e no sudeste da China em geral, mas prevalecera em grande escala no norte, uma vez durante a Dinastia Mongol (1280-1368 d.C), e de novo na Dinastia Ta Ch'ing, estabelecida pelos manchus (1644-1911). Até que ponto os estudos anteriores do meu amigo o tinham levado nessa direção, não sei; o que conduziu o assunto a um ponto culminante foi a chegada a Hong Kong de um famoso lama tibetano, capaz de ensinar diretamente em chinês, em vez de o fazer por intermédio de um intérprete (com freqüência, incompetente). Então, como agora, essa era uma capacidade rara. Cedendo à persuasão de Ta-hai, o lama concordou em permanecer em Hong Kong para instruir um grupo de chineses leigos que, sendo já bem versados na doutrina budista e nas práticas da ioga, em breve poderiam estar preparados para uma iniciação abrangente que lhes permitisse realizar as iogas que ele ensinasse, mesmo após sua partida para Lhasa. Mais uma vez, graças à calorosa proteção de Ta-hai, o jovem inglês Ah Jon foi aceito nesse círculo místico, apesar de pouco qualificado para essa honra.

Tendo obtido a permissão do lama para que eu fosse admitido, Ta-hai exclamou, exaltado, em cantonês: "Os professores trazidos do Monte Koya por Mestre Lai, ainda que excelentes, são menos do que

a décima parte do que vamos aprender com este lama tibetano." Mas sobre esse ponto os membros da Floresta de Reclusos ficaram divididos: alguns, ansiosamente interessados pelo curso de estudos do lama; outros, inclusive o Quinto Tio e o Irmão Mais Velho, portavam-se com cautela. O curso prosseguiu, dia e noite, durante semanas. Prejudicado pelos problemas de linguagem e por meu trabalho — eu havia começado a lecionar numa escola nos confins da península de Kowloon — fiz poucos progressos, mas me permitiram receber a iniciação que formava o ponto culminante de nossos estudos. Assim como Ta-hai ficara comovido ao conhecer um budista ocidental (raro espécime na China daquele tempo), assim aconteceu com o lama. Ambos, por sua vez, concederam-me privilégios sem precedentes. O lama, pondo de lado meus modestos protestos com um sorriso, observou que, ainda que eu levasse alguns anos para poder utilizar a iniciação, ele havia "plantado algumas sementes" em minha mente, as quais poderia esperar que florescessem na estação adequada.

A importância dessa iniciação no atual contexto foi que, além de me abrir caminho para estudar a Vajrayana nos anos seguintes, impediu-me de ceder ao crescente ceticismo com relação aos mantras, pois o lama foi muito persuasivo sobre essa matéria. Mesmo assim, apesar de guardar na memória, como era preciso, os mantras sânscrito-tibetanos requeridos pela iniciação, não pude reunir mais do que uma meia-crença em seu poder sobre a mente. Logo após a partida do lama, viajei para o continente chinês, por onde vaguei durante muitos anos, aceitando emprego para lecionar, quando estava em crise aguda de dinheiro, ficando meses, de vez em quando, em mosteiros budistas ou taoístas, e às vezes voltando a Hong Kong para visitar meus amigos queridos.

Infelizmente, há anos que o Quinto Tio, Ta-hai e o Irmão Mais Velho faleceram. É sobretudo a Ta-hai que devo o interesse permanente dos anos posteriores pela contemplação iogue Vajrayana, porém meu débito para com todos é imenso. Seria muito agradável saber que minhas obras sobre budismo chinês e tibetano representam o florescimento, não sem algum mérito, dos

ensinamentos devido à imensa bondade demonstrada a Ah Jon, jovem inglês que os procurou de mãos vazias.

Capítulo 2

A TRADIÇÃO PERDIDA

Agora, findaram-se as noites passadas entre figuras de túnicas brancas banhadas em luz dourada, entoando extasiadamente a sílaba mântica BRONG. Eu havia entrado noutra mundo, não muito diferente, onde meus companheiros eram monges chineses, vestidos de negro, com as cabeças raspadas. Era a primeira hora da madrugada e o palco era o vestíbulo de um grande templo com telhados duplamente curvos, enfileirados, que se erguiam por entre os pátios cheios de flores de um mosteiro. Sobre o altar elevado brilhavam inúmeras velas, iluminando com fulgor as três enormes estátuas douradas — os Budas e o Mundo Triplo; no entanto o vestíbulo, com seus pilares festivamente pintados e suas vigas no teto, era sombrio, vasto demais para que a luz ressaltasse os rostos entre a multidão dos devotos. Suas escuras túnicas monásticas fundiam-se com a escuridão circundante, de modo que, às vezes, o mar de rostos pálidos assemelhava-se a um grupo de espíritos desencarnados. Em dado momento, os monges se tinham enfileirado perante o altar, mas logo se voltavam e formavam agora dois grupos que se defrontavam ao longo da nave central, desde o altar até a maciça porta de entrada. Eu estava de pé junto ao grupo do lado direito, e pude observar as expressões dos que estavam do lado esquerdo. Ao meu lado, o chantre, brandindo um bastão em forma de lótus emergindo da haste, batia um ritmo mântico no "tambor-peixe de madeira", grande bloco de madeira, assim chamado devido a uma longínqua semelhança com a cabeça de um peixe; e de vez em quando outro monge marcava o cantochão batendo num grande vaso de bronze. Com este sonoro acompanhamento, a assembléia entoava um longo mantra expresso numa linguagem que já não era reconhecível como sânscrito; mas, como agora eu já sabia, seu efeito não dependia, em absoluto, do significado conceitual das

sílabas sagradas. A onda de som era, sem dúvida, exaltadora; à medida que as notas jorravam, minha mente erguia-se em asas de não-pensamento pelo poder de um antigo mistério, e eu sentia o desejo de juntar minha voz à dos outros.

Em tal ambiente, teria sido perdoável supor que a centenária tradição mântica ainda florescesse. Não era assim. Felizmente para mim, o interesse pelos mantras não ficava entre as razões que me levavam a pretender ficar muito tempo naquele mosteiro. Eu havia ido para a China à procura de estilos de vida que tivessem sobrevivido ao assalto das inovações estridentes do Ocidente, e estava ansioso por adquirir algo de valor para meu desenvolvimento espiritual; os mantras, apesar de todo o seu fascínio, não eram essenciais para nenhuma destas finalidades, de modo que não fiquei abalado com a descoberta de que restava pouca coisa da antiga tradição mântica ainda em vigor na China, provavelmente porque a Seita Esotérica (Mi Tsung), da qual derivava o conhecimento dos mantras, estava, havia muito, agonizante. Os mantras, apesar de terem preeminência na liturgia monástica, que permanecera intocada durante séculos, eram agora considerados meios para obter boa sorte, encantamentos mágicos, e não como auxiliares do desenvolvimento espiritual. A história seguinte é uma das inúmeras que ouvi, e que serve para reforçar esta convicção.

Certa noite, logo após minha chegada ao mosteiro, eu caminhava pelos bosques circundantes com Su Ting, jovem monge que se tornara meu mentor e companheiro. Por acaso, ele havia falado sobre o poder dos mantras e, achando-me um tanto cético, disse com animação:

"Todas as pessoas do Oceano Ocidental são tão difíceis de convencer como você? É estranho! Basta que você use um pouco os seus olhos e ouvidos para descobrir coisas por você mesmo. Lembra-se de Hui Ting, o monge ao qual você deu aqueles biscoitos, quando ele partiu com os outros peregrinos para o Pagode Dourado em Burma? Ele poderia ter-lhe contado. Há alguns anos, quando ele era estudante primário em Mengtsê, sua cidade natal, fez amizade com o filho de um comerciante, cujo sobrenome era Kao. Quando, afinal, ele resolveu tornar-se monge, Kao pensou que ele estivesse

louco e gritou para os vizinhos que não deixassem um moço promissor jogar fora sua felicidade por causa de 'uma porção de superstições tolas'. Você sabe como são as pessoas. Depois perderam-se de vista, como é natural, por alguns anos. Hui Ting, tendo feito seus votos, veio para nossa companhia há cinco ou seis anos. Então, no inverno passado, alguém veio bater no portão do mosteiro quando já era noite. Quando foi recebido, pediu bruscamente que o Recebedor de Hóspedes o levasse para ver o 'jovem Chang, de Mengtsê'. Chang é um sobrenome tão comum, e é claro que nós, que deixamos nossos lares, de modo nenhum usamos nossos sobrenomes; portanto, levou algum tempo para se descobrir que ele se referia a Hui Ting. Nosso visitante, como você já deve ter adivinhado, era Kao. Assim que os dois ficaram a sós, Hui Ting comentou:

"Você mudou, velho amigo. Não posso dizer que está com boa aparência. Você está magro. Quanto à sua cor, você tinha as bochechas tão vermelhas quanto as do Deus da Guerra, e agora..."

"Você tem razão, pequeno careca. O que mais poderia ter-me trazido a esta toca de eunucos desorientados? Eu estou doente. Os médicos não ajudam e, como último recurso, vim procurá-lo, para ver se por acaso existe algo de válido em sua sagrada tolice. Você tinha muito bom-senso, o que me leva a supor que deve ter tido uma boa razão para abandonar tão ansiosamente as alegrias do mundo. Você era um moço que gostava de garotas bonitas; agora, você não pode sequer ter uma esposa, ainda menos divertir-se com meretrizes hábeis na música e você-sabe-mais-no-qué."

"Hui Ting sorriu. Lembrava-se de que era o próprio Kao que se envolvia com mulheres da vida, e não se ofendia absolutamente com essa maneira de colocar as posições. 'Não se preocupe com minhas dificuldades — elas não são o que você imagina. Que é que o trouxe até nós, batendo em nosso portão a esta hora de uma noite tão gelada de inverno?'"

"A história de Kao era que, um ou dois anos antes, ele havia atirado com violência sua esposa para o mundo dos fantasmas. Sempre censurando suas infidelidades, ela o havia induzido a espancá-la e, ao cair de costas com os golpes, fraturara a cabeça,

batendo na quina de uma mesa pesada. A fratura, agravada pelo virulento veneno do ódio, causara a sua morte. Mas não era só isso. Assim que ela foi colocada no caixão, ele começou a sofrer violentas dores na cabeça, exatamente na parte correspondente à batida fatal."

"O espírito dela está à minha procura", queixou-se Kao. "Não posso trabalhar. Não posso descansar. Desisti da minha loja e o preço que recebi por ela foi engolido por um grupo de médicos incompetentes. Agora eles dizem que tenho um tumor incurável. A não ser que Vossa Reverência possa sugerir uma cura para isso, estou perdido. A própria Morte, em si mesma, não seria tão má, mas imagine se eu tiver que encarar esse fantasma malévolos no mundo dos espíritos?"

"Não sendo médico, Hui Ting estava em apuros. Gostaria de ajudar, mas como? A única coisa que sabia fazer era meditar. Só pôde pensar numa forma de poderosa aspiração para o bem estar de seu amigo e invocar o Buda Que Cura. Isto deu provas de ser inesperadamente efetivo. Passando para um estado de tranqüilidade, ele abriu os olhos e, ao fazer isto, ouviu uma voz que saía de seus próprios lábios, que disse: "Volte para Mengtsê. Levante antes da madrugada, todos os dias. Agasalhe-se por causa do frio e vá sentar junto ao lago, no Templo do Clemente Kuan Yin, no limite leste da cidade. Mantendo o olhar na água, recite o mantra que lhe ensinarei, milhares de vezes em cada manhã. Os primeiros sinais de sucesso serão o aparecimento de ondinhas na água, como se uma pedra fosse atirada nela, e a diminuição de sua dor. Se você se concentrar corretamente, essas ondas criadas pela sua mente serão cada dia mais pronunciadas. Continue até que o próprio Misericordioso se manifeste, erguendo-se do centro em ondas concêntricas. Quando isso acontecer, cumprimente-o com humildade e vá embora. Não será preciso voltar lá."

"Kao fez o que a voz havia ordenado. Dentro de poucos dias, sua dor se tornou menos intensa e, apesar de ter apanhado um resfriado, certo dia em que esperou sentado, com paciência, durante uma leve tempestade de neve, ele persistiu até que as sílabas mânticas, precedendo o esforço de sua mente, causaram ondas

circulares, tal como fora predito. No décimo quinto dia da segunda lua, ele viu um peixe branco saltar de dentro das ondas, permanecer no ar pelo espaço de três batidas de gongo e manifestar-se como uma radiosa figura envolta em branco puro, apesar de não ser uma figura maior do que a de um recém-nascido. Inclinando-se até o chão três vezes, Kao correu para casa cheio de alegria. A cura fora completada e agora, todos os anos, ele vem aqui no Aniversário do Clemente Kuan Yin para tomar parte nas celebrações e fazer oferendas à nossa comunidade."

Su Ting me asseverou que as ondas no lago e o aparecimento do Misericordioso Bodhisattva em forma de miniatura eram fenômenos objetivos evocados pelo mantra, em conjunção com a poderosa concentração da mente de Kao. Apesar de não estar convencido, não rejeitei totalmente a possibilidade de que Su Ting tivesse razão. Agora tenho certeza de que ele tinha razão, pois os mantras pronunciados com profunda sinceridade libertam poderes mentais criativos, dos quais naturalmente não temos consciência. Mesmo assim, a história exemplifica a preocupação chinesa com um aspecto dos mantras que é apenas de importância secundária.

Histórias dessa espécie, como é natural, tornavam-me duplamente curioso sobre os mantras que formavam parte da liturgia monástica usada em toda a China, sem levar em conta se era um mosteiro da Seita Ch'an (Zen), da Seita Ching T'u (Pura Terra) ou qualquer outra. Verifiquei que era difícil obter informação abundante sobre o assunto. Os monges mais velhos que procurei para orientação geralmente fugiam de minhas perguntas, estendendo-se sobre a excelência de certas fórmulas devotas que, apesar de não diferirem dos mantras pelo efeito, pertenciam a categoria diferente de expressão sagrada, como veremos adiante. Ao passo que os mantras são denominados *chou* em chinês, as fórmulas devotas são conhecidas como *nien-fu* (que correspondem ao sânscrito *japa*). Ambas induzem a um estado contemplativo da mente, a qual fica livre do pensamento dualístico, mas diferem completamente; enquanto os mantras despertam uma resposta direta dentro da própria mente do devoto, as fórmulas *nien-fu* são apelos ostensivos para que uma resposta divina venha de fora. Entretanto, essa

diferença só se mantém no nível da verdade relativa, não havendo divisão, no sentido principal, entre o interior e o exterior em tais assuntos, pois nossas mentes e a Mente são reconhecidas como sendo uma coisa só. Na verdade, o mais elevado propósito do procedimento iogue é realizar uma experiência direta da unidade das mentes com a Mente. Enquanto os místicos cristãos e sufi consideram essa experiência como *atingindo* a união entre o homem e Deus, e os adeptos budistas e taoístas, uma *realização* de um estado de união com a Fonte Suprema que, desde o início, nunca cessou de existir, estas diferenças conceituais não têm validade definitiva. Dentro do aprisco do budismo, o uso de fórmulas *nien-fu* assemelha-se muito superficialmente a uma posição teísta, ao passo que as outras posições, inclusive aquela em que os mantras são usados, são, obviamente, livres de teísmo; no entanto, em essência, e como resultado, o uso é o mesmo. Segue-se agora o relatório das fórmulas dos mantras e das *nien-fu*.

Diariamente, antes do nascer do sol, a comunidade de todos os mosteiros chineses budistas é convocada ao vestíbulo pelo clangor ressoante de uma chapa de bronze, alternado com o ribombar de um gigantesco tambor. Os monges prosternam-se três vezes, regulando seus movimentos pelas notas de um carrilhão de prata, depois de se reunirem ante as estátuas resplandecentes dos Budas do Mundo Tríplice, as quais são tão elevadas que as feições esculpidas e os sorrisos enigmáticos, revelando o êxtase da mente, ficam perdidos na sombra. Depois se elevava um solene hino incensatório como prelúdio para ritos em que três principais correntes se intercalavam: cantos de bênção e aspiração (o equivalente mais próximo da oração), a recitação de mantras e o pronunciamento de fórmulas devotas (*nien-fu*) dirigidas a Amitabha, encarnação da luz da verdade, ou a Avalokitesvara (Kuan Yin), corporificação da suprema compaixão. Um mantra realmente impressionante de três mil sílabas era recitado durante quase trinta minutos, ainda que o ritmo batido no tambor-peixe de madeira fosse rápido e não lento. No entanto, tais mantras litúrgicos, emitidos de maneira monótona demais para serem chamados de cânticos, eram mais melodiosos e variados do que o cantochão propriamente dito.

Apesar de ter sua origem na Índia, a melodia não podia mais ser reconhecida como indiana. Todos os monges recitavam toda a liturgia de cor e, ainda que as seções mânticas não contivessem nenhum significado inteligível, eu podia ver, pelas expressões dos que ocupavam a nave, que elas inspiravam exaltação. Na verdade, havia sempre um punhado de monges que tinha tosse ou resfriados e alguns irrequietos e jovens noviços, que aparentavam o desejo de que o rito terminasse. Mas a maioria da assembléia permanecia de pé, imóvel, de olhos fechados, a bem-aventurança iluminando os seus rostos. Eu também me sentia invadido e elevado por aquela torrente solene de sons, desejando participar. Desanimado pela dificuldade de decorar tudo, nunca aprendi o mais longo dos mantras, mas consegui entregar à memória inclusive o de 415 sílabas, Ta Pei Chou (Mantra da Grande Compaixão) que, em certas ocasiões, era repetido vinte e uma vezes, ou até cento e oito vezes consecutivas.

Havia um velho monge que, em resposta à minha pergunta sobre a razão da serenidade inspirada pelos mantras, respondeu que era o *som*, que, inspirado de modo misterioso, tornava a mente capaz de secreta afinidade com o Tao, a Fonte do Ser, mas a resposta não me impressionou, por ser muito vaga. Eu ainda estava inclinado a supor que o efeito era semelhante ao da hipnose, devendo-se mais ao ritmo do tambor e ao melodioso clangor da grande chapa de bronze do que aos próprios mantras; ainda assim, reconheci a superioridade do pronunciamento mântico sobre a oração, pois as orações transmitem um significado conceitual ao evocar o pensamento, o que impede a serenidade da mente do adepto. A mente de alguém não consegue atingir um estado de calma, sem perturbações, refletindo a serenidade da Fonte, enquanto estiver ligada a dualismos como "Eu, o adorador; Ele, o Adorado". A oração é, no máximo, uma forma elementar de comunhão mística; quanto às orações que contêm petições, nada menos espiritual e com interesse pessoal do que rezar por uma vitória, por tempo bom ou boa sorte, que só pode ser obtida à custa dos outros. Não era de admirar que eu confundisse o processo dos mantras com algo semelhante ao poder hipnótico. Os ocidentais, educados para questionar, analisar,

investigar, ficam portanto impedidos de chegar espontaneamente ao êxtase místico.

Quanto aos outros componentes da liturgia chinesa budista, sem comparação, a mais interessante era a recitação de fórmulas devotas — prática de *nien-fu* mas eu também apreciava os cânticos de bênção e os anelos, pela riqueza de sua imaginação. Imagens como "Buda brilhando com a Lua da Flor Dourada", "Buda fulgurante com a Irradiação Cor de Pérola do Sol e da Lua" talvez promovam a realização intuitiva da experiência mística, geralmente acompanhada pela percepção da luz interior.

Namo O-mi-to Fu (Reverência ao Buda Amitabha ou à Encarnação da Luz sem Limites), a fórmula *nien-fu* mais largamente usada, tem, é claro, um significado conceitual, mas era usada na maneira pela qual os místicos da Igreja Ortodoxa empregam a Prece de Jesus, isto é, como meio de transcender o pensamento conceitual e de estabelecer a comunhão com O Que Existe no íntimo. A recitação da fórmula constituía uma parte importante do rito noturno. Os monges, fossem apenas um punhado ou várias centenas deles, perambulavam pelo vestíbulo do santuário, enfileirados, às vezes passando por trás das estátuas douradas, às vezes indo e vindo do espaço entre as estátuas e o altar, onde ardiam as lâmpadas e as velas. À frente caminhava o celebrante, seguido pelo chantre que batia o ritmo num tambor portátil, decorado com laca dourada e escarlate. Inicialmente, o andar era lento e às vezes se prolongava sobre cada sílaba — NA-a-a-a MO-o-o-o-o O-a-a- a-a MI-a-a-a-a TO-a-a-a FU-u-u-a-a-a. Depois, o ritmo se acelerava, os sapatos de sola de tecido batiam mais rápido e a invocação assumia uma urgência crescente. Ao final, os monges avançavam tão depressa quanto podiam sem desandar numa correria ou tropel, enquanto a invocação era encurtada para quatro sílabas pronunciadas com rapidez,- OMITO FU, OMITO FU, OMITO FU. . . Então, à medida que se elevava o fervor, e às vezes subia num crescendo, uma nota semelhante à de um sino soava na chapa sonora, o que levava a procissão a uma parada. Seguia-se um momento de silêncio, interrompido talvez por um suspiro.

Então, CLANG! Com este sinal partido da grande chapa de bronze, os monges, adequadamente, apressavam-se a retomar seus lugares no centro do vestíbulo, para os estágios finais do rito.

Esotericamente, eles haviam recorrido ao Buda Amitabha para que os admitissem, quando morressem, em sua Terra da Pureza, onde, libertos de todos os obstáculos mundanos, pudessem se preparar para a inefável beatitude do Nirvana. Esotericamente, a Terra da Pureza era reconhecida como algo inatingível dentro da mente do próprio devoto — um estado de tranqüilidade que sobreviria quando a mente fosse expurgada do desejo desordenado, e iluminada pela compaixão, uma perfeita unidade das mentes com Mente! Ensinaram-me que pronunciar o nome sagrado com perfeita concentração, mil vezes, dez mil vezes ao dia, fosse com a mente e os lábios ou só com a mente, sem dar importância, por menor que fosse, ao assunto prático do dia, suscitaria um estado de santidade para além do pensamento conceitual. A consciência, liberta das distinções mutiladoras entre pensador e pensamento, entre pensamento e objeto do pensamento, expandir-se-ia e assumiria a vastidão e sublimidade da Fonte Suprema — Amitabha reconhecida como Pura Mente, o Tao, Nirvana!

Naturalmente, naquele tempo eu ignorava o significado secreto da doutrina da Terra da Pureza; os monges, na sua sabedoria, abstinham-se de expor doutrinas tão sutis a noviços, e eu não tinha Ta-hai ou o Quinto Tio para murmurar pequenas explicações aos meus ouvidos. É preferível, além do mais, deixar que o conhecimento vivificante surja por si mesmo. Apesar disso, eu já tinha conseguido entender que a prática *nien-fu* seguida durante o rito noturno não era essencialmente diferente da recitação dos mantras pela manhã; as duas práticas envolviam o uso de palavras de um modo que transcendia o seu significado.

Tendo sonhado de longe com a China, desde meus onze anos, tinha ânsia de conhecer cada vez mais o que me parecia uma terra mágica. Minhas inquietas viagens levaram-me a inúmeros santuários budistas e taoístas, sendo alguns grandes mosteiros e outros pequenos, quase sem visitar os templos. Os locais haviam sido escolhidos com amorosa atenção e pelos encantos da natureza.

Encontravam-se tetos curvos cobertos de porcelana verde, azul ou amarela, erguendo-se como palácios de fadas entre bosques de cedros ou moitas de bambus delicados. Às vezes, seus muros escarlates ou carmesins podiam ser vistos junto à saliência de um rochedo que dominava, lá de cima, uma torrente fumegante, ou um elegante pagode ser entrevisto sobre o topo de uma colina à beira de um lago, com seus onze ou treze andares refletidos na superfície da água. Beleza e mais beleza! Os imponentes portões de entrada desses santuários formavam o limiar de um mundo de mistério. Até mesmo as cozinhas e banheiros, até as divisões para latrinas, tinham nalguma parede ou pilar um pedaço de papel escarlate inscrito com um mantra apropriado para cozinhar, lavar-se ou esvaziar os intestinos, preciosos lembretes sobre a santidade de cada ação, de cada objeto, sem excluir os que encham de nojo as pessoas sem discernimento. Deste modo, os monges eram exortados a não fazer um uso menos apropriado do tempo dedicado a tarefas e a abluções do que das horas que passavam na sala de meditação. A completa negação do ego, a união consciente com a Fonte do Ser é uma realização tão difícil dentro do tempo de uma vida que nem um momento pode ser desperdiçado; pois, se a oportunidade é perdida, quanto tempo a mais de vida não se passará até que as condições necessárias para progresso ulterior sejam encontradas? Tais foram, pelo menos, os pensamentos que inicialmente inspiraram a colocação de mantras em lugares tão pouco apropriados, mas a longa familiaridade havia enfraquecido a sua mensagem. É duvidoso que ao menos um monge, entre dez ou vinte, tenha realmente recitado um mantra enquanto se agachava sobre uma fossa.

Lamento agora não ter indagado por que certos mantras, particular, eram julgados apropriados para a ablução ou a defecação. A resposta poderia ter lançado alguma luz sobre a questão de fazer distinção entre toda uma série de mantras necessários para corresponder à variedade de circunstâncias, ao passo que uma fórmula *nien-fu* é considerada inteiramente Suficiente para uso em todas as contingências.

Havia mantras especiais para uso durante as refeições. Os monges, tendo entrado no refeitório, ficavam de pé, em Silêncio,

enquanto um deles fazia uma oferenda aos espíritos girantes que se acreditava estarem ali aglomerados. Erguendo alguns grãos de arroz, em pauzinhos, o monge os depositava sobre um baixo pilar de pedra, esculpido em forma de lótus e que ficava no pátio adjacente. Ao fazê-lo, recitava um mantra que converteria mentalmente a oferenda num grande banquete. Apesar de não estar convencido, então, da existência desses invisíveis aglomerados, eu admirava a prática, tomando-a como um lembrete diário do dever budista da compaixão para com qualquer espécie de ser sensitivo, e da verdade da ioga de que nada é o que parece ser, sendo ilusória a aparente solidez dos Objetos, sendo os visíveis e os invisíveis igualmente reais ou irreais.

O mais belo e misterioso dos ritos monásticos era o usado para saciar a fome das "bocas ardentes" ou dos espíritos atormentados de homens que haviam sido avarentos. Quando ocorria uma morte, era costume dos parentes do morto realizarem vários atos caridosos para acrescentar sua provisão de méritos e assim exercer uma influência benigna nas condições de sua existência seguinte; dessas ações, em geral faziam parte a distribuição gratuita de algum texto sagrado, como o Diamante Sutra e o oferecimento de um banquete para as "bocas ardentes". Para esse rito, o principal oficiante, vestido com uma túnica escarlate e dourada, e usando o chapéu em forma de lótus com cinco pétalas de um Bodhisattva, sentava na ponta da mesa comprida e estreita, com seus assistentes colocados em banquetas de cada lado e equipados com acessórios tais como livros litúrgicos, tambores, sinos e implementos rituais. A mesa era então colocada de modo a ficar de frente para um pátio bastante espaçoso para acomodar a multidão de hóspedes invisíveis bocas-ardentes com gargantas finas como hastes de grama e monstruosas barrigas, nas quais bastava jogar um grão de arroz ou um gole de água para que se transformassem logo numa chama ardente, a não ser que esse alimento se transformasse em *amṛta* (néctar) para conforto dos hóspedes.

À medida que o rito prosseguia, os dedos do oficiante agitavam-se durante uma série de mudras, tão graciosamente como os gestos de uma dançarina indiana; enquanto isso, ele entoava uma seqüência

de mantras pontilhada pela batida do tambor de madeira e o tilintar de um sino ritual. Os verdadeiros adeptos dessa tarefa sabiam produzir ondas de sons impressionantemente melódiosos. As palavras não podem reproduzir a beleza desse rito ou a melancolia e pavor que ele criava no coração dos presentes. Os lindos gestos e o canto misterioso, com suas cadências antigas, atuavam de tal modo sobre os sentidos que era fácil ver a multidão de espíritos atormentados e, igualmente, "ouvir" seus gritos lamentosos enquanto esperavam, com angústia e agoniada ânsia, pelo *amrta* que apalaria sua fome e sua sede. Não era preciso crer firmemente nessas presenças invisíveis para se comover com o drama do ritual, pois o mundo está repleto de seres famintos e carentes — humanos, animais, e talvez membros de ordens invisíveis — lamentavelmente necessitados da compaixão que brota na mente, tal como ensina a experiência iogue.

Por mais impressionantes que fossem esses remanescentes de uma rica tradição mântrica outrora difundida, em breve me vi forçado a concluir que o conhecimento sobre a natureza e função dos mantras se havia tornado raro na China, exceto nas regiões fronteiriças onde florescia a Vajrayana e em certas cidades da Mongólia e do Tibete, onde foram reintroduzidos por pequenos grupos de devotos. O prevaletimento dos mantras na liturgia monástica seguida pelas seitas Ch'an (Zen) e da Terra da Pureza era a curiosa e fortuita sobrevivência do tempo em que a extinta Seita Esotérica havia florescido. Provavelmente, a liturgia havia sido planejada de forma aceitável para todas as seitas, numa época em que a Seita Esotérica ainda se mantinha entre as outras, e a intenção havia sido a de que todas as abordagens da sabedoria iogue deviam ser encorajadas. Como os mosteiros chineses eram fortalezas da tradição, ninguém havia pensado em modificar a liturgia, mas era raro encontrar um monge que fosse capaz de expor uma tradição mântrica. A maior parte dos monges, tendo perdido os aspectos mais sublimes, contentava-se em considerar os mantras como força mágica, útil para o alívio de doenças, e para transformar as oferendas para os espíritos, sem preocupação direta com os que estão ligados à suprema tarefa de alcançar uma realização mística.

Para um Mestre- Dharma preparado para discorrer, mesmo brevemente, sobre os mantras, havia dezenas deles que preferiam falar a respeito dos maravilhosos frutos da prática *nien-fu*, ou sobre os métodos contemplativos da seita Ch'an. A serenidade experimentada durante a recitação dos mantras litúrgicos era bem real; no entanto, eu tinha certeza de que haviam sido mantidos mais por respeito à tradição do que pelo cuidado com seu valor como auxílio para o progresso na ioga.

Como é natural, eu estava muito influenciado pelas idéias de meus mestres chineses e pelos monges com os quais costumava passar semanas ou meses de cada vez, de modo que continuei a compartilhar de sua atitude para com os mantras, continuando a atribuir seu efeito sobre mim ao canto sonoramente ritmado, mais do que ao poder das próprias sílabas mântricas. Mas sempre que eu deixava perceber que considerava os ritos para alimentar espíritos e bocas-ardentes como encantadoras alegorias com a intenção de desenvolver uma compaixão espontânea, os monges repreendiam minha descrença e insistiam comigo sobre o que sem dúvida julgavam ser verdadeiros relatos de maravilhas produzidas pelos mantras. Entre essas histórias, havia uma que me causou grande impressão porque, verdadeira ou não, parecia indicar o que poderia ser a fonte real do poder mântrico, se é que tal poder existe de fato. Não me lembro do nome do Mestre-Dharma que foi o principal protagonista, mas o chamarei de Hung Kuan Fa-Shih. Assim é a história:

O Mestre-Dharma Hung Kuan Fa-Shih era tão maravilhosamente adepto da realização dos ritos para beneficiar bocas-ardentes e espíritos errantes, que aos circunstantes parecia estar presente uma multidão que se reunia junto à mesa, em que, vestido como um Bodhisattva, ele ficava sentado entoando as palavras sagradas, com as mãos adejantes e os dedos girando, à medida que os mudras iam sendo substituídos. Mais de uma vez, alguém o ouvira dizer: "Entre os cidadãos de todos os universos das dez direções, não há nenhum tão maldoso como aquele que transgrediu a incomensurável compaixão de Buda. Os que temem pelo bem-estar dos seus mortos podem murmurar o nome deles para mim. Mesmo que sejam

culpados de crimes nefandos, como matar e comer a carne dos seus parentes, eu não os abandonarei. Foi este o voto que fiz perante a face do Buda Compassivo." Até mesmo os descendentes de diabos podem ser movidos pela piedade filial, de modo que aconteceu virem filhos e filhas de criminosos decapitados e de outros miseráveis que haviam mergulhado em crimes. Eles vinham procurar o Mestre-Dharma em segredo e implorar sua ajuda. Ele nunca a recusou. Certa noite, ele admitiu em seu eremitério um moço que viera interceder por seu pai, notório bandido, culpado não só de um mas de dois, entre os cinco crimes que, segundo o ensinamento ortodoxo budista são indizivelmente atrozés. Tendo liderado o ataque a um convento isolado, ele imitara seus companheiros, violentando e assassinando castas freiras e "tirando sangue do corpo de um Buda", isto é, cortando com sua espada as imagens sagradas!

Suspirando ao pensar em crime tão insensato e apavorante, Hung Kuan concordou com o pedido do moço e, despertando seu discípulo mais chegado, preparou-se imediatamente para lutar pela libertação do espírito atormentado. Durante o rito, os outros notaram, com preocupação, que de vez em quando o Mestre-Dharma titubeava, com as faces brancas como cinza*, as mãos trêmulas, a voz chegando a ser um sussurro, mas, de cada vez, ele parecia fortalecer-se e o rito prosseguia. Emergindo da escuridão circundante, o espírito do chefe dos bandidos apareceu. Ficou de pé, inclinado sob o peso acabrunhador dos pecados. Foi fácil notar o feliz momento em que esse peso, abruptamente, caiu. Imediatamente, sua forma enevoada ficou ereta e, olhando o moço, gritou num tom de gelar sangue, como falam os que ultrapassaram o limiar da morte: "Moço infeliz! Você teria agido melhor se deixasse seu pai sofrer uma era de tormento do que privar o mundo deste santo monge que salvou um número incontável de miseráveis criaturas de uma sorte dolorosa e que tinha muitos anos de vida diante dele!" Com estas palavras, o espírito desapareceu. O Mestre-Dharma, lutando contra a fraqueza, conseguiu força suficiente para terminar o rito, antes de cair morto nos braços de seu choroso discípulo.

Afinal, voltando-se para o aterrorizado moço, esse monge falou com tristeza: "Nosso Mestre foi capaz de libertar numerosos espíritos pelo poder de seu mérito. Todo mantra que ele pronunciou, cada um de seus gestos sagrados, tudo foi fortalecido pela vitalidade de sua mente imperturbável. Sem dúvida, ele sabia que libertar um espírito carregado por tão repugnantes crimes, como os de seu pai, esgotaria sua reserva de força vital. Entretanto, em vez de rejeitar seu voto, ele o ajudou de boa vontade, mesmo sabendo que isso lhe custaria a vida! O mínimo que você pode fazer é apressar-se em entrar num mosteiro e passar sua vida adquirindo mérito para ajudar, por sua vez, alguns espíritos desgraçados." Assim fez o moço, porém a recompensa foi pequena diante de tão irreparável perda. Há outra história que permanece em minha memória provavelmente porque, quer seja verdadeira ou apenas criada como um conto moral, contém um elemento factual com relação à natureza do mantra. Na província de Honan havia duas crianças, Lao San e Lao Szê. Como Confúcio em tempos antigos, o menino e a menina gostavam de imitar as cerimônias adultas. Além de realizar "casamentos", "funerais" e "cerimônias da lua cheia", usando bonecas para representar bebês de um mês, freqüentemente visitavam um templo deserto a fim de se prosternarem até o chão diante de Buda Compassivo. Certo dia, para sua considerável mas não imensa surpresa, a estátua do Buda falou com eles, comunicando uma breve fórmula sagrada cujas sílabas eles decoraram com atenção, apesar de incapazes de entender seu significado. Foi um segredo que guardaram dos outros e, sempre que surgia um problema infantil, eles repetiam as sílabas num murmúrio, e o problema era resolvido, logo ou pouco tempo depois.

No inverno seguinte, eles pararam por acaso diante de um lago gelado, para ver outras crianças patinando. Em dado momento, um garoto de uns catorze anos aproximou-se do centro do lago, mais do que seus companheiros. Subitamente, com o som de um tiro de revólver, o gelo se partiu e começou a baixar. Com a rapidez do pensamento, os irmãos pronunciaram sua fórmula sagrada, depois do que o gelo partido, através do qual a água começava a subir, ficou firme até que o patinador alcançasse o gelo mais firme perto

da margem. Dançando de satisfação, Lao San e Lao Szê gritaram a plenos pulmões que o garoto devia a vida às suas palavras mágicas. Meio impressionadas, meio caçoístas, as outras crianças se reuniram à volta deles, exigindo uma explicação.

"Quais palavras mágicas?" exclamou outro garoto, torcendo o braço de Lao San até que ele gritou, pedindo piedade. Instintivamente, os irmãos sabiam o que aconteceria se revelassem seu segredo, mas a dor era forte demais para que o menino a suportasse. Soluçando amargamente, revelou a sagrada fórmula: Naturalmente, as outras crianças exigiram uma demonstração antes de soltar sua vítima. Infelizmente, quando aplicada para salvar um cão vadio de uma saraivada de pedras, o mantra falhou. E também nunca mais agiu, para Lao San e Lao Szê.

A verdade contida nesta pequena história é a de que os adeptos da arte mântrica que se gabam de sua realização, ou procuram demonstrá-la para outros, perdem seu poder. Isso é lamentável, pois o reconhecimento desse fato reforça a modéstia natural que advém do progresso espiritual, com o resultado de que raramente alguém pode testemunhar, a não ser por acaso, manifestações convincentes do poder mântrico. A convicção, em geral, só é obtida como resultado do poder interior que a pessoa alcança.

O fato de que este genuíno conhecimento mântrico tenha sido outrora muito difundido na China é verificável por várias passagens da liturgia budista. Por exemplo: há uma passagem, conhecida como "Mêng-Shan Shih Shih-I" (literalmente, "Doação do Monte Secreto de Oferendas") que, de modo superficial, assemelha-se a mágica quando o oficiante traça com a ponta do dedo uma sílaba mântrica sobre uma tigela de água pura, a fim de convertê-la em *amṛta* ou, como dizem os chineses, *kan-lu* (orvalho doce); mas é notável que, antes do mantra, vêm as palavras: "Quem quer que deseje compreender os Budas do Mundo Tríplice deve entender que o universo inteiro consiste em nada além da mente." Isto, como vim a saber mais tarde, é o contexto no qual toda a ciência dos mantras deve ser entendida. Nesta passagem, temos o remanescente do conhecimento profundo anteriormente transmitido pela Seita Esotérica. Por que teria desaparecido da China esta seita com seus

fascinantes segredos, há quase mil anos? Provavelmente, porque empregou a imagem sexual que, por motivos perfeitamente respeitáveis, caracteriza a Seita Vajrayana do Tibete. Se é assim, as autoridades confucianas, ignorando a elevada natureza das doutrinas veladas por essa imagem, devem ter ficado assustadas. Os confucianos, sem serem puritanos inflexíveis, eram chocantemente cheios de preconceitos, e podem muito bem ter dado ordens para que as imagens e pinturas sagradas fossem destruídas. Outra possibilidade é a de que, impressionados pelos relatos sobre os estranhos poderes dos iniciados, os confucianos os tenham tomado por feiticeiros, perseguindo-os com rigor. Em toda a história e em muitas partes do mundo, a acusação de feitiçaria tem freqüentemente sido feita a expoentes das formas mais esotéricas de religião, apesar de sua conduta ser em geral inatacável, governada por intenções da mais irrepreensível pureza.

Capítulo 3

O INÍCIO DA COMPREENSÃO

Mais uma vez, abria-se a cortina para uma cena desconhecida. Os grandes templos que eu visitara na China ficavam mil milhas a leste. Ali, ao pé do Himalaia, erguiam-se montanhas que cortavam transversalmente a fronteira indo-tibetana, havia muitos adeptos de ioga, mas nada das maravilhas arquitetônicas, sobreviventes de eras passadas. Após alguns dias de caminhada através das montanhas, encontrei um templo rústico, construído com materiais de fácil aquisição. Quadrangular e artisticamente despretensioso, apenas uma entrada pintada e um telhado piramidal proclamavam seu propósito sagrado. No interior, sombrio, uns poucos lamas, com túnicas de um castanho sujo, estavam sentados de pernas cruzadas em suas almofadas, no chão, diante de um altar guarnecido com lamparinas e vasilhas de prata para oferendas, e aquelas curiosas figuras chamadas *torma*, feitas com massa de farinha amanteigada. Pesadas nuvens de incenso pairavam no ar. No lugar em que deveria haver, em templo mais rico, uma esplêndida imagem, estava pendurado um esfarrapado *thanka* (pergaminho de parede) representando uma divindade feminina de aspecto feroz, com um pé levantado e pousado sobre o joelho, o outro pisando um disco solar apoiado por um cadáver que jazia de costas sobre o desenho de uma lua a cobrir um lótus gigantesco. O diadema que cingia seu cabelo cor de fogo era composto de esqueletos humanos; um colar de cabeças cortadas adornava sua carne nua, de violenta cor escarlate. Apesar da estranheza desses atributos, não senti receio algum, pois a expressão dos lamas era suave e delicada; por bizarros que fossem os símbolos sobre os quais meditavam, dificilmente se poderia duvidar de que fossem homens de bondosa disposição e de pensamentos sadios. Junto com o fantástico tilintar de sinos vajra e a batida dos tambores de mão giratórios, tocados

por bolinhas presas a tiras de couro, os lamas estavam produzindo uma inundação de sons que mais pareciam brotar de seus ventres que de seus órgãos vocais. Mais do que nunca, até então, reconheci o poder dos mantras em transportar a mente a um estado de tranqüila bem-aventurança. Também me regoziquei com o pensamento de que aquela cena era em tudo semelhante à que devia ter surpreendido viajantes como eu, que passaram por aquela região mil ou mais anos antes.

Antes de deixar a China, as sementes plantadas em minha mente pelo lama tibetano de Hong Kong haviam sido regadas de vez em quando, pois eu me havia hospedado com freqüência em mosteiros de estilo tibetano, nas províncias mais remotas; mas somente em 1948, ano em que, com tristeza, eu disse adeus à terra que tanto amava, estabeleci contato com os lamas tibetanos e comecei a adquirir uma visão real sobre o mundo mágico da Vajrayana. Durante a década seguinte, fiz várias e prolongadas visitas aos montes do Himalaia — ao belo Gangtok e ao mosteiro da montanha de Tashiding, cercado por uma torrente, em Sikkim, e àquelas cidades montanhosas nas fronteiras da Índia, para as quais tantos lamas eminentes haviam fugido após o avanço chinês sobre Lhasa.

Os tibetanos são, de muitas maneiras, um povo materialista; noutras, são como seres de outra era, tão rica é sua satisfação pelas coisas simples, tão espontâneo seu riso e tão permanente sua alegria e fé em Cho — o Dharma Sagrado. Como exilados empobrecidos, estavam quase sempre malvestidos, sem os acessórios coloridos que haviam emprestado esplendor a seus antigos rituais, porém seus ritos permaneciam inspiradores — o rufar dos tambores e o estrépito dos címbalos, o poder elementar da melodia sagrada, os ritmos impressionantes dos cânticos e as expressões extasiadas que se viam no rosto dos celebrantes. Era fácil ver que suas mentes se haviam elevado até o reino intemporal de alegria e mistério. Em breve, atingi visão nova sobre a natureza dos mantras; como manifestações do *shabda* (som sagrado) eles têm qualidades em comum com a música religiosa tibetana, onde por sua vez ecoam a voz dos ventos em lugares elevados, o bramido das torrentes montanhosas e o estalar dos trovões. Alguns dos

tesouros da mente que podem ser descobertos na região do Himalaia, inspiradora de terror, foram descritos em três dos meus livros anteriores [*The Wheel of Life*, *The Way of Power* e *Beyond the Gods*), neste, descreverei em particular o que é pertinente aos mantras. Por acaso, mais do que por escolha, os ensinamentos e iniciações que recebi foram transmitidos sobretudo por Nyingmapas, isto é, adeptos de uma antiga seita que floresce nas fronteiras a leste — Kham e Amdo (Ch'inghai) e no minúsculo reino de Sikkim. Há budistas que consideram erro o fato de esta seita ter perdido muito de suas características monásticas, pois é verdade que os lamas Nyingmapas são, com freqüência, leigos casados e não monges. E isso porque a seita fugiu à "reforma" que foi capaz de preservar sem interrupção certas tradições secretas, vindas de remota antigüidade. Não existindo contrapartida budista nos antagonismos e rivalidades que tão tragicamente despedaçaram a Cristandade, onde as seitas tibetanas divergem é em relação ao método e não à doutrina; portanto., os lamas Nyingmapa ensinam a contemplação e os exercícios de ioga, enquanto os lamas Gelugpa exigem dos neófitos um longo estudo preliminar da doutrina, sendo a prática iogue muitas vezes adiada até a idade madura. Qual seja o sistema mais sensato, é questão de opinião; mas meu encontro com os mestres Nyingmapa foi sem dúvida uma vantagem, por me terem ministrado de boa vontade o ensino da ioga.

Os tibetanos absolutamente não são grandes mestres nas artes secretas da ioga. Ao contrário, o budismo prevalece entre eles, tanto no nível popular como no mais elevado, e grande parte do que ali presenciei no começo me lembrava igual situação na China, onde pouca distinção se fazia entre mantras e feitiçaria. Por exemplo: sempre que eu ia àquelas montanhas, tinha provas da prodigiosa fé na eficácia do mantra OM MANI PADME HUM como encantamento protetor; estava inscrito em rochedos na estrada e sobre muros erigidos especialmente para exibi-lo, muitas vezes com as sílabas pintadas em sua apropriada colocação iogue. Em toda parte viam-se pessoas que giravam moinhos de rezas contendo rolos de seda ou de papel nos quais o mantra fora escrito cem ou mil vezes; ouvi falar de moinhos de rezas movidos por rios turbulentos e vi potentes

tambores metálicos de rezas colocados junto aos portões dos templos, onde todo peregrino que passasse podia fazê-los ressoar. Enquanto giram seus moinhos de rezas, os devotos entoam as sílabas mânticas e as visualizam, de modo que as três faculdades humanas do corpo, da fala e da mente ficam todas entrosadas por OM MANI PADME HUM! Os passageiros dos ônibus de longa distância, os trabalhadores do campo e os refugiados em farrapos olhando cobiçosamente as vitrinas das lojas recitam esse mantra durante horas a fio.

Conhecido como o Mani, é o mantra do Bodhisattva Avalokiteshvara da Suprema Compaixão, que toma a forma do Senhor Chenserig na Mongólia e no Tibete, e da bela Kuan Yin (Kannon) na China (e no Japão). O Avalokiteshvara é conhecido pelos sábios não tanto como deus ou deusa, mas como a encarnação mental de uma força abstrata demais para ser descrita de outra forma que não acrescente nem diminua a força do mantra. Aquilo que para os não-instruídos é uma divindade adorada revela-se igualmente, para todos, uma fonte poderosa de inspiração; pois Avalokiteshvara, quer seja considerado como um ser de existência própria ou como uma criação mental dos devotos, personifica a tremenda força da compaixão, que se distribuí imparcialmente entre todos os seres sensíveis. Também não é significativa a diferença de sexo nas duas manifestações, pois os atributos sexuais dos Bodhisattvas são uma questão exclusivamente convencional. Parece ser mais apropriada para personificar o espírito da compaixão a forma feminina, mas a encarnação masculina, Chenresig, apresenta-se como um ser de aparência não menos delicada, cujo sexo só é óbvio para os que conhecem as convenções iconográficas indo-tibetanas.

Entre as numerosas narrativas associadas com o Mani, a minha predileta é incidentalmente chinesa, mas muito semelhante às que são conhecidas entre os tibetanos.

Um guerreiro mesquinho, conhecido por sua implacável crueldade, presenciando a fuga de suas tropas que deixavam o campo em carreira impetuosa, teve também de fugir para não cair nas garras de seu rival. Depois de tirar o uniforme e envergar a roupa azul de

um camponês grosseiramente tecida em casa, correu como louco para as montanhas. Faminto e cansado, seguiu adiante, tão depressa quanto seu esgotado cavalo pôde levá-lo. Ao chegar a segunda noite, sentiu-se bastante a salvo para passá-la num eremitério próximo da estrada. Descobrimo que os únicos habitantes eram um idoso lama mongólico e um rapazinho que ali trabalhava, agiu com brutal truculência, forçando-os a encher suas sacolas vazias com todas as coisas portáteis de valor que o eremitério continha. Roubar seus hospedeiros era, afinal, sua forma habitual de pagar a hospitalidade, pois a única função dos civis era permitir que os heróis vivessem bem. Como as celas dos monges eram pequenas e sem conforto, ordenou que colocassem um divã na sala do santuário e ali, sem ficar perturbado pela luz de duas velas votivas que iluminavam uma estátua do Compassivo Kuan Yin, mergulhou num sono espasmódico. Com pena de seu grosseiro perseguidor, o velho lama se esgueirou até o divã e, sentado de pernas cruzadas sobre as lajes, num local sombrio, começou a repetir o mantra OM MANI PADME HUM, num murmúrio que durou a noite toda; a não ser quando via o guerreiro agitar-se no sono, então verbalizava as sílabas silenciosamente, temendo perturbar o adormecido. Não havia ressentimento no coração do velho, nenhum lamento pela perda dos valores, sem importância para ele, apenas o compassivo desejo de salvar o hóspede das conseqüências de sua loucura.

Durante a noite inteira, o guerreiro sonhou. Quadros e mais quadros surgiram em sua mente, de alegrias sentidas em vidas anteriores; neles, sempre havia alguém que o havia tratado com amor — a mãe, a irmã, algum amigo querido e assim por diante — mas todos esses episódios eram seguidos por outros, dilacerantes, nos quais ele via uma das pessoas queridas na aparência de uma de suas incontáveis vítimas; muitas e muitas vezes teve de suportar a dor de reviver seus atos de tortura, assassinato ou decapitação de alguém que reconhecia ser um generoso benfeitor em vida anterior. Era insuportável, era horrível, ver-se como um feliz garoto sendo acarinhado por sua mãe que o adorava e depois como o brutal violador e executante da mesma pessoa amada noutra aparência

facilmente reconhecível; fossem quais fossem as lágrimas e lamentações, ele não podia sustentar sua mão.

Despertou com a primeira luz da madrugada, o corpo banhado em suor, a mente enevoada pelo desprezo de si mesmo. De joelhos, caiu ante a imagem do Compassivo Kuan Yin e bateu sua cabeça nas lajes, num frenesi de remorso. Entretanto, seguindo as instruções dadas na noite anterior, o rapazinho havia tirado o cavalo do estábulo e colocado nele os alforjes com os valores roubados. Tendo feito isso, ajudou o velho lama a levar para o hóspede uma refeição com chá quente, oferecendo-lhe o parco alimento de que dispunham naquele pobre lugar. Depois, com grande espanto do rapazinho, o guerreiro, antes tão truculento, inclinou-se até o chão ante o lama e implorou para ser aceito como discípulo.

"Não", foi a resposta. "A vida monástica não é para você. Continue o seu caminho. Se em qualquer tempo sua sorte melhorar, use seu poder e sua riqueza para o bem-estar dos oprimidos, lembrando que qualquer um deles pode ter sido seu pai, sua mãe ou seu amigo numa das vidas anteriores, pois as vidas de todos os seres sensíveis se interligam no passado durante eras inumeráveis."

Pasmo diante dessa íntima conexão entre aquelas palavras e seu pesadelo recente, o guerreiro implorou ao lama que lhe desse algo a que se apegasse nos anos futuros, ao que o velho respondeu:

"Nada há no universo mais forte que o poder da compaixão. Apegue-se apenas a isso. Se os seus esforços, alguma vez, falharem, devido à carga do karma criminoso, que as palavras do mantra de Kuan Yin, OM MANI PADME HUM sejam o sinete do seu pacto para nunca mais ceder à crueldade e à avareza."

Assim o guerreiro, depois de devolver o roubo, partiu envergonhado. Dizem que, anos depois, alguns de seus antigos subordinados o encontraram ganhando seu arroz como arrieiro, empregado numa comunidade de monges em remoto mosteiro do cume oriental do Wu T'ai.

Os não-iniciados usam o Mani muitas vezes como feitiço protetor contra toda espécie de má sorte, seja do próprio indivíduo ou de outrem. Ele é pronunciado em momentos de perigo, entoado suavemente quando se conforta alguém em aflição e recitado

mentalmente ou alto, em repetição infindável, pelos que buscam nascimento na Terra da Pureza. Inúmeros tibetanos morrem tendo nos lábios o Mani. Há também muitas aplicações especiais do mantra. Há pouco tempo o sr. Lu k'uan-yü escreveu-me sobre sua aplicação curativa no tratamento das alucinações correntes e doenças psíquicas similares. O paciente deve se sentar diariamente diante de uma vasilha de água e, invocando Avalokiteshvara de todo o coração, olhar para a tigela durante algum tempo, enquanto recita o Mani. Quando se vê um lótus emergindo da água, a cura é garantida. Eu mesmo pude me curar, no espaço de uma noite, de uma doença que me atacou durante uma semana, em viagem a cavalo através das montanhas no norte da China. Tendo caído da minha mula e sendo acudido e levado até a hospedaria mais próxima, recuperei a consciência ao descobrir, sentado na minha cama, um lama mongol entoando suavemente OM MANI PADME HUM. Maravilhosamente recuperado, senti a fadiga e a doença desaparecerem, e na manhã seguinte continuei a viagem, sentindo-me tão bem como no primeiro dia. É possível argumentar que o efeito dos mantras em tais circunstâncias é puramente psicológico. Isso é bem verdade, mas num sentido que não é de todo simples. A energia da compaixão personificada por Avalokiteshvara é real, e reside no nível profundo de nossa consciência; está presente em todos nós, ainda que escondida pelos obstáculos do ego, e é despertada pelas sílabas, sobretudo quando pronunciadas com profunda aspiração pela felicidade de outrem. Por uma razão qualquer, essa energia é mais facilmente evocada do que outras similares, para as quais existem outros mantras; provém daí a larga popularidade do Mani entre os que não receberam o ensinamento da ioga, do qual depende a eficiência dos demais.

O Mani também pode ser empregado em níveis mais elevados de ensinamento, e não são poucos os lamas eruditos que o consideram o mantra dos mantras, inteiramente completo em si mesmo, desde que alguém conheça os meios de usá-lo efetivamente. Apesar das aparências, nenhuma operação mágica participa dele. O mantra, além de ter uma afinidade psíquica com um elemento encaixado na consciência de quem o usa, e com um elemento idêntico na psique

daqueles sobre os quais é usado, recebe enorme força de poder cumulativo das sagradas associações com as mentes das inúmeras pessoas que o pronunciaram durante o curso de séculos.

Ao relatar o que se segue sobre algumas das práticas iogues do Mani, antecipo-me de algum modo para reunir tudo quanto foi dito sobre este mantra num só lugar. Segundo a doutrina Mahayana, tal como interpretada pela seita Vajrayana, a suprema energia que brota da Fonte Suprema, e dali para as profundezas da consciência do adepto - tem dois aspectos: a sabedoria da realização sagrada e a sabedoria da compaixão. Esta última muitas vezes é personificada pelo Buda Amitaba, do qual Avalokiteshvara é conhecido como uma emanção divina. Entre as inúmeras formas do Bodhisattva Avalokiteshvara, a mais freqüentemente admirada é a de uma divindade de quatro braços, de pura cor branca, duas mãos prendendo uma jóia colocada palma a palma num gesto de oração, duas mãos erguidas à direita e à esquerda, uma segurando um fio de contas de cristal, simbolizando a contemplação, a outra com um lótus que representa a perfeição espiritual. Mas a contemplação bem realizada não requer reflexão cuidadosa sobre o Simbolismo; há profundas razões na ioga para essa forma da divindade, sua postura, seus gestos, suas cores e atributos, que são reconhecidos e aceitos por todos quantos admitem que a tradição vinda de Nalanda há séculos atrás, e mantida no Tibete de hoje, nada contém de fantasioso ou arbitrário. Exceto no início da prática da ioga, pouca preocupação se tem com o assunto, porque pensar muito na interpretação do Simbolismo pode levar à distração; é preciso permitir que os símbolos ajam diretamente sobre um nível mais profundo da consciência. A forma bonita do Bodhisattva Kuan Yin (Kannon), conhecida por todos os amantes da arte chinesa e japonesa, é, similarmente, produto da intuição iogue; mas os artistas, ignorando o fato de que Kuan Yin é uma divindade de meditação e não um deus, podem ter introduzido detalhes imaginosos que não se encontram em pinturas ou estátuas especialmente preparadas como apoio para a meditação.

O Mani pode ser usado em qualquer momento, sem preparo especial, por aqueles que possuem algum conhecimento dos

métodos da ioga contemplativa, ou por aqueles capazes de imbuir a forma do ser compassivo com o poder advindo das associações que ele desperta em suas mentes. Sua recitação por adeptos é, em geral, acompanhada da visualização da forma divina e das sílabas, cada qual com sua cor apropriada; simultaneamente, brota na mente do adepto o desejo profundo pelo bem-estar dos seres sensíveis e a vontade de experimentar compaixão por todos eles — não só por aqueles que é fácil amar, como amigos, cavalos, elefantes e Cachorrinhos, mas também pelas criaturas até então consideradas repelentes, como insetos nocivos, répteis, soldados, bandidos, fantasmas e demônios. A princípio, mesmo sendo incapazes de amá-los, é possível ao menos simpatizar com suas tristezas e alegrar-se com suas transitórias alegrias, vendo-os como seres igualmente condenados, como nós mesmos, a vagar de nascimento em nascimento, era após era, até alcançar a Luz. Objetos anteriores do desagrado do adepto, suas inimizades ou aversões peculiares devem ser os primeiros destinatários do poder do Mani, devendo o adepto dirigir seu pensamento para eles com todo o amor de que seja capaz. Possuído de tristeza pelos fardos que todos devem carregar, e ansioso pela felicidade universal, ele olha as belas feições do Bodhisattva, já radiantemente visíveis à sua visão interior, e recita repetidamente OM MANI PADME HUM! Ou então se aprendeu com um mestre tibetano, UM MANI PEME HUNG!

(A vogal "U" é semelhante à primeira vogal da palavra inglesa "woman"; o "A" é pronunciado como em "father"; "PEME", contração de "PADME", soa quase como "pay-may", com a diferença de que o "P" fica parecido com o "B".)

OM, simbolizando a origem, a Fonte Suprema, o Dharmakaya, o Absoluto, é uma palavra de grande poder criativo, considerada com freqüência como sendo a soma de todos os sons do universo — a harmonia das esferas, talvez.

MANI PADME (jóia no lótus) significa vários conceitos como: a sabedoria essencial que existe no âmago da doutrina budista; a sabedoria esotérica da Vajrayana contida na filosofia esotérica Mahayana; a Mente contida dentro de nossas mentes; o eterno no temporal; o Buda em nossos corações; a meta (suprema sabedoria)

e os meios (compaixão); e, se posso permitir-me tirar uma inferência, o Cristo interior que reside na mente do cristão místico.

HUM é o condicionado no incondicionado (que é para OM assim como Tê é para Tao na filosofia taoísta); representa a realidade sem limites incorporada dentro dos limites do ser individual e, deste modo, une todos os seres e objetos separados ao OM universal; é a não-morte no efêmero, além de ser uma palavra de grande poder que destrói os empecilhos criados pelo ego.

Tais interpretações são naturalmente de interesse, mas é necessário acentuar que a reflexão sobre o Simbolismo não faz parte da prática contemplativa. As sílabas mânticas não podem produzir seu efeito total sobre os mais profundos níveis na consciência do adepto se a sua mente está apinhada de conceitos verbais. O pensamento reflexivo deve ser transcendido, abandonado.

Quanto à maneira de recitação, não deve haver regras fixas a não ser aquelas impostas pelo mestre, se ele assim o quiser. A sílaba OM é em geral enfática e mais ou menos prolongada, de modo que o M final vibre. MANI PADME (ou MANI PEME) são recitadas quase como uma palavra. HUM (OU HUNG) é às vezes retardada. Podemos desenhar o ritmo assim: _ - - - - — —! O mantra deve ser pronunciado em tom monótono; ou com a sílaba OM um tanto mais alta do que o resto; ou com as cinco primeiras sílabas em tom monótono e baixo, mas com o HUM tão mais alto do que o resto, como o sol fica acima do dó em nossa escala musical. Nesse caso o diagrama se modificaria para — - - - - — !

Quando a recitação chega ao fim, os devotos permitem que a figura mental do Bodhisattva desapareça de sua mente, qualquer que seja o método aprendido, e depois refletem com gratidão sobre os resultados, tais como o poder de gerar compaixão e distribuí-la imparcialmente, a mais íntima e simpática compreensão dos corações de seres aflitos (ou de algum ser ou seres em particular), ou o alívio da dor, da tristeza ou da confusão mental na mente da pessoa para a qual se dirigiram os votos do adepto. Antes de se levantar, não se deve esquecer de realizar o ato mental de dedicar o mérito resultante de sua prática ao bem-estar de todos os seres, pois esta é a conclusão essencial de todas as práticas e ritos iogues.

Um método popular de usar o Mani é o de gerar compaixão para com todos os seres do universo, dirigindo a mente para cada um dos seis estados de existência por sua vez, enquanto se repete o mantra muito lentamente, talvez 21 ou 108 vezes; em resposta a OM, raios brancos sobre o mundo dos devas; a MA, raios verdes sobre o reino dos asuras (titãs); a NI, raios amarelos sobre o reino humano; a PAD, raios azuis sobre o reino dos animais; a ME, raios vermelhos sobre o reinado dos pretas (bocas ardentes); e a HUM, raios escuros e enfumaçados sobre os habitantes (criados pela mente) do inferno. As sílabas são visualizadas como se fossem evoluindo lentamente dentro do coração do Bodhisattva, cada qual irradiando seus raios na direção certa.

A natural inclinação dos devotos chineses para contemplar a compaixão sob forma feminina é compartilhada pelos tibetanos que, portanto, contemplam Tara, emanção de Avalokiteshvara. De acordo com a necessidade individual, Tara é representada de maneiras variadas, como uma figura maternal de grande beleza ou como uma linda virgem. O método de contemplá-la é semelhante ao usado para outras formas Yidam (formas de divindade interior), como serão descritas em outro capítulo. Aqui, voltando ao uso popular dos mantras, vou alistar os que pertencem às vinte e uma formas em que Tara é invocada pelos que procuram proteção contra uma ou outra calamidade. São elas:

A Tara Verde (fonte das outras vinte emanções): UM TARE TÛTARE TURE SOHA

A Tara Que Evita Desastres: UM BANZA TARE SARVA BIGANEN SHINDHAM KURU SOHA

A Tara Que Evita Calamidades Vindas da Terra: UM TARE TUTARE TURE MAMA SARVA LÁM LÁM BHAYA SHINDHAM KURUSOHA

A Tara Que Evita Destruição Produzida Pela Água: ÚM TARE TUTARE TURE MAMA SARVA BHAM BHAM DZALA BHAYASHINDHAM KURUSOHA

A Tara Que Evita a Destruição Produzida Pelo Fogo: UM TARE TUTARE TURE MAMA SARVA RAM RAM DZALA BHAYA SHINDHAM KURUSOHA

A Tara Que Evita a Destruição Causada Pelo Vento: UM TARE TUTARE MAMA SARVA YAM YAM DZALA BHAYA SHINDHAM KURUSOHA

A Tara Que Aumenta a Sabedoria: UM RATANA TARE SARVA LOKAJANA PITEYA DARÁ DARÁ DIRI DIRI SHÊNG SHÊNG DZA DZANJIA NA BU SHÊNG KURU UM

A Tara Que Evita Calamidades Vindas do Céu: UM TARE TUTARE TURE MAMA SARVA DIK DIK DIKSHNA RAKSHA RAKSHA KURUSOHA

A Tara Que Evita Destruição Causada Por Exércitos: UM TARE TUTARE TURE MAMA SARVA DIK DIK DIKSEHNA RAKSHA RAKSHA KURU SOHA

A Tara Que Evita Calamidades Provindas do Inferno: UM TARE TUTARE TURE MAMA SARVA RANDZA DUSHEN DRODA SHINDAM KURUSOHA

A Tara Que Evita Danos Causados Por Ladrões: UM TARE TUTARE TURE SARVA DZORA BENDA BENDA DRKTUM SOHA

A Tara Que Aumenta Poder: UM BEMA TARE SENDARA HRI SARVA LOKAWASHUM KURU HO

A Tara Que Evita Males Causados Por Demônios: UM TARE TUTARE TURE SARVA DUSHING BIKANEN BHAM PEH SOHA

A Tara Que Evita Males Que Afetam o Gado: UM TARE TÛTARE TURE SARVA HAM HAM DUSHING HANA HANA DRASAYA PEH SOHA

A Tara Que Evita Males Causados Por Animais Ferozes: UM TARE TÛTARE TURE SARVA HEH HEH DZALEH DZALEH BENDAPEH SOHA

A Tara Que Evita Efeitos Maléficos de Venenos: UM TARE TÛTARE TURE SARVA DIKSHA DZALA YAHA RAHA RÁ PEH SOHA

A Tara Que Vence Demônios: UM GARMA TARE SARWA SHATDRUM BIGANEN MARA SEHNA HA HA HEH HEH HO HO HUNG HUNG BINDA BINDA PEH

A Tara Que Cura Doenças: UM TARE TÛTARE TURE SARVA DZARA SARVA DHUKKA BRASHA MANAYA PEH SOHA

A Tara Que Confere Longevidade: UM TARE TÛTARE TURE BRAJAAYIUSHEI SOHA

A Tara Que Confere Prosperidade: UM TARE TÛTARE TURE DZAMBEH MOHEH DANA METI SHRI SOHA

A Tara Que Realiza Pedidos: UM TARE TÛTARE TURE SARVA ATA SIDDHI SIDDHI KURU SOHA

Estes vinte e um mantras foram transcritos de acordo com a pronúncia tibetana. Os E finais devem ser pronunciados; por exemplo, TARE é pronunciado como "ta- rey". As sílabas SOHA representam a palavra sânscrita "svaha"; PEH representa a "phat" sânscrita; e, é claro, UM representa "om". Entretanto, por uma razão que se tornará aparente, a pronúncia correta não é importante, desde que sejam evitados erros elementares como pronunciar TARE como se tivesse uma sílaba só, tal como na palavra inglesa "tare".

A eficácia destes vinte e um mantras tem sido comprovada por tanta gente que não pode ser desprezada com um sorriso, mas precisei de algum tempo até chegar a uma distinção entre eles e o abracadabra de nossas histórias de fadas ocidentais. Mais tarde, aprendi que eles são empregados para agir em razão de certas afinidades com certos elementos da consciência, mais profundos do que o nível do pensamento conceitual. Ainda assim, conservo dúvidas sobre como operam. Conseguirão resultados de maneira análoga ao esfacelamento de uma vidraça, como tanger uma corda de alaúde afinada na nota certa (neste caso, devem estar imbuídos de um poder não explicável apenas por tais afinidades), ou agem, não por circunstâncias externas, mas sobre a pessoa que usa o mantra, inspirando- lhe uma fé que aumente seu poder para enfrentar tais circunstâncias? Os tibetanos apresentam provas persuasivas da primeira sugestão, mas a segunda é mais fácil de aceitar. Duas idéias estão sendo debatidas no moderno Ocidente: a (I) de que todas as doenças são psicossomáticas e a (II) de que há meios psicológicos para reduzir a "tendência para acidentes". Se aceitarmos essas premissas, não é ir longe demais supor que um mantra, ao despertar uma força até então insuspeitada dentro da psique, possa modificar a vulnerabilidade relativa à doença ou ao perigo externo. Entretanto, essa maneira relativamente científica de considerar este assunto deixa fora de estudo grande número de efeitos espetaculares reivindicados pela ioga mântrica, tais como a possibilidade de causar ou de evitar chuvas de pedra! Alguma especulação sobre esse extraordinário aspecto dos mantras será

encontrada no último capítulo; não que seja de grande importância; tais maravilhas são julgadas pelos lamas como de significado trivial, comparadas com o uso dos mantras que são dedicados ao alcance da suprema realização humana, que é a Luz. À medida que aumentava meu interesse pela verdadeira finalidade dos mantras, também diminuía minha crença em suas maravilhas exteriores — mas devo confessar que tal crença nunca ficou adormecida!

Meu primeiro encontro com os lamas Nyingmapa aconteceu em Sikkim, terra de vales verdes e alcantilados, aninhados abaixo dos lindos campos de neve de Kanchenjunga. Diferentes do Tibete, ali não há grandes mosteiros, mas eremitérios que consistem em pequenos templos cercados pelos chalés de madeira dos lamas, que podem ser monges ou leigos casados. Se eu não tivesse um conhecimento anterior da Vajrayana, poderia facilmente partilhar da errada concepção, perpetuada pelos viajantes ocidentais que deixam a região do Himalaia, de que existe aqui uma forma de budismo tão profundamente incrustada de magia e demonologia que mal pode ser reconhecida como manifestação do Dharma Sagrado. Os interiores bastante sombrios dos pequenos templos contêm algumas representações dos Budas e Bodhisattvas com a expressão serena, familiar a todos os budistas, olhos semicerrados, lábios entreabertos por sorrisos que indicam felicidade interior; mas há muito mais representações de seres demoníacos, com chifres cruéis e garras, línguas pendentes e olhos faiscantes, mãos inumeráveis segurando horríveis panóplias de armas, exibindo temíveis objetos como cabeças de esqueletos viradas para cima, cheias de sangue fresco. Adornadas com colares de ossos ou cabeças cortadas, elas se ostentam sobre montes de cadáveres, tanto animais quanto humanos, ou de corpos recentemente estripados que se retorcem! O que parece ter escapado aos olhos de muitos escritores que obscurecem o assunto da "depravação religiosa dos tibetanos", foram as expressões e atitudes dos lamas — homens piedosos, longe de serem desgraçados, perdidos em horríveis fantasias de luxúria, crueldade e medo, sempre exibindo aparência atraente; bondosos, generosos, facilmente levados ao riso, nada têm da rígida solenidade nem do premeditado coleguismo tantas vezes

encontrados nos sacerdotes de outros países; e seus olhos refletem doçura e sabedoria, nascidas de longa comunhão com a paz interior. Vendo-os desta maneira, pus de lado as dúvidas remanescentes, e aceitando de boa fé o que me intrigava ou entristecia, deixei que meus lamas me orientassem como quisessem. Isso foi bom, pois os lamas que encontrei em Sikkim, e os outros com os quais estudei depois em Kalimpong e noutros lugares, possuíam uma riqueza de dons para oferecer — tesouros de vida, tesouros da mente. Se fiz má aplicação do conhecimento sagrado que me transmitiram, com tanto trabalho, a culpa não terá sido deles.

Se eu tivesse ido procurar esses lamas Nyingmapa pronto a aceitar seu ensinamento apenas em meus próprios termos, ou em termos do racionalismo em mim implantado na escola, se eu tivesse má vontade em dar crédito aos assuntos não apoiados pelo que eu considerava prova científica, tivesse eu insistido em fixar-me numa direção estritamente lógica, suponho que nada teria aprendido. Os adeptos Vajrayana, dedicados à percepção em suas próprias mentes da verdade absoluta, empregam realmente métodos que mais parecem mágica do que ciência, acreditando que o imaginado, e portanto nascido da mente, não é menos real do que o mundo da matéria — também este criado pela mente. A princípio tive dúvidas e reservas, mas chego hoje a concluir que, apesar de aquilo que os Mayanistas denominam verdade relativa (isto é, "verdade factual" a respeito do que chamamos "o mundo real") ser a província da ciência e da lógica, é função de uma doutrina espiritual indicar a verdade absoluta, a qual, pertencendo ao não-duplo, ao indivisível, ao incomensurável, pode ser experimentado pela intuição, mas nunca entendido pelo pensamento conceitual — vem daí a confiança dos iogues nas imagens vividas, na contemplação do aparentemente "faz de conta"; este precisa vestir o intangível com formas e cores, de que a mente possa apoderar-se enquanto luta para se libertar dos sulcos mentais produzidos pela sua aplicação exclusiva ao tangível. Deste modo, a imaginação se torna um instrumento mais precioso do que o pensamento.

Ultrapassando o ensinamento doutrinário, a Vajrayana confere ênfase à experiência intuitiva direta. Apesar de ser uma forma

especializada em contemplação, seus adeptos penetram mais fundo do que as chamadas leis imutáveis que governam o ambiente externo. Há cientistas, assim como místicos, que reconhecem a validade puramente relativa dessas leis — como Einstein fez. Talvez a própria ciência estabeleça algum dia ou pelo menos corrobore com a necessidade de uma notável profundidade de percepção mística por parte dos que desejam desvendar a face da realidade. Para a maioria dos ocidentais, a percepção mística, como meio para atingir a verdade, é um conceito tão pouco familiar que podemos ser perdoados por acharmos totalmente bizarro o processo usado para alcançá-la. Outra razão para que alguns viajantes ocidentais inteligentes ficassem inclinados a considerar a Vajrayana uma mixórdia de superstições é o fato de ela conter tantos paralelos semelhantes ao folclore que por toda parte precedeu o conhecimento científico. Por isso ela não parece outra coisa senão a sobrevivência da antiga ignorância; mas, tal como bem sabem os discípulos de C. G. Jung, a imaginação contida no folclore possui imenso significado psicológico; os que se recusam a aceitá-lo, ou que o desprezam, sofrem perda irreparável.

Apesar de meus lamas se preocuparem mais com os efeitos subjetivos dos mantras sobre a mente dos adeptos do que com a realização de milagres pela ajuda do poder mântico, eles nunca pareciam duvidar desta última possibilidade, por mais que desencorajassem infrutíferas curiosidades sobre o assunto. Num momento confirmavam que tais fatos se realizavam com freqüência; noutro me repreendiam por pedir que me permitissem presenciar um desses milagres. Não sei se acabei por pensar que aquela relutância em dar uma demonstração, ainda que mínima, devia-se à falta de confiança em seus próprios poderes. Antes que uma total descrença se cristalizasse em minha mente, dei com algo que me impressionou como sendo pelo menos a corroboração parcial do poder dos mantras em obter resultados objetivos. Por sorte, descobri que o controle mântico dos sonhos é possível. Pode-se argumentar que o que ocorre nos sonhos é inteiramente subjetivo, pois o drama todo se passa na mente de quem sonha; no entanto, há uma espécie de objetividade participante, porque os sonhos não podem

ser, normalmente, controlados pela consciência, e seu conteúdo sem dúvida varia segundo os desejos de quem sonha.

Para tornar o assunto mais claro, devo antecipar um assunto que na verdade pertence ao próximo capítulo, ou seja, o Yidam, a deidade interior. As iogas relativas ao Yidam são baseadas num princípio que pode ser expresso assim:

Olhe para dentro! Nenhum Buda, Bodhisattva ou deidade, nenhuma força divina, elevada ou inferior, pode ajudá-lo a alcançar a Luz, se você partir de fora. A Mente é Rainha. A sua mente constitui a única fonte da sabedoria e do poder iogue. Portanto, conheça sua mente, reconhecendo nela tudo o que é sagrado e digno da mais alta reverência. Pois a sua mente também é a Mente, a própria substância do ilimitado, o não-duplo, o próprio Absoluto! Infelizmente, a vitória no conhecer a própria mente é tarefa mais penosa que se pode imaginar. Portanto, em conjunto com a sabedoria devem estar os meios. Todo o Simbolismo do grande sistema Vajrayana surgiu destes dois: a sabedoria, como finalidade; os dois reunidos como Caminho. Na verdade, o ensinamento de Buda conduz à Luz mas não antes que seja abandonado, deixando que a sabedoria aja no interior.

Uma importante aplicação iogue deste princípio consiste em visualizar dentro de si mesmo uma deidade, personificando um aspecto da realidade que seja possível descobrir por baixo das camadas do erro nascidas no ego. Essa deidade é apropriada para as necessidades do discípulo; ela personifica a potencialidade divina de que é dotada toda criatura, a essência encontrada no íntimo de todo indivíduo, enquanto ainda transcende todos os laços individuais do seu não-duplo, infinito, eterno. O Yidam que me foi designado foi a Tara Verde; o rito para invocá-la envolvia a repetição _muito freqüente do seu mantra, de modo que OM TARE TÛTÃRE TURE SWÃHÃ voltava-me sempre à mente, qualquer que fosse o objeto de interesse para a minha atenção. Eu ainda não havia alcançado o ponto em que o mantra evolui espontaneamente, mas havia chegado bastante perto para que ele me acorresse de súbito à mente e aos lábios em momentos de crise.

Desde a infância tenho pesadelos periódicos durante os quais posso ser ameaçado por implacáveis inimigos, ou me agacho, enquanto edifícios à minha volta caem em chamas sob uma saraivada de bombas. Vejo violentos jatos de fogo serem arremessados, enquanto o solo, em todas as direções, estremece e desaba. Às vezes, vejo-me escoltado para um local de execução, tomado por pensamentos fúnebres, como dar um último adeus ao sol nascente, preocupando-me com a idéia de como meus filhos suportarão a vergonha de ter um pai executado, ou como minha filha caçula conseguirá viver sem mim. Algumas vezes, sou perseguido por serpentes ou agarrado por vampiros. Esses pesadelos estão sempre cheios de detalhes horrivelmente realísticos, e minhas emoções são as de um homem realmente envolvido em tais situações. Esses sonhos ainda me afligem de vez em quando, mas perderam muito de seu poder aterrorizador porque, certa noite, descobri que uma rápida emissão do mantra de Tara interrompia de imediato qualquer perigo ameaçador. Raramente acordo nesse ponto, mas a circunstância ameaçadora é afastada, e o sonho toma uma direção agradável, durante a qual vejo uma ilha montanhosa que se ergue no meio de um mar coberto de espuma — a Potala de Tara no Oceano do Sul — ou alguma outra cena também deliciosa, na qual as cores são infinitamente mais bonitas do que outra coisa qualquer que eu já tenha visto quando em vigília.

Ocasionalmente, a forma difere. Não faz muito tempo, sonhei que tinha sido levado a um lugar de confinamento — onde a única saída era por uma porta bem vigiada. Não sei como, eu sabia que havia sido injustamente levado para uma casa de doentes mentais — um cadafalso pareceria menos deplorável! Os atendentes, era óbvio, tinham um prazer sádico diante de meus frenéticos apelos para ser liberado. Como sempre, o mantra de Yidam não surgiu em minha mente senão quando cheguei ao ponto de total desespero. Tal lembrança me trouxe um momento de grande alegria; mas, dessa vez, antes que eu tivesse tempo de pronunciá-lo, um de meus irônicos captadores o pronunciou, ele mesmo, acrescentando com um sorriso: "O que está esperando? Vamos, apele para seu precioso Yidam, se quer perder tempo e saliva." Fiquei apavorado! Nunca

havia sentido tal desalento. Quase abandonei meu Yidam, quase! Mal ousando esperar, pronunciei o mantra. Apesar de o efeito imediato ter sido simplesmente o de excitar uma ironia que dominava meu mais leve fio de esperança, dentro de instantes eu passava através da janela sem ser impedido por suas grades!

Alguns anos antes de ser perseguido por este sonho, eu tinha feito outra descoberta que me convencera da eficiência do meu mantra Yidam. Um amigo, interessado na aparente similaridade entre a experiência iogue e os estados provocados por alucinógenos, persuadiu-me a experimentar mescalina. O efeito da droga sobre mim foi terrível — de tal modo que duvido tenha alguém jamais experimentado pior "Viagem" que a minha! Bem consciente do que me cercava e ainda capaz de falar durante os estágios iniciais, comer e beber, passei por uma dilacerante desintegração acompanhada por um tormento mental quase intolerável. Eu teria dado tudo no mundo para encontrar um alívio imediato, mas era feriado e eu percorreria toda a cidade de Bangkok sem achar um médico que me tratasse contra a mordida de um cão hidrófobo, e menos ainda para livrar um tolo das conseqüências de sua tolice — ou foi isso o que pensei na ocasião sendo provavelmente uma alucinação. Durante horas a agonia continuou, intensificando-se em vez de diminuir. Desejei morrer literalmente! Afinal, num espírito de total desprendimento, apelei com humildade para meu Yidam, usando, é claro, o seu mantra. Num instante; a situação foi transformada! O horror cedeu lugar à beatitude, no mesmo grau de intensidade!

Vou relatar mais uma experiência de qualidade diferente, mas o mantra de meu Yidam fez de novo a sua parte. Em si mesmo, o incidente seria trivial demais para ser digno de relato, se não fosse porque, pela primeira vez, o mantra produziu um efeito inteiramente externo para mim. Se alguém se gabar do poder iogue, não será apenas um ímpio, mas também encontrará maneira segura de perdê-lo; no entanto, neste caso, não existe nenhuma gabolice, pois o resultado, não sendo intencional, não reflete nenhuma capacidade especial de minha parte, mas só o poder do próprio mantra.

Eu tinha ido passar alguns dias com um amigo que possuía em seu apartamento de Hong Kong uma antiga e bela estátua de Tara

Verde. Antes de me deitar, pedi incenso e uma tigela de água para usar num breve ritual que um de meus lamas me havia ordenado realizar todos os dias de minha vida, sem falta. Meu amigo, que eu ficara conhecendo na Floresta de Reclusos quando ainda éramos ambos muito jovens, era erudito, estudioso do budismo, mas muito conhecedor da Vajrayana. Por curiosidade, ele perguntou se podia estar presente enquanto eu realizasse o ritual, com o que concordei de boa vontade; portanto, ambos sentamos em almofadas, lado a lado, diante do relicário onde ele havia colocado a estátua da Tara Verde. Como de costume, acendi varetas de incenso e depois iniciei o que deveria ser unicamente a transformação mental da tigela de água no oceano do líquido que simboliza a sabedoria. Que eu saiba, nada inesperado ocorreu; mas quando nos levantamos de nossas inclinações finais, meu amigo — sem muita surpresa — comentou serenamente que, durante minha recitação mântica, a água da tigela havia ficado verde — a cor de Tara! O mantra nunca tivera tal efeito até então, nem existia a intenção de que houvesse qualquer transformação física da água. Sem dúvida, o fenômeno resultou da conjunção do poder mântico e do que residia na antiga estátua. Como meus pensamentos estavam voltados para meu íntimo, eu não ficara olhando a água da tigela e não posso dizer se na verdade ela ficara verde, ou se isso havia acontecido apenas na mente de meu amigo; em qualquer caso, o efeito foi externo na medida em que o mantra que pronunciei causara algo fora de mim. O incidente teve certa influência sobre minha capacidade de crer em histórias muito mais espetaculares a respeito de mantras; apesar de pouco importante, foi da mesma qualidade daqueles acontecimentos espetaculares nos quais eu tivera tanta dificuldade em acreditar.

Capítulo 4

A DEIDADE INTERIOR

As recordações de cenas que me marcaram, durante o desenvolvimento gradual de minha percepção de ioga não são apenas reuniões em templos grandes ou pequenos. Como era de esperar, algumas percepções preciosas surgiram durante as horas que passei em meu relicário aqui em Bangkok. Recordo particularmente minha alegria quando, poucos meses depois de começar a praticar ioga contemplativa, pela primeira vez tudo aconteceu de modo correto, com certeza porque eu havia aprendido a fazer o que devia, sem esforço. Eu estava sentado diante do meu altar particular, onde tremulavam velas em duas lamparinas tibetanas de prata, o incenso ardia num turíbulo oblongo com a perfuração desenhada na forma do mantra OM MANI PADME HUM, de modo que a fumaça se erguia na configuração de cada uma daquelas sílabas, à medida que, por sua vez, as varetas eram queimadas. Não havia *tormas*, pois nunca aprendi a fazê-las; havia oferendas de símbolos de substâncias como água pura, grãos, flores e frutas, colocadas em pequenas tigelas de prata. Ainda que nenhum desses objetos fosse essencial à ioga, era agradável tê-los; os relicários devem ser arrumados para ficarem tão limpos e atraentes quanto possível. Atrás do altar, pendia um *thanka* representando a Tara Verde, o Yidam que eu havia escolhido, encarnação do "Buda no meu coração". Com suavidade, recitei seu mantra, vendo mentalmente a figura da Tara viva com o bija-mantra TAM brilhando no centro do seu coração. Em volta dele giravam as sílabas OM TARE TÛTARE TURE SWAHA, uma fita brilhante de fogo verde-claro, e seu movimento destilava um néctar branco que passava pelo alto de minha cabeça, penetrando-a e arrastando impurezas para fora, na forma de uma fumaça negra; transformando meu corpo num vaso de cristal transbordante de elixir mais branco

do que a neve. Dentro em pouco, as sílabas resplandecentes se anularam dentro do TAM, o TAM se dissolveu e nada ficou a não ser a entrada numa consciência sem objetivo.

A contemplação da deidade interior, personificação de nossa divindade inata, forma a verdadeira fundação da ioga mântrica dirigida para a rápida obtenção da Iluminação. A maneira de evocar essa deidade permaneceu em segredo durante muito tempo, e ainda é ensinada com circunspeção. Mesmo agora, a iniciação quase não pode ser dispensada; além de exigir instrução correta, ela confere mais poder — transmissão da virtude iogue do lama e de toda a linha de seus predecessores, que se estende, no caso dos Nyingmapas e Kargyupas, até o Precioso Guru Padma Sambhava e até o próprio Shakyamuni Buda. Na Europa e na América a iniciação já não é de tão difícil obtenção, agora que se estabeleceram lá alguns lamas refugiados.

As iniciações também servem a outro propósito: evitar resultados maléficos devido à conduta imprópria nos rituais iogues. Como outras forças poderosas, os mantras iogues podem ser usados para construir ou para destruir. Sua função destruidora é dirigida exatamente para a obstrução interior à Iluminação, à carga do karma nesta vida e nas anteriores, mas os mantras podem ser inadvertidamente mal- empregados, com perigosas conseqüências, e já houve iogues que abusaram deliberadamente de seu conhecimento para fins perversos. Por isso, todas as seitas esotéricas budistas — a indo-tibetana Vajrayana, a japonesa Shingon e, enquanto existiu, a chinesa Mi Tsung — têm confinado a instrução mântrica a iniciados. Até hoje, os métodos para empregar mantras importantes são preservados dos não-iniciados e, apesar de outros, como OM Mani PADME HUM, serem muito usados, são formalmente comunicados só depois de se darem dois passos — primeiro, um pequeno *wang* (aumento de poder); segundo, um *loong* ou transmissão oral de palavras que devem ser ditas pelo lama ao ouvido do discípulo. O fato de as solicitações para iniciação aumentarem consideravelmente e de a permissão para escrever sobre assuntos iogues já não ser de difícil obtenção é em grande parte devido à ocupação do Tibete pela China, pois a morte ou o

exílio de tantos lamas despertou preocupação a respeito da continuidade da transmissão do conhecimento sagrado. Outra razão é que os lamas, movidos por um espírito de compaixão, concordam agora com as necessidades de discípulos estrangeiros, que raramente podem permanecer junto de um lama o bastante para obter sua confiança e aprovação, à maneira antiga.

É uma sorte que o deliberado abuso dos mantras por adeptos ocidentais seja pouco provável. Em primeiro lugar, não é fácil adquirir as técnicas necessárias para produzir resultados maléficos; em segundo lugar, os que não têm reverência pelos mantras pouco se importarão com eles, ao passo que os que têm reverência estão a par dos perigos do abuso. A ioga mântrica faz parte de uma tradição que reconhece que todas as atividades do corpo, da fala e da mente, são boas e más, produzem conseqüências às quais o autor não tem possibilidade de fugir. O uso impróprio do conhecimento iogue traz a retribuição em seu lastro. A carga kármica de um adepto que empregue os mantras para levar um inimigo à destruição é duplamente pesada: ao pecado de tirar a vida é acrescentado o de profanação do conhecimento sagrado. A biografia de Milarepa relata quão duramente foi punido pelo mestre Marpa o poeta que profanou o conhecimento mântrico, quando, sendo jovem, ele o tinha usado para destruir os perseguidores de sua família. Antes de lhe conceder sequer uma migalha de ensinamento, Marpa fez o moço sofrer anos de amarga servidão, exigindo que ele construísse casas e mais casas sobre distantes cumes de morro, com pedras e argila trazidas de longe e ordenando depois que ele destruísse imediatamente as casas e levasse de volta a argila e as pedras para seu lugar de origem. Com dor nos músculos, nos membros e com os ombros cobertos de esfoladuras, o infeliz moço obedecia. Marpa, é claro, exercia sua compaixão; causar a Milarepa um amargo sofrimento na vida presente era a maneira mais adequada de reduzir a carga kármica resultante do seu chocante abuso de poderes obtidos através da ioga.

Eu não poderia descrever o pernicioso uso dos mantras mesmo que, perversamente, desejasse fazê-lo, pois meus bondosos mestres nem sonharam em me transmitir tal conhecimento. O que mais se

deve temer é o mau uso não- proposital, razão importante para adquirir a instrução cuidadosa que se segue à iniciação.

O que distingue a maneira mística iogue da de outras religiões é a admissão de que o Esclarecimento-Libertação- Salvação provém do nosso próprio íntimo.. Aí está a chave do mais elevado conhecimento. É com isto em mente que se deve procurar o verdadeiro sentido dos mantras e de todos os outros auxílios para o progresso iogue. Em termos gerais, há dois conceitos diferentes desta verdade. Enquanto os místicos cristãos e muçulmanos, compreendendo a experiência mística à luz dos seus dogmas, concebem como obter a união com Deus, os budistas e taoístas concebem como realizar o Nirvana ou o Tao. As diferentes maneiras para dominar a finalidade não são de grande importância, mas existe uma profunda diferença entre obter e realizar: o primeiro verbo sugere uma separação entre o devoto e sua finalidade, que deve ser superada; o segundo implica numa união que nunca cessou de existir, mesmo que, em meio às ilusões nascidas do ego, não se perceba quando acontece a realização. Ainda assim, a verdadeira experiência, quer se chame obtenção ou realização, não difere, pois é produto da intuição direta da Verdade Suprema.

Budistas e taoístas gozam da vantagem de não haver conflito entre os que aderem aos caminhos místico ou não- místico. Na teoria, pelo menos, todo budismo é místico, pois, não reconhecendo um criador onipotente, ele ensina que não existe a quem agradar, ofender, aplacar e que, por conseguinte, toda realização deve se processar dentro do próprio íntimo. A Escola Mahayana de Budismo, da qual a Vajrayana faz parte, vai mais longe, proclamando que o universo inteiro resulta do jogo da Mente. A Mente é a única realidade e a aparente individualidade de nossas mentes finitas resulta da ignorância de nossa verdadeira natureza, que nasce de uma ilusão primordial. Essa concepção do universo é compartilhada por certas seitas hindus, que usam uma espécie diferente de ioga mântica; mas, como não fui iniciado em nenhuma delas, não posso descrever sua ioga por conhecimento direto, de modo que achei melhor não tentar essa descrição.

Místicos consumados, apesar das diferenças de terminologia, reconhecem que a experiência da união mística é a mesma para todos. Ao se tornarem consumados, eles se elevaram acima de dogmas conflitantes, do preconceito e da controvérsia. Por outro lado, os que ainda não provaram a alegria mística podem ficar intrigados em relação ao que motiva uma aproximação interior única para a sabedoria. Muitos contestam a necessidade de qualquer forma de atividade espiritual, além da observância de um razoável código de moral. Alguns chegam a destacar até isso.

No caso de alguns raros afortunados, a experiência mística surge por si mesma, conferindo tanta beatitude que essas questões parecem ridículas. A seguir, na boa sorte vêm aqueles nos quais não a experiência, mas uma grande sede por ela, surge espontaneamente; apesar de atormentados enquanto sua sede não for saciada, são confortados por um pré-conhecimento intuitivo da felicidade que podem atingir. Mas, e quanto ao resto — isto é, a maioria das pessoas? Não é preciso muita reflexão para sentir o quanto a vida é pouco satisfatória, até que ponto ela é enfadonha, se não de todo tristonha ou trágica; o quanto são fugazes suas satisfações, como são decepcionantes as mais vivas esperanças. Ante essa realidade melancólica e muitas vezes dolorosa, gerações de antepassados nossos procuraram refúgio na piedade e na crença de que o céu proporcionaria compensação por seus sofrimentos terrenos. Hoje, entretanto, essas simples crenças perderam seu poder de consolo. Mas, e se houvesse uma religião acima de todas as religiões, uma verdade resplandecente e viva, a inspiração real de todas as religiões, freqüentemente tão mal compreendida que sua luz quase não é vista? Não há maneira de provar aos cegos que a luz existe. É preciso que eles vençam sua cegueira e entendam a luz por si mesmos pois ela nunca pode ser explicada por palavras. Quanto a mim, a primeira insinuação de sua existência me veio quando fui envolvido pela atmosfera de alegria e de bondade, própria das pessoas que passaram suas vidas contemplando o que existe em seu íntimo, em vez de dissipar as forças no incessante jogo dos fenômenos exteriores.

Devido à circunstância de a maioria dos tibetanos estarem imersos numa antiga e esclarecida tradição, encontra-se um número suficiente de lamas imbuídos de alegria, compaixão e íntima serenidade, que os convencem de que compartilham de um segredo infinitamente digno de ser conhecido. É claro que eles, como os budistas em geral, não têm o monopólio desse segredo; conheci taoístas em cujos rostos transparecia a mesma tranqüilidade abençoada, e tenho lido narrativas sobre místicos hindus, sufis e cristãos com idêntica realização. Os taoístas quase desapareceram da Terra, e os místicos aperfeiçoados são mais raros do que antes, por isso é sensato procurar mestres na região fronteiriça do Himalaia, onde ainda florescem as antigas tradições contemplativas.

Ao mesmo tempo que os meios para a realização mística não são de propriedade exclusiva de nenhuma fé, o budismo oferece realmente duas vantagens especiais: refreia a insistência sobre determinadas crenças que muitas vezes constituem um obstáculo para o progresso espiritual e fornece toda uma panóplia de métodos contemplativos para cultivar a intuição da realidade. Minha preferência pessoal pela forma Mahayana de budismo é enraizada em duas circunstâncias: ela oferece uma larga variedade de meios apropriados para diferentes temperamentos e níveis de compreensão e, o que é ainda mais importante, propõe claramente a doutrina da Mente como Suprema Realidade. Dentro do conjunto da Mahayana, encontrei as iogas contemplativas da seita Vajrayana, particularmente inspiradoras; de outro modo eu teria dificuldade em escrever sobre mantras, pois essa é a seita que deve ser procurada quando se busca um profundo conhecimento mântrico.

A doutrina Vajrayana oferece dois preciosos pontos de vista sobre a verdade, um deles comum a todas as seitas Mahayanas, o outro é um segredo outrora bem guardado. São eles: o reconhecimento da identidade samsara e do Nirvana; e um conceito altamente esotérico — "Eu sou o Buda!"

Samsara é o fluxo universal em que as criaturas são condenadas a vagar enquanto persiste a ilusão, nascida do ego, sobre a existência independente, pois nosso mundo é apenas uma fração infinitesimal do todo. O Nirvana é o ser- não-ser final, além da concepção

humana, e que não será alcançado até que a última parcela de ego-ilusão não tenha sido descartada. No entanto, *samsara* e Nirvana não são dois! Não se vai de um para o outro, nem há seres individuais que façam essa transferência; existe apenas a queda de uma ilusão, o súbito reconhecimento das coisas como realmente são, a revelação da verdadeira natureza de si mesmo e de todos quanto ainda possam existir. Para usar uma simples analogia — uma criança nascida e criada num quarto escuro como breu deve imaginar seu ambiente vazio de cor e de forma visual; então aparece a luz e tudo fica gloriosamente diversificado; no entanto, o quarto é o mesmo, nada mudou, a não ser a concepção que a criança fazia sobre o seu ambiente.

"Eu sou o Buda!" Se Buda significa o Supremo, o que os místicos teístas chamam de Deus Pai, vemos que aquilo que essas tremendas palavras encarnam é a própria essência da percepção mística. Quem as compreende percebe que é, ao mesmo tempo, o adorador e o adorado, o individual e o universal, um ser aparentemente insignificante mas, na verdade, divino! Dessa percepção brotam três obrigações: tratar todos os seres, por mais que sejam exteriormente repugnantes, como personificações da sagrada essência; reconhecer todos os sons, por mais que ofendam os ouvidos, como componentes de sons sagrados, e recordar que qualquer coisa em todo o universo não passa de Nirvana, por mais densas que sejam as nuvens sombrias da ilusão. Portanto, aconteça o que acontecer, o adepto é vestido de divindade; com seus olhos de sabedoria, percebe o que é sagrado em todos os seres, em todos os sons, em todos os objetos; e seu coração de sabedoria gera uma desmedida compaixão.

A partir do momento em que o aspirante começa a procurar a liberação de seu íntimo, abandona o dualismo de adorador e adorado, e reconhece a identidade do "próprio poder" e do "poder alheio" como fontes de inspiração espiritual; os grilhões da consciência do ego são quebrados; e à medida que se dissipa o poder do ego ilusório, as qualidades de paciência, clemência e compaixão florescem. Ainda assim, grande perigo está inerente à liberação do conceito "Eu sou o Buda!"; mal compreendido, leva a

um comportamento grosseiramente irresponsável e a um orgulho gabola que, aumentando o ego em vez de o diminuir, envolve o aspirante ainda mais no cativeiro da ilusão. Por isso, tal conhecimento era outrora oculto dos profanos; por isso, os lamas ensinam meios habilidosos para neutralizar esse grande risco. Ninguém deve refletir "Eu sou o Buda" sem recordar que, no nível da verdade absoluta, não existe essa entidade, o "Eu"!

A simples aceitação da doutrina de que a divindade reside no íntimo é coisa muito diferente de experimentar intuitivamente a sua verdade; entretanto, até que essa experiência se manifeste, nada de valor permanente foi conseguido. Para completar uma viagem a pé, digamos de Paris a Lhasa, é preciso dar um passo na direção sudeste; bem, a viagem começou mas ainda se está tão longe de Lhasa como cidadãos que saíram de suas casas para comprar pão; mas já se está melhor do que antes, quando a viagem era considerada apenas como um plano para ir a um lugar qualquer. Assim é com o aspirante. É porque a viagem da aceitação até o conhecimento da verdade é tão cheia de abismos que o budismo Vajrayana proporciona uma variedade de meios para se atingir a meta tão rapidamente quanto possível à capacidade individual de cada um. Ambas, a tarefa e a meta, são psicológicas, pois a longa estrada começa e termina dentro do espaço de um esqueleto humano.

Os mantras fazem parte dos habilidosos meios empregados desde o começo da viagem e são usados exatamente até aquele ponto alto no qual os "meios" de toda espécie são abandonados. A ioga mântica exige, primeiro e acima de tudo, a adoção de um Yidam, por cujo intermédio encarna-se a deidade interior. Para os budistas de algumas outras seitas, sejam seguidores do Zen ou dos Theravadins, isso pode parecer uma perversão ridícula de uma de suas crenças mais caras; pois, tradicionalmente, os budistas são ensinados a descartar toda divindade. É verdade que, no nível popular, muitas vezes os crentes dirigem petições às divindades de outras crenças (hindus, taoístas e assim por diante, segundo as localidades), mas os benefícios que buscam nada têm a ver com o progresso espiritual. (Certa vez, ajudei uma moça presbiteriana,

infeliz no amor, a entrar na Walsingham Abbey para acender velas à Virgem; o que era importante é que a fé que ela professava — como o budismo — não lhe oferecia possibilidades de um final feliz). Segundo a doutrina budista, como todo o universo resulta do exercício da mente, não pode haver nenhum criador onipotente senão ela; os deuses são apenas uma das várias ordens de seres que, apesar de talvez possuírem poderes invejáveis, têm crescimento e morte, de acordo com uma escala de tempo apropriada à sua natureza. Buda falou, com freqüência, sobre deuses num contexto que abarca tantos deuses quanto os grãos de areia que existem no Ganges; ele ensinou que é inútil invocá-los para obter progresso espiritual, que depende exclusivamente do esforço individual. Noutras palavras, devemos considerar os deuses como, digamos, panteras e delfins *— bem reais, mas pertencentes a uma espécie que pouco tem a ver com o homem espiritual.

Não devem ser confundidos com os deuses os Budas e Bodhisattvas do panteão da Mahayana. Nestes está incluído o Buda histórico; mas, na maior parte, são personificações de forças que emanam da energia sabedoria-compaixão, gerada pela Mente. Assim, a sabedoria é personificada por Manjushri, a compaixão, por Avalokiteshvara, a perfeita atividade, por Vajrapani, etc. No nível popular, são muitas vezes confundidas com deidades e é conveniente referir-se a elas, coletivamente, por esse nome; mas são reconhecidas pelos adeptos da ioga como sendo simultaneamente emanções da Mente que tudo abrange e, em certo sentido, criações da nossa própria mente.

Voltando aos métodos da ioga mântrica, ainda que para o leigo se pareçam com ritos teísticos, eles são na verdade soberbos métodos psicológicos para alcançar uma realização intuitiva direta sobre a deidade, em nossas mentes. Para dar ênfase à natureza especial dos objetos de contemplação, muitas vezes eu me refiro a eles como "Deidades de meditação". Qualquer delas pode ser usada como Yidam ou "deidade interior" do adepto, individualmente. Há centenas, senão milhares delas, e estão colocadas numa hierarquia que corresponde à diferenciação crescente da energia sabedoria-compaixão, em progressivas distâncias da Fonte. É vital que os

adeptos aprendam a conhecer que esses riachos jorram de dentro de si mesmos, pois sua mente, na aparência individual, não é senão a Mente infinita; entretanto, a princípio deve-se encará-la como se fluísse do exterior, pois então a Mente é provisoriamente concebida como estando "além de"; em seguida, como interior; e, afinal, como interior e exterior, já reconhecidas como idênticas. A Mente e a sua mente não são duas!

Para assisti-lo nesta realização (que deve ir muito além da simples aceitação intelectual), o adepto recebe um Yidam que personifica uma forma diferente da energia sabedoria- compaixão. Sobretudo na Ásia, os aspirantes estão dispostos a crer, de início, que seus Yidams são deidades com existência própria que devem ser convidadas para uma vida interior; além do mais, até os aspirantes mais avançados são ensinados a começar visualizando os Yidams como se fossem externos; e, num estágio ulterior, devem alternar essa prática com a visualização dos Yidams como forças internas. À medida que os adeptos atingem níveis mais elevados, não devem abandonar de todo suas práticas iniciais, pois, ao passo que a contemplação de uma divindade externa leva ao erro do teísmo, a contemplação ininterrupta da deidade interior, quando a compreensão ainda não está amadurecida, pode levar a resultados deploráveis, dando lugar ao orgulho, aumentando assim o poder do ego. Também, num certo sentido restrito, o Yidam é um ser separado - não realmente separado da mente do adepto, pois a Fonte Suprema e o adepto são um só, ainda que separados no sentido de que o Yidam, sob certos aspectos, pertence ao reino das aparências no qual as entidades individuais têm realmente uma existência transitória, pois a deidade não representa a Fonte em si mesma, mas uma das energias diferenciadas que dela jorram, energias que se bifurcam e se redividem à medida que aumenta a distância da Fonte. Forças e objetos podem ser ao mesmo tempo separados e não-separados — isso é bem explicado pela doutrina de interpenetração contida no Avatamsaka (Hua Yen) Sutra, que estabelece de que maneira cada objeto no universo é penetrado por — e penetra — qualquer outro objeto. Dizer que Yidam e adepto são separados é errado num certo sentido; dizer que são idênticos é errado noutro sentido; vem daí a

necessidade de alternar os dois processos. Isso é análogo a outra verdade mística profunda: assim como o universo contém todos os seres, assim também cada ser contém o universo. A contemplação do Yidam em si mesmo confere percepção de todo válida, mas o erro será evitado se se acrescentar a percepção que surge da contemplação do Yidam como algo exterior.

O Yidam, designado para um aspirante cuja capacidade iogue seja (como a minha) modesta, é em geral a encarnação de um riacho subsidiário da energia sabedoria-compaixão, tais como *Tara* ou *dakini*, pois esses riachos subsidiários estão mais próximos do nível da verdade relativa, à qual pertence a consciência "cotidiana", de modo que são mais fáceis de entender do que energias mais rarefeitas, a menor distância da Fonte. A ênfase é dada sobre a prática e não sobre a crença. Sempre que a intuição direta é a finalidade, as crenças são de menor importância; portanto, a extensão até a qual um aspirante tem consciência da verdadeira natureza da meditação sobre deidades faz pouca diferença para o seu progresso; mais tarde, a compreensão brotará por si mesma. Assim sendo, chego a pensar que a contemplação iogue que envolve a invocação do Yidam poderia ser usada efetivamente pelos adeptos de qualquer religião; assim como as formas de Yidam visualizadas pelos tibetanos são tiradas da iconografia indiana e Bon, assim também a iconografia usada pelos cristãos e por outros pode ser tomada de empréstimo de uma iconografia que lhes fosse conhecida. Para que essa inovação se tornasse aceitável às autoridades clericais, os Yidams teriam de ser representados como uma ajuda psicológica para a intuição; a princípio, tal concepção meio limitada sobre a natureza dos Yidams não teria grande importância; e quando surgisse a intuição, quaisquer erros de compreensão se corrigiriam por si mesmos. Os cristãos nunca puderam reconciliar-se com práticas espirituais que acarretassem a adoração ritual de "deidades pagãs", mas isso não seria obstáculo. Como as deidades de meditação não são nem mais nem menos do que personificações de energias intangíveis, elas podem assumir qualquer forma associada ao temor sagrado na mente do adepto. Isto, entretanto, é pura especulação; nunca pensei em consultar

lamas ou sacerdotes cristãos sobre o assunto. No entanto, essa sugestão não é frívola; seria absurdo supor que os grandes místicos do passado, que falaram sob a inspiração do Espírito Santo, ou do Cristo interior e da união com o Deus Pai, estivessem falando de algo fundamentalmente diferente do caminho e da finalidade do misticismo budista.

É na invocação às deidades de meditação - com freqüência mas não sempre o Yidam do adepto — que os mantras representam seu melhor papel; todos os outros, ainda que espetaculares, são puramente secundários. Cada uma dessas deidades tem um bija-mantra de uma sílaba, um mantra-coração composto de várias sílabas, e algumas vezes também um mantra mais longo, e todos eles encarnam a energia que essa deidade particular personifica.

Os bija-mantras, além de serem, como são, as sementes que dão nascimento às "cenas de transformação" na mente do adepto, e que formam a substância das visualizações iogues, são também associados com o que é conhecido em ioga como os centros psíquicos do corpo (chakras), e podem ser empregados para estimular esses centros com a energia de que são dotados. O ensinamento diz que os bija-mantras, em particular, devem muito de sua eficiência ao *shabda* (som sagrado), força misteriosa, da qual falarei no capítulo final; além do mais, o Lama Govinda nos informa que os sons têm uma qualidade diretiva — para cima ou para baixo; horizontais ou verticais, etc. mas este é um dos vários aspectos dos mantras que não posso elucidar por carecer de conhecimento de primeira mão.

Na contemplação iogue, a principal função dos bija-mantras é inicialmente dirigir a energia personificada pelo Yidam para a imagem que o adepto cria em sua própria mente. Enquanto o mantra-coração está sendo recitado, ele é visualizado como um círculo de sílabas brilhantemente coloridas que giram em volta do bija-mantra, resplandecendo no centro do Yidam. Às vezes, num lampejo, a visualização conduz a uma experiência de união com a deidade invocada; mas não antes que a longa prática tenha, por assim dizer, enchido os mantras brilhantes com o próprio sangue do adepto, pois deve haver o encontro e a fusão da energia do Yidam

com a do adepto. Os mantras-coração não são grupos de sílabas arbitrariamente inventados, mas intimamente ligados tanto com a energia invocada e com suas contrapartidas na consciência profunda do adepto; provém daí o extraordinário poder de despertar a energia adormecida de sua psique. Quando, num estágio ulterior, a verdadeira natureza da deidade é revelada, os véus da ilusão são rasgados e surgem percepções cada vez mais exaltadas.

Um lama, ao escolher o Yidam para cada discípulo no momento de sua iniciação, avalia com cuidado suas necessidades especiais. Alguns Yidams são dotados de uma beleza sobre-humana; assim, Tara muitas vezes toma a forma de uma virgem encantadora, e tanto Padma Sambhava (o Precioso Guru dos Nyingmapas e Kargyupas) como Manjushri Bodhisattva (corporificação da sabedoria) aparecem às vezes com a beleza da juventude; na verdade, o Precioso Guru pode até ser representado por um garoto bochechudo e de faces rosadas que mal ultrapassou a primeira idade. Por outro lado, há Yidams de aspecto feroz que fazem gelar o coração, alguns com muitas cabeças e membros, e com toda espécie de terríveis atributos e ornamentos. Tudo isso nem de longe se assemelha à "ira de Deus" mas, pelo contrário, representa os poderes indômitos necessários para esmagar as paixões arraigadas e as más tendências com que o ego se defende contra os valorosos esforços para terminar com sua dissolução. O ensinamento explica que, quando se morre, quando se entra no bardo ou no estado intermediário entre a morte e o renascimento, encontramos exatamente essas formas-pensamento aterradoras que o iogue, familiarizado com elas durante suas meditações, irá reconhecer como amigas e aliadas, ao passo que os ignorantes fugirão delas e assim se enredarão em renascimentos indesejáveis. Ao manter-se com a forma abrangente de toda a natureza do Absoluto, do qual todas essas formas descendem, até a linda Tara tem sua forma triste e demoníaca e, inversamente, o horrível, chamejante Yamantaka de cabeça de touro, pode ser personificado como o amável jovem Manjushri; pois é assim que se transcende o dualismo. Se os adeptos se apegassem à beleza e fugissem do horror, se procurassem sempre a alegria e excluíssem o terror de suas mentes,

como lhes seria possível alcançar o reino da não-dualidade? São necessários não só "um" mas "ambos" para se chegar ao "nenhum".

A evocação do Yidam requer mais do que o exercício de uma imaginação exercitada e a lembrança dos muitos detalhes significativos. Para que a forma representada seja imbuída de vida e confira seu poder, deve ser liberada uma energia misteriosa, através da recitação e visualização dos mantras adequados. Como resultado de longa prática, os adeptos consumados são capazes de evocar tais deidades e mantras instantaneamente e servir-se de seu poder, mesmo quando não está sendo realizada a ioga contemplativa; mas a recitação e a visualização são efetivas, a não ser que a deidade invocada seja solicitada para "viver". A projeção de representações, por si só, não tem valor. Entretanto, talvez devido aos mantras, a tarefa é mais fácil do que outras formas de contemplação meditativa.

Os meditadores experimentados sabem como é freqüente acontecer que um período de meditação se passe em vão, quando a mente se comporta mais como um cervo da floresta do que como um cavalo de batalha bem treinado; os pensamentos recusam-se a se afastar e se exige um tremendo esforço para realizar o que devia ser feito sem sacrifício. Se algum praticante de meditação zen ou theravadin cair muitas vezes nesse estado insatisfatório, sua resolução poderá desaparecer, seguindo-se o tédio e a inércia. Em tais casos, os métodos Vajrayana dão prova da maravilhosa maneira de evitar o fracasso. Enquanto alguém recita o mantra do Yidam e contempla as sílabas ardentes que giram em torno de outra e depois se amalgamam, pode ocorrer uma súbita transformação, como quando se aperta um botão e a luz inunda um quarto escuro; e então o adepto é transportado para um domínio de consciência, belo em sua serenidade, um estado de aguda percepção que, sendo vazio de objeto, é de inconcebível pureza.

Os métodos Ch'an (Zen) e Vajrayana, na aparência tão diferentes, na realidade têm muito em comum. Ambos são conhecidos como métodos que encurtam o caminho, devido à sua finalidade comum — o Esclarecimento nesta vida mesma.

Apesar de serem diferentes os seus pontos de partida, assim que o domínio do pensamento conceitual é deixado para trás, os caminhos convergem. Que é Yidam senão a corporificação da Mente Original, forma usada para cobrir o inconcebível até o ponto em que as formas são transcendidas? Enquanto o Ch'an (Zen) com sua austera simplicidade é idealmente apropriado para certos temperamentos, há aspirantes que consideram que a cor, o som e o movimento inerentes à ioga contemplativa Vajrayana aumentam seus poderes de concentração; é natural que tais manifestações de forma diferenciada devam ser transcendidas por fim, mas elas mesmas proporcionam o poder para realizar esse propósito — deste modo, os aliados caros ao ego são usados para a sua destruição! A sabedoria de Ch'an reside na sua retirada do campo de opositores em guerra; a sabedoria de Vajrayana reside em serem empregadas as armas dos antagonistas a fim de pôr em fuga seus exércitos; cada uma delas, à sua maneira, leva diretamente ao estado não-dualístico.

A essência do método preliminar iogue para atingir a realização mística de nossa verdadeira natureza pela evocação da deidade interior é a seguinte:

A fim de que a ioga seja de todo eficiente, o Yidam é concebido no início como uma divindade externa, pois o instinto ilusório que faz os homens buscarem um deus exterior não deve ser violado, mas satisfeito, até que o aspirante seja levado a abandoná-lo. Em breve, ele alcança a intuição direta de que o Yidam reside interiormente; em seguida, ele percebe que o Yidam é interior; mais tarde, ele percebe a sua própria identidade com o Yidam e, num estágio seguinte, reconhece que o Yidam também se identifica com a Fonte Suprema. Assim se descobre que a separação nos domínios da forma e do vácuo, pelo uso de meios apropriados, é ilusória. O inconcebível é concebido quando é corporificado conceitualmente até o momento em que cessa a necessidade de conceitos. Este processo assemelha-se tão intimamente ao faz-de-conta infantil que se fica pensando por que homens de intelecto superior se preocupam com ele, em vez de começar pelo mais alto nível de compreensão de que são capazes.

O ponto importante é que a simples compreensão nada vale; a experiência precisa desenvolver-se a um nível mais profundo do que o do intelecto; as técnicas para apressar esse desenvolvimento são mais profundas do que parecem a princípio. O simples raciocínio não leva à experiência perceptual da verdade que, assim como o grande contém o pequeno, também o pequeno contém o grande, no sentido de que toda a extensão disto, e todos os universos possíveis estão inseridos dentro de cada crânio humano!

O recurso do faz-de-conta é menos raro, como técnica espiritual, do que geralmente se pensa. Por exemplo, dentro da congregação das religiões teísticas, apesar de se considerar que Deus não tem forma, seus adoradores lhe atribuem alguma forma imaginada; de que outro modo poderiam imaginá-lo? O método Vajrayana simplesmente sistematiza uma abordagem que outros usam instintivamente. A Fonte Suprema, incomensurável, intangível, isenta de atributos, fica naturalmente além da concepção; portanto, devem ser empregados meios para entendê-la. A princípio, procura-se compreender uma de suas emanações intermediárias com características que se relacionam de certo modo com a ausência e de outro modo com o reino da forma. É nisso que reside o segredo do Yidam — uma forma temporariamente dada à ausência de forma, e que tem atributos sobre os quais a mente pode apoiar-se, mas não tão sólida que a ausência de sua natureza se perca de vista, a não ser por neófitos que têm muito a aprender. A Vajrayana ultrapassa as religiões teísticas em sua aspiração a um grau de perfeição no qual não só a forma da deidade mas a própria deidade chegue a ser reconhecida como um conceito inteiramente provisório.

De madrugada, antes de levantar, o adepto recita o mantra que encarna a energia do seu Yidam, que assim é invocado. Após suas abluções matinais, ele se dirige ao santuário, onde são feitas oferendas como água pura, flores, incenso, lâmpadas e assim por diante, que são arrumados diante de uma estátua de Buda. Se possível, deve haver um quadro ou estátua do Yidam. As oferendas podem ser de extrema simplicidade (uma só flor ou vasilha de água), ou tão elaboradas quanto se quiser fazê-las. Tendo tocado com a cabeça no chão por três vezes, o adepto converte

mentalmente o gesto em oferendas de grande magnificência, pronunciando o mantra OM AH HUM, quando toca cada uma delas; por estas sílabas, ele as penetra com seu corpo, fala e mente, de modo que cada flor ou feixe de varetas de incenso representa sua total entrega pessoal.

Segue-se, depois, a aceitação dos Quatro Refúgios - refúgio no Guru, no Buda, no Dharma (Doutrina) e no Saitigha (Comunidade Sagrada). Depois, refletindo sobre suas imperfeições, o adepto resolve abjurá-las; depois do que se rejubila com os méritos dos que alcançaram a realização suprema. Seu lama, com certeza, já lhe ensinou como celebrar várias outras iogas preliminares deste gênero. Então, fixando a mente na última meta de sua prática, ele recita o mantra OM SVABHAVASUDDHAH SARVA DHARMAH SVABHAVA SUDDHO HAM AH HUM, que significa: "Despidos de auto-identidade são todos os componentes da existência, despido de toda identidade sou eu." Estas sílabas, estando imbuídas de poder mântrico, ajudá-lo-ão a chegar pela intuição à sublime verdade que contêm.

A contemplação iogue do Yidam compreende mantras, mudras e visualização e, deste modo, congrega as três faculdades: corpo, fala e mente. O adepto observa um vácuo sem formas no qual, de súbito, aparece uma sílaba mântrica luminosa. Isso de repente se transforma num lótus que tem como centro o bija-mantra do Yidam. Num lampejo, isso se modifica para uma representação do Yidam, cujos detalhes de forma, claramente visualizados, transportam seu significado psíquico para a mente do adepto. Em seguida, pronunciando um mantra, o vivido Yidam é invocado, penetrando na semelhança mentalmente criada que se acha no lótus e, mais uma vez, aparece o bija-mantra, agora rodeado pelo mantra- coração — faixa de sílabas fulgurantes. Pronunciando-as incontáveis vezes, o adepto completa as sílabas, à medida que giram e emitem raios que brilham sobre as criaturas nas dez direções; uma corrente de luz entra em seu corpo através da parte superior da cabeça. Então, diminui a forma do Yidam, que passa para dentro do adepto também pelo alto da cabeça e vai repousar em seu coração; depois do que o adepto se sente diminuir de tamanho até que ele e o

Yidam se tornam coextensivos, imersos, inseparáveis. Já não são dois. Então, o mantra gira dentro de seu coração único. Depois as sílabas se retiram para a inicial OM, que é absorvida pelo bija-mantra no centro, o qual se contrai e derrete dentro do minúsculo círculo que encabeça. Finalmente, esse círculo desaparece e nada resta senão o vácuo, pois o adepto-Yidam entrou em samadhi — estado beatífico de consciência sem objetivo, ficando assim até quando esse estado for mantido sem esforço.

Ao se retirar do *samadhi*, o adepto oferece várias aspirações, que sempre incluem o desejo cordial de que os Budas e seus Seres Esclarecidos permaneçam no universo "girando a Roda da Lei". Por último, ele oferece seus próprios méritos para benefício de todos os seres sensitivos.

Tendo-se unido com o adepto durante a ioga matinal, o Yidam permanece com ele e é retido, se possível, durante o dia todo. Quando o corpo do adepto já se tornou o templo desse ser sagrado, o adepto reforça sua percepção da unidade entre adorador e adorado, convertendo mentalmente tudo o que lhe agrada — o sabor da boa comida, a doçura da brisa em sua pele — em oferendas para o Yidam. O mantra do Yidam está para sempre em seus lábios e em sua mente, de modo que, à medida que passa o tempo, as sílabas surgem de forma espontânea. À noite, e talvez com maior frequência, a ioga é repetida e, ao retirar-se para dormir, o adepto usa a mantra para solicitar à deidade, que fica acima de sua cabeça, que guarde o seu sono. Ele também pode criar uma tenda — *vajra*, um pavilhão protetor, cujo conteúdo é formado por cetros-vajra entrelaçados ou pelas sílabas do mantra do Yidam.

Entre os co-produtos imediatos desta prática iogue há um especialmente apreciado: em momentos de crise, o mantra salta para a mente de um modo espontâneo, resultando que o adepto pode aguardar a morte com seus pensamentos fixados sobre o Yidam e com o mantra do Yidam nos lábios. Se por acaso a morte ocorrer antes que ele tenha alcançado uma percepção direta e intuitiva da meta, pelo menos o adepto pode esperar o renascimento em circunstâncias que favorecerão seus futuros progressos.

Se um aspirante deseja instruir-se sobre as maravilhosas técnicas tântricas para transformar as energias geradas pelas paixões em potentes armas para destruí-las, de modo a anulá-las bem depressa, o Yidam provavelmente será uma das divindades ferozes. Seria especialmente perigoso adotar uma delas, a não ser que o lama do aspirante esteja à mão para orientar, pois elas corporificam energias muito poderosas, apropriadas para uma tarefa difícil, que facilmente podem escapar ao controle.

Sobre os mais elevados estágios do caminho iogue não posso dizer muita coisa; meu conhecimento é muito limitado e, seja como for, não seria adequado descrevê-los; mas é possível calcular as maravilhosas experiências subjetivas invocadas pelos mantras na mente de um iogue consumado.

Há um bija-mantra que transforma instantaneamente o iogue na aparência de uma das divindades ferozes; ele se vê como essa divindade; seu ser parece pulsar com tão estupendo poder e assumir tamanha vastidão que as palavras não são mais do que pedras brilhantes em seu atalho. Assim que pronuncia esse mantra, miríades de seres, réplicas de sua terrível forma, extravasam de seu corpo e cobrem o céu, lutando, rechaçando obstáculos destruidores para o progresso iogue. Cada um desses seres é imbuído, na energia corporificada naquela sílaba, e é tão grande o seu número que eles enchem o universo — não resta uma abertura de espaço, tendo sido dissolvidos todos os objetos ou aparências que o espaço contém com uma sensação auditiva exaltada. Nada permanece da carne do iogue, senão o que pulsa e lateja. Deste modo, são purgadas de seu ser ilusório todas as entidades componentes, dentro e fora delas.

Há mantras para invocar do Vácuo sílabas que cintilam como raios de luz, como sóis nascentes que lançam brilhantes faixas de luz colorida, que se dividem e subdividem até que 60 milhões de raios sejam projetados. De certas sílabas surgem conjunções de divindades que enchem o céu antes de serem reabsorvidas e reincorporadas. De outras, brotam panoramas vastos, complexos e infinitamente esplêndidos que, dissolvendo-se em raios de luz, fluem de novo para as sílabas fulgurantes. As palavras não podem transmitir o esplendor dessas imagens; mas tentar visualizá-las sem

imbuí-las com energia mântica produziria apenas pálidas contrapartidas daquilo que os iogues são capazes de conjurar quando, depois do treino, que em geral significa passar muitos anos em total solidão, tiverem requintado seus poderes contemplativos e dominado de todo a prática da invocação mântica. Então, suas mentes serão como filamentos sem os quais, ainda que perto de uma fonte de energia elétrica, sua casa continua às escuras.

Não se deve supor que toda essa fantasia psicodélica deva ser procurada e desfrutada em proveito próprio. Toda essa riqueza de cores brilhantes, o malabarismo com o espaço, que reduz os mundos ao tamanho de pedrinhas, não tem importância a não ser que leve a uma total compreensão do Vazio. O iogue deve chegar a perceber que ele próprio e todos os universos que ele contém são vazios do menor indício de exclusividade. Ele deve vivenciar a relatividade do vasto e do minúsculo, a interpenetração e a suprema identidade de todos os objetos e, acima de tudo, o essencial vazio-não-vazio do *samsara*. Assim é a mente preparada para a consumação-liberação do encantamento desse mestre dos mágicos, o ego, e obtenção da felicidade da união realizada, a Iluminação, o Nirvana!

Se, como temo, estas palavras deixarem de inspirar um sagrado temor, a falha é minha. Ainda tenho muito que andar e não posso escrever sobre os mais elevados mistérios por experiência direta. Entretanto, não aprendi a revelação do próprio Mistério Sublime, mas apenas de um dos meios para alcançá-lo. O livro que descreva os equipamentos usados pelos escaladores do Himalaia é um pobre substituto para que se dominem os deslumbrantes picos de neve naquela montanha, que é a mais bela e mais sagrada de todas as montanhas, o Kanchenjunga!

Capítulo 5

ALGUNS MANTRAS IOGUES

Certa vez, circunvagando pela grande stupa (*chetiya*) na antiga cidade de Nakorn Pathom na Tailândia central, dei com a visão mais inesperada, e ali fiquei em transe: um vasto, mas adoravelmente gracioso edifício de cone maciço e estupenda abóbada, recoberto com ladrilhos da cor do sol. Era como se um montículo da neve de Kanchenjunga tivesse sido transportado para aquela planície tórrida e tremeluzente. Lá, nos jardins luxuriantes, além da face ocidental da stupa, havia uma piscina ornamentada, de cujo centro se erguia uma estátua de Padma Sambhava, o Nascido do Lótus, o "Precioso Guru" dos Nyingmapas! Numa terra em que a forma tibetana do Budismo é virtualmente desconhecida e não se ouve falar na seita Nyingma, encontrar uma estátua deste ser era quase tão extraordinário como deparar com uma figura da Virgem na Meca! Assombrado, eu olhava, enquanto recordações me assaltavam. Quase podia ouvir a batida e a cadência dos címbalos e o som excitante dos tambores rituais tibetanos. Para mim, o perfume de frangipana estava magicamente transmutado na fragrância do incenso tibetano tocado pelo aroma mais picante da fumaça das lamparinas. Até meu ouvido mais íntimo vinha o cantochão do mantra do Precioso Guru elevando-se como um peã, como em alguma grande reunião tibetana, durante a qual são recitados versos em sua honra e mil vozes se juntam no mantra OM AH HUM VAJRA GURU PADMA SIDDHI HUM! Essas recordações, por sua vez, evocavam um mar de benevolentes rostos tibetanos iluminados pelo transe.

Vivendo numa cidade onde a madrugada é recebida por uma esquadra de caminhões com dez rodas, que aumentam de velocidade bem diante da janela do meu quarto, regozijo-me com as lembranças de uma região majestosamente bela da Terra, onde o

silêncio reina sobre os montes e uma vigorosa tradição mística ainda sobrevive — uma tradição não-confinada, como no Japão, a templos que formam ilhas de tranqüilidade cercadas pelo ruído ensurdecido da cidade moderna, mas que é compartilhada por todos os povos de ascendência tibetana, habitantes de montes e vales que se acocoram sob a sombra dos picos de neve himalaianos, que os sobrepujam.

Nessa região abençoada, ainda não-poluída pelo mau cheiro do petróleo e pelo lixo das sacolas plásticas, são encontrados não só lamas santos, mas muitos leigos em vários caminhos da vida que não são impedidos, na dureza de sua luta pela existência, de cultivar o atalho da cultura iogue. Ali, a ioga ainda mantém sua conotação adequada — "união". Isto fica muito longe do sistema de exercícios ginásticos comparáveis ao judô ou ao karatê, que muitas vezes passam por ioga no Ocidente. Podem ser incluídos exercícios físicos — alguns muito excitantes, tais como a geração de calor interno que capacita os adeptos a se sentarem, despidos, na neve e no gelo derretido em contato com sua carne mas sua ioga é, essencialmente, a ioga que existe na mente, sendo seu propósito nada menos que a experiência mística exaltada, conhecida pelos budistas como Supremo Esclarecimento. Muito dela consiste em práticas contemplativas tais como a ioga Yidam da qual os únicos componentes físicos são as recitações que acompanham e as posturas sagradas. As iogas psicofísicas para se harmonizarem com os canais de "respiração, psíquicos e de vitalidade" com o intuito de alcançar a Iluminação ainda nesta vida são ensinadas apenas aos adeptos adiantados e o ensinamento é estritamente confinado a iniciados selecionados. O que é preciso descrever agora são as iogas contemplativas para as quais é comparativamente fácil conseguir a iniciação; os mantras incluídos já apareceram em diversas publicações e não podem ser considerados secretos, ainda que alguns dos seus mais elevados usos pertençam ao conhecimento sagrado cujo acesso é ainda cuidadosamente guardado. Bem acima do que pode ser chamado de budismo popular, elas são no entanto largamente praticadas numa região onde lamas capacitados para conferir iniciações não são difíceis de encontrar. A ioga da deidade

interior, em geral, forma o âmago da prática iniciática do leigo tibetano, mas raramente o todo; é provável que seu lama exija dele a realização de certas iogas suplementares durante as quais algumas deidades diferentes de Yidam são visualizadas e usados outros mantras. Essa contemplação de mais do que uma deidade deu o ensejo absurdo a uma acusação contra a Vajrayana: a de que é politeísta! Nada poderia estar mais longe da realidade, pois os iniciados estão perfeitamente cientes de que existe apenas, em última fase, a fonte da sabedoria intuitiva; a corporificação desta Fonte, ou de suas emanações em várias formas, é devida ao reconhecimento de que as emanações diferenciadas da energia suprema da sabedoria-compaixão pode ser percebida mais facilmente por mentes que ainda estão longe da Iluminação. Mais tarde, o adepto descobre que há razões psicológicas sensatas para muitos aspectos da prática iogue que, a princípio, podem parecer de valor discutível.

Mantras de Apoio

Mesmo antes da iniciação, muitos tibetanos terão provavelmente tomado parte em ritos centrados no mantra da compaixão, OM MANI PADME HUM, sobretudo aquelas evocações comunitárias de Avalokiteshvara Bodhisattva, durante as quais as aspirações pelo bem-estar de indivíduos, grupos de pessoas ou seres sensitivos em geral são imbuídos pelo mantra cujo poder traz algum alívio para os sofrimentos.

De espécie um tanto diferente são as evocações que podem ser denominadas "de apoio", pois são usadas em relação com grande número de iogas de maneira periférica.

De particular importância é o mantra OM AH HUM.

Trata-se de sílabas de grande poder; a primeira e a terceira são tão impregnadas de significado que muitas páginas seriam necessárias para elucidar exhaustivamente este mantra. Usado como "mantra de apoio", ele tem tido funções principais em três casos: (1) para criar uma atmosfera ritualmente pura antes de iniciar a prática mais importante; (2) para transmutar oferendas materiais em suas principais contrapartidas; e (3) para servir de compensação para um

mantra que foi esquecido ou que se ignora. Neste contexto, OM, a sílaba inicial de quase todos os mantras, encarna (como sempre) um tremendo poder criador e representa o Infinito, a Mente Única, a consciência que tudo abrange e a própria essência da existência. AH mantém e preserva o que OM cria. HUM imbui o que foi criado com energia vital, além de submeter a paixão e destruir o pensamento dualístico. Juntas, as três sílabas preparam e purificam a mente do adepto para a ioga que ele vai realizar. Ao fazer oferendas como parte do antigo ritual que governa as iogas desta espécie, sendo seu propósito simbolizar a renúncia dos desejos mundanos, o adepto insere o nome da substância oferecida entre a primeira e a segunda sílabas do mantra, assim OM PUSHPEĀH HU M, OM DUPHE AH RUM, quando as palavras inseridas significam flores e incenso. Para substituir corretamente um mantra de saudação a uma deidade particular de mediação, o mantra requer a inserção do nome da deidade, assim: - OM SAMANTABHADRA AH HUM. Mantras compostos deste modo podem ser usados para transpor a "energia" das deidades nomeadas para os vários centros psíquicos (chakras) do corpo do adepto. Durante certos ritos contemplativos, um OM é visto acima da sobancelha da deidade, um AH vermelho reverbera em sua garganta e um HUM brilha sobre seu coração; raios de luz colorida procedentes dessas sílabas penetram as partes correspondentes da pessoa do adepto, purificando o seu corpo, a sua fala e a sua mente ou, num nível mais profundo, sua respiração, seus canais psíquicos e sua vitalidade. Neste caso, OM representa o Dharmakaya ou Corpo Místico (Vazio) de alguém Totalmente Iluminado; AH representa a Fala Sagrada; HUM representa a Mente de Buda. Quando usado para acompanhar oferendas, o mantra simboliza a total submissão das faculdades do corpo do adepto, sua fala e mente; de outro modo, significa a aspiração do adepto para se assemelhar à pureza do Buda, nessas três faculdades.

Assim como OM AH HUM purifica o próprio adepto, assim o mantra RAM YAM KHAM (sua pronúncia rima com a palavra inglesa come) purifica o lugar onde a ioga será realizada. A visualização que a acompanha é grandiosa e terrível. O adepto se julga sentado no centro de uma área cercada por chamas devastadoras como o fogo

pelo qual o universo será destruído ao final de um kalpa: rodeando as chamas, há uma negra tempestade como um turbilhão ao fim de uma era; além fica um oceano coberto de imensas ondas violentamente agitadas. Segundo a ioga, este mantra sela o ambiente do adepto, tornando-o inacessível às más influências, que se tornam mais violentas à medida que o sucesso se aproxima, gerado por agentes aos quais a virtude é odiosa — agentes que todo meditador experimentado conhece.

Um modo menos eficiente de purificar a arena da ioga é recitar OM VAJRA BHÜMI AH HUM, no qual "vajra" (adamantina) denota a não-substância do Vazio — Realidade Suprema; e "bhumi" significa simplesmente "local". Por meio deste mantra, um domínio de vazio sem mancha, brilhante, é conjurado pela mente; o poder das sílabas OM AH HUM imbui a vizinhança do adepto com a qualidade do puro vazio e ele julga os fenômenos à sua volta em seu estado absoluto; são então indistinguíveis do Grande Vazio.

O Mantra de Transmutação da Fala

Exige-se freqüentemente dos iniciados num curso de ioga contemplativa que comecem cada dia recitando um mantra composto de todas as vogais e consoantes do alfabeto tibeto-sânscrito, que em conjunto compreende os elementos de qualquer mantra imaginável; o propósito é levar à transmutação da fala do adepto, no sentido de purificar sua pronúncia à maneira da ioga. A fórmula Nyingmapa seguinte combina esse mantra com uma recitação introdutiva que fornece a instrução para a visualização requerida:

OM AH HUM!

*Crepitam línguas de fogos de Ram²
E formam um vajra com três dentes de luz vermelha -
Dentro, o Mantra da Causalidade,
Com vogais e consoantes mântricas ao redor
Em letras como um fio de pérolas. Delas,
A luz se expande em oferendas e conquista*

A alegria dos Budas e de seus filhos³.

Contraindo-se, purifica a fala De obscuridades; assim, realiza

A transmutação da fala de Vajra⁴, depois do que

Todos os siddhis⁵ são obtidos. Agora, recita-se:

AÃIIUÜRRLLLEAIOAUAMAH (sete vezes)

KÁ KHA GA GHA NGA CA CHA JA JHA NYA

TA THA DA DHA NA TA THA DA DHANA

PA PHA BA BHA MAYARA LA WA

SA SH A SA H A KSH A H (sete vezes)

OM YE DHARMA HETU PRABHAWA HETUN TESHAN

TATHAGATO HYAVADAT TESHAN CA YO NIRODHA

EVAM VÃDI MAHA SR AM A NAH SWAHA (sete vezes)

O Mantra do Precioso Guru

Os budistas de todas as escolas e seitas refugiam-se diariamente na Jóia Tríplice — o Buda, a Dharma (Doutrina) e a Sangha (comunidade sagrada). A estas, os seguidores da Vajrayana acrescentam uma quarta — o Guru. Quando os Refúgios são recitados, o Guru vem em primeiro lugar — Namó Gurubé, Namó Buddhaya, Namó Dharmaya, Namó Sanghaya. Isto é para reconhecer que é ao guru do adepto e aos dos lamas de sua formação, chegando até o próprio Buda, que ele deve seu total conhecimento dos outros Refúgios. Como é apropriado em toda prática iogue, a confiança no guru é absoluta. Se a sua integridade ou sabedoria for posta em dúvida, os iogues ficam na perigosa posição de homens que navegassem ao longo de costas rochosas num mar desconhecido sem um navegador ou com um navegador em cujo conhecimento não tivessem confiança! Os riscos seriam terríveis! Portanto, o que é conhecido como guru, em ioga, forma uma parte essencial da ioga Vajrayana.

Os lamas Nyingmapa e os da maioria de outras seitas ensinam que os discípulos foram iniciados nos sagrados poderes da ioga para que o ultrapassem o domínio das semelhanças até o reino beatífico do puro ser, de modo que, percebendo sua identidade, possam

apoiar-se espontaneamente em ambos, invocando primeiro o Precioso Guru, Padma Sambhava, Fundador da Linhagem Nyingma, cuja forma, para propósitos contemplativos, é considerada como corporificando todos os outros mestres do conhecimento sagrado. Como a forma imaginada é uma criação mental que personifica o primeiro dos Quatro Refúgios, talvez a identidade do Precioso Guru não seja de total importância para a prática. Entretanto, ele é bem conhecido por todos os tibetanos, tanto na lenda como na história. A lenda conta que Padma Sambhava é assim chamado porque chegou a ficar conhecido pelos homens por sua aparição numa gigantesca flor de lótus que flutuava sobre as águas de um lago, na terra de Ugyen, que em tempos antigos ficava na região além da fronteira noroeste do Tibete. Historicamente, ele é conhecido por ter sido um dos grandes iogues que levaram o Buda Dharma da Índia para o Tibete (século VII d.C). Desde essa época, ele tem sido venerado, logo abaixo do Buda, nos corações dos homens, pois é a cabeça-de-ponte da grande seita Vajrayana do Budismo Mahayana. Na verdade, em contextos em que a Realidade Absoluta é encarada como a fonte suprema de todo conhecimento sagrado, a forma do Precioso Guru é empregada, na ioga, como personificação do Dharmakaya, o Corpo no qual o Buda e o Absoluto são indistintamente um só.

Ensina-se que as transformações corporais do Precioso Guru são inúmeras; convencionalmente, ele é com mais frequência representado como um belo jovem ou como um homem jovem e barbudo, sentado à maneira iogue da "postura real". Com os dedos da mão direita, que segura uma Vajra (símbolo da adamantina não-substância do Vazio), ele forma o mudra da "proteção contra o obscurecimento do Dharma". Com sua mão esquerda, ele segura uma taça de crânio humano (que significa renúncia) transbordante de amrita (ou néctar da imortalidade) coberta por um vaso cheio da mesma não-substância. Um tridente mantido no lugar por seu braço esquerdo representa os três reinos da existência samsárica, e as três cabeças representam ali os três Corpos místicos dos Esclarecidos, sendo um deles um crânio humano que sugere a ausência de atributos ou vazios do Dharmakaya. Todo detalhe de sua forma tem seu próprio significado simbólico.

Durante a contemplação iogue, os Nyingmapas visualizam todos os lamas de sua linhagem, na representação do Nascido no Lótus, reverenciando-se a todos como sucessivas encarnações do Dharmakaya, na presunção de que o maior mérito de um guru é o poder de suas palavras para transmitir a luz da Realidade Absoluta. Portanto, começam sua meditação criando uma imagem mental do Precioso Guru e conferindo-lhe vida por intermédio do mantra do Guru, prestando assim homenagem à meta inimaginável do comportamento místico e a toda a linhagem de mestres que mostraram o caminho para alcançá-lo. Seja qual for a prática principal de um adepto Nyingmapa, ele deve recitar alguns versos de invocação ao Nascido no Lótus e repetir o mantra algumas centenas ou milhares de vezes. O que se segue agora é típico dos muitos versos dessa espécie; eles pertencem a velhos textos e foram extraídos de um sadhana (rito contemplativo) composto pelo Venerável Chogyam Trungpa Tulku:

*Ó Precioso Guru, Buda do Tríplice Tempo,
Senhor dos Poderes Sagrados, sempre em Grande Beatitude,
inclino-me a teus pés.
Afastador de todas as dificuldades, que se revela em forma
irada para afastar ilusões.
Oro a ti, suplicando sagrada determinação.
Oro a ti, Lama, Jóia entre Jóias,
Pedindo determinação para afastar todo pensamento
individual,
Que doravante pareçam sem sentido as coisas mundanas,
Que a sagrada determinação dos pensamentos não se afaste,
Que eu compreenda a minha mente como a incriada, não-
nascida.
Que a inquietação inata seja apaziguada,
Que minha mente se torne veículo adequado para o Atalho
mais Profundo.
Que minha obtenção da Verdade Suprema fique livre de
obstáculos.*

Que o poder da Sabedoria e da Compaixão se aperfeiçoe em mim.

E que eu possa alcançar esta união com o Buda, o Dominador de Vajra.

Para realizar a ioga do Precioso Guru, o adepto senta-se, pela manhã, num lugar calmo e limpo. Após certos preliminares como os que precedem a contemplação do Yidam, sua mente torna-se serena, não-perturbada por pensamentos preocupantes. Desejando o bem de todos os seres e resolvido a usar qualquer poder que alcance para benefício de outros, ele visualiza um plácido lago azul sobre o qual flutua um lótus gigantesco que suporta discos lunares e solares dentro de suas pétalas bem abertas. Ali está sentada a Eterna Criança, Padma Sambhava, o Precioso Guru, que o adepto, cheio de alegria e emoção, reconhece como a representação do Dharmakaya, mas também como a representação de seu mestre e de todos os lamas de sua filiação. Ao fazer reverência ao Precioso Guru, ele reverencia a todos. Tendo orado para pedir bênção, o afastamento de todos os obstáculos e a obtenção do poder espiritual ilimitado, ele começa sua recitação do mantra do Guru pelo qual a forma visualizada é dotada de força vital e a união com o Guru é completada:

OM AH HUM VAJRA GURU PADMA SIDDHI HUM!

Na tradução do Venerável Chögyam Trungpa Tulku, o significado interior dessas sílabas é o seguinte:

OM é a origem, o Dharmakaya.

AH é a inspiração, o Sambhogakaya.

HUM é a expressão, o Nirmanakaya.

VAJRA é a união desses três.

GURU é a visão interior que instrui, o ponto central da mandala.

PADMA é a compaixão destemida.

SIDDHI é o poder do Reino Dharma.

HUM é a unidade dessas qualidades em nós.

Quando desaparece a visão do Precioso Guru sobrevém um estado de consciência sem objetivo, a que se seguem certas aspirações e uma dedicação do mérito recém- alcançado para o bem-estar de todos os seres.

O Precioso Guru é a suprema corporificação do poder tântrico, através do qual é possível emancipar-se das garras do pensamento dualístico, ser capaz de usar todas as energias, sejam boas ou más na origem, para a rápida realização da Iluminação. Dizem que ele praticou a meditação usando pilhas de cadáveres como assento, tendo transmudado a carne dos cadáveres em puro alimento, o que é talvez uma alegoria forçada para ilustrar o processo de transmudar o sujo em limpo. Pode-se dizer o mesmo sobre a verdade da história na qual ele foi transformado na sílaba HUM e depois engolido por uma *dakini* feroz, em cujo corpo recebeu a iniciação e foi purificado de todas as corrupções. Tais imagens podem ser revoltantes; mas, a não ser que a beleza e a felicidade sejam aceitas imparcialmente, como pode ser sobrepujado o pensamento dualístico?

Os Mantras das Terríveis Divindades

O Yidam escolhido por um discípulo no momento de sua iniciação não é sempre um ser bonito como Tara. De acordo com as circunstâncias, pode ser escolhida uma das terríveis divindades, tais como Yamantaka — horripilante corporificação do suave patrono de sabedoria e erudição, Manjushri Bodhisattva. Na verdade, cada uma das deidades de meditação tem uma contrapartida aterrorizadora, sem a qual não haveria liberação para o "bom" e o "mau" do pensamento dualístico. Até a delicada Tara pode, às vezes, aparecer como uma *dakini* ou deidade fêmea, de aparência feroz. Contemplar as deidades em suas formas horríveis é um meio de obter tremendo poder para destruir todos os obstáculos do ego — paixões, desejos, ilusões — criados pela ignorância, assim como negar o dualismo envolvido na preferência pelas formas agradáveis ao olhar.

Alguém que desconheça as características especiais do budismo Vajrayana admitiria que a aparência diabólica de Yamantaka não é outra senão a do jovem e encantador Manjushri, de voz suave! De

pele azul, com muitas cabeças (a maior é de um touro feroz; a menor, uma minúscula e sorridente cabeça de Buda acima de todas, a única que sugere que sua função é secretamente benigna), Yamantaka tem incontáveis membros; as mãos, que não empunham uma ou outra de uma variada coleção de armas assassinas, seguram objetos tão terríveis como uma taça de sangue no feitio de um crânio humano; sob seus pés, jazem montes de cadáveres; seus ornamentos são confeccionados com ossos, esqueletos humanos e cabeças cortadas; brotam chamas de seu corpo em todas as direções — no entanto, apesar de os iogues consumados o virem como um ser fantasmagórico e raivoso, cercado de fogo ardente, sua proximidade não os atemoriza, pois eles bem sabem que essa ferocidade não é dirigida contra os seres humanos e pecadores, mas contra as más inclinações de suas mentes e contra o ego, que deve ser destruído impiedosamente antes que se conquiste a Iluminação. Ele é a encarnação de suas paixões, cobiças e ilusões, mas também dos poderes maravilhosos da transmutação pelos quais a energia gerada por esses erros é usada contra eles. As armas de Yamantaka, com suas lâminas afiadas e denteadas, são instrumentos com os quais a sabedoria corta os laços da escuridão; o horrível colar que pende de seu pescoço é composto de cabeças, não de seres humanos, mas de paixões decapitadas.

Os seguidores de tradições com aparência menos apavorante inclinam-se a dizer que não há necessidade de um Simbolismo tão bestial, mas nele está contido algo mais do que um Simbolismo; o iogue deve vivenciar essas formas assustadoras como realidades vivas carregadas de feroz energia e movimento; de certo modo, ele deve aspirar o cheiro do touro e sentir o bafo chamuscante das chamas como parte de uma tremenda experiência psíquica, pela qual, dia após dia, as forças do ego são derrotadas. Não se trata de olhar figuras apenas, ou de meditar sobre vagas formas sem vida. A Fonte-Realidade, apesar de ser, ao fim, calma, remota, intangível, cria toda espécie de contraste violento no reino das aparências. Como tudo isso pode ser descartado pelos que procuram conhecer a Verdade como um todo? Além do mais, desde que a consciência humana contém tanta coisa egoística, violenta, cruel e

profundamente enraizada, como podem essas más tendências ser combatidas senão por forças tão implacáveis e impiedosas como elas próprias? Destruí-las dentro do espaço de um período de vida é tarefa, não para melindrosos, mas para gigantes indomáveis que venceram o medo e o ódio.

Yamantaka, cujo nome significa Vencedor da Morte, é assim denominado porque a contemplação de sua forma pelos iogues adequadamente instruídos constitui um dos poderosos meios pelos quais a cadeia de uma era de nascimento e morte é subitamente cortada. Libertando a mente da dualidade, a morte e a vida são transcendidas, mas as inclinações maléficas escondidas nas profundezas da consciência do adepto devem ser, primeiro, levadas para a claridade, reconhecidas pelo que são e depois destruídas. A forma iogue da deidade retrata simultaneamente a fealdade do mal, a energia causticante e a força feroz de vontade necessárias para sua rápida destruição. A contemplação de formas tão plácidas como as de Chenresig ou de Tara é um remédio insuficiente para se vencer a cobiça ou a paixão dominadoras; daí, a absoluta necessidade da ioga para seres como Yamãntaka e as terríveis *dakinis* nuas.

Quando Yamãntaka é evocado, deve haver uma resolução ardente de apagar o tríplice fogo da paixão, da cobiça e da ignorância. O mantra pelo qual sua forma está imbuída de vida é o seguinte: OM YAMÃNTAKA HUM PHAT! Os mantras de deidades lutadoras são breves! Dessas sílabas, só PHAT (em tibetano: Pé) exige explicação. Sua rápida e explosiva ejaculação afasta más influências, chama de volta a mente distraída para a unidade durante a ioga contemplativa, e representa um estímulo para a visão espiritual. Essa forma de ioga, como todas as outras, deve terminar com um sentimento de gratidão cordial pelo poder recebido e ser seguida pela dedicação do merecimento a todos os seres.

O Mantra da Sabedoria e do Ensino

Assim como Avalokiteshvara personifica a compaixão, a contrapartida do benigno e encantador Manjushri personifica a sabedoria. Não se deve temer a arma que ele mantém erguida: é a espada para Discriminar o Conhecimento, pela qual os laços da

ignorância são destruídos. Seu outro atributo, um livro ou uma pilha de volumes, representa a Perfeição da Sabedoria Sutra, que muitos tibetanos apreciam acima de tudo. Às vezes, Manjushri é visto de pernas cruzadas sobre um lótus; mais freqüentemente, está a cavalo sobre um tigre bonito, de aparência amigável. A única lembrança de sua emanção odiosa é a cor azul de sua pele. Pelos Nyingmapas, ele é raramente tido como um Yidam, pois se acredita que ele é arisco e dificilmente atende pela forma de invocação habitual; no entanto, é de presumir que os Gelugpas pensem de modo diferente, pois ele e Yamāntaka são os principais guardiões de sua seita. Há ocasiões em que é extremamente apropriado buscar sua ajuda. Em geral, ele é invocado por escritores que iniciam novas obras nos campos das artes e do conhecimento científico. Muitos livros começam com alguns versos em sua honra, para que não se cometam erros graves. Seu mantra é: OM ARAPACHANA DHI Existe a peculiaridade de que, após ter sido pronunciado várias vezes, é então falado com repetição múltipla da sílaba final, tornando-se OM ARAPACHANA DHTH DHTH DHTH DHTH DHTH. . . Como em todos os mantras, a mente é Rainha. Deve haver uma poderosa aspiração para que o fluxo da sabedoria brote do íntimo e também um sentimento de gratidão cordial quando o fluxo é mentalmente apreendido.

O Mantra da Purificação

O mantra conhecido por todos os iniciados é o de Vajrasattva, suprema encarnação da energia sabedoria- compaixão, que é retratada no próprio centro da mandala ou padrão esquemático que ilustra as divisões e subdivisões dessa energia; assim, ele representa o Buda Sabedoria em sua forma pura e não-diferenciada. Como até os mais destacados adeptos dificilmente podem evitar uma ocasional infração dos votos-samaya feitos por ocasião da iniciação, é necessário que haja meios de reparar os danos. Isso é feito pelo adepto que visualiza Vajrasattva sentado sobre sua cabeça. Depois de invocações apropriadas e da geração do verdadeiro arrependimento pelo mal feito, são recitadas as Cem Sílabas Mantras várias vezes, durante o que brota um brilhante néctar branco do

coração da deidade, passando pelo alto da cabeça do adepto, enchendo gradualmente todo o seu corpo e expelindo de seus orifícios inferiores as correntes escuras das más inclinações que fluem para as bocas escancaradas de Yama (Morte) e seus servidores reunidos numa praça subterrânea, profunda, diretamente abaixo de onde está sentado o adepto, realizando seus ritos de purificação. Quando, após um tempo que pode ser para alguns desconfortavelmente longo, o adepto percebe, segundo a ioga, que seu corpo está limpo e brilha agora como um vaso de cristal transbordante de puro néctar branco, desiste de recitar as Cem Sílabas Mantras e começa a recitação do mantra do coração de Vajrasattva, como segue: OM VAJRASATTVA HUM. Essas sílabas cintilam à sua volta, emitindo raios de luz brilhantemente colorida — OM, branca na frente; VAJRA, amarela à direita; SAT, vermelha atrás; TVA, verde à esquerda e HUM, azul em seu coração. Continuando essa prática pelo maior tempo possível, o adepto conclui o rito da maneira usual, culminando numa dedicação do mérito.

Todas essas práticas dependem do reconhecimento de que por todo o universo, todos os objetos aparentes são nascidos da mente. O que explica o fato de as sílabas mentalmente criadas poderem encher o céu com uma multidão de deidades brilhantes é o seguinte: assim como o Vazio (o Tao, o Deus Pai, a Mente, a Mãe do Universo) é a fonte, contingente e vida de todos os fenômenos, assim cada mente individualmente e o contingente do Vácuo! Sendo de natureza única e livres das leis espaciais, elas são coterminantes. Toda santidade e sabedoria ali residem. A verdadeira natureza do homem transcende a mais elevada concepção de divindade jamais formulada neste ou noutros mundos. Dentro da dimensão de seu crânio, giram galáxias inteiras. Livre do tempo e do espaço, o Vasto Contingente de universos tão numerosos como os grãos de areia do rio Ganges está presente em sua inteireza dentro da mais minúscula de suas partes!

Mas as mentes iludidas pelo pensamento dualístico estão cegas para a sua verdadeira natureza; e a simples aceitação intelectual da verdade nada faz para a percepção direta de seu esplendor.

Portanto, vários meios habilidosos foram imaginados para alimentar uma percepção clara. Os mantras, gestos e visualizações empregados nestas iogas dão acesso a fatores psíquicos mergulhados no nível mais profundo da consciência do adepto. Homens analfabetos ou muito eruditos, supersticiosos ou relativamente esclarecidos podem usá-los com igual proveito, com a diferença de que o erudito poderá ter de lutar com mais pesada carga de obscurantismos que o homem simples.

Aí está o verdadeiro significado dos mantras. Ainda que possam ser usados efetivamente para realizar uma variedade de propósitos, sua mais elevada meta é assistir o contemplador do mantra para que chegue a ver face a face a sua própria divindade. Por comparação, todas as outras finalidades são triviais.

-
- 2 - RAM corporifica a energia do fogo.
 - 3 - "Filhos de Buda" é o termo usado para os fiéis budistas.
 - 4 - Fala de Vajra significa o dom da fala que deve ser transmutado para a forma iogue.
 - 5 - Poderes

Capítulo 6

PALAVRAS DE PODER

Nos capítulos anteriores, além de descrever como fui levado a um meio onde as artes mânticas ainda florescem, estendi-me principalmente sobre a função dos mantras, pouco dizendo a respeito de sua natureza. Já esclareci que, entre os tibetanos, sua função primordial está relacionada com a ioga primitiva; e já me referi ao seu uso para obter resultados aparentemente externos à mente de quem os controla, tais como alívio nas doenças, mas sugeri que sua influência em tais casos pode ser mais subjetiva do que a princípio pode parecer. Mencionei, também, apesar de não ter investigado, a afirmativa de muitos tibetanos de que os mantras podem realmente conseguir resultados miraculosos, tais como causar ou evitar tempestades de granizo. No momento, deixarei esta terceira possibilidade e me contentarei com as duas asserções de que os mantras podem ser usados à maneira iogue com efeitos espantosos, e de que algumas vezes parecem operar de modo totalmente objetivo, em parte ou no todo. Surgem agora duas questões:

Qual é a natureza dos mantras e a verdadeira explicação para o seu poder?

Se, como se supõe com freqüência, é apenas a fé na eficácia que lhe confere poder, haverá real necessidade de uma grande linha de mantras?

QUALQUER mantra produziria todos os resultados realizáveis, se um adepto adequadamente treinado estivesse convencido de sua eficácia para todos os propósitos?

A natureza exata dos mantras é matéria tão difícil de esclarecer, que me parece melhor começar revendo o assunto num contexto

global, pois há poucas comunidades no mundo nas quais a crença generalizada nos poderes transformadores e criativos da palavra nunca se tenha arraigado. Com relação à poderosa força do *shabda* (som sagrado), a doutrina hindu, ensinada por algumas seitas até hoje, tem paralelos antigos em conceitos tais como o Logos, a harmonia das esferas e assim por diante. Possivelmente, o dictum pronunciado por Confúcio, há cerca de dois mil e quinhentos anos, sobre o fato de ser a música essencial para a governança do Estado, possui um significado mais transcendental do que em geral se aceita. Há nos escritos dos antigos muitas passagens curiosas que atribuem um estupendo e até um supremo poder criador à divina energia do som. Em escritos ulteriores, tais passagens tornam-se escassas; com exceção de certas seitas tântricas hindus, diminuiu a crença de que uma suprema energia do som produziu a criação do universo; mas há vestígios dessa crença, ou de outras análogas sobre a atribuição de poder criador, transformador ou destruidor de pronunciamentos esotéricos, que sobrevivem abrangendo desde os mantras até palavras de feiticeiros. Narro alguns exemplos ao acaso, tanto passados quanto presentes:

Há uma figura Cabalística da Árvore da Vida que, representando o universo, tem vinte e dois membros, cada um dos quais representa uma letra do alfabeto hebraico, à qual é atribuída uma hierarquia correspondente de ideias. Essa noção dos sons de um alfabeto, que representa magicamente a totalidade da sabedoria, faz lembrar o Mantra da Transmutação da Fala, já descrito. Aprendemos com G.R.S. Mead que a liturgia mitraica continha fórmulas mágicas consideradas como "sons de raiz", que davam origem a certos poderes divinos. O termo "sons de raiz" traz logo à mente os bija-mantras, pois "bija" significa "semente". Novalis conta-nos que a fala das noviças de Sais era um canto maravilhoso, cujos tons penetravam o íntimo da natureza, "dilacerando-o"; e cujas vibrações "produziam imagens de todos os fenômenos do mundo". A evocação de imagens é precisamente a função dos mantras usados na ioga contemplativa; e a desintegração de entidades, em resposta a palavras de poder, talvez se fundamente no ponto de vista, que será examinado no capítulo seguinte, de que cada objeto está

relacionado com um som sutil que, pronunciado, pode destruir, modificar ou dar vida ao objeto correspondente. Se existem realmente iogues com o poder de desintegrar objetos ao pronunciarem mantras apropriados, o segredo deve estar no exemplo de objetos desintegrados por alguma sutil contrapartida de vibração física. A reversão desse processo mágico seria responsável pelo aparecimento de objetos surgidos do nada. Sinto-me inclinado a mencionar essa possibilidade, apesar de não estar absolutamente convencido de que, mesmo supondo que ocorram realmente milagres, a explicação esteja nessa direção.

A profundidade da passagem inicial do Evangelho de São João, talvez raramente compreendida, não é o testemunho único da existência de uma crença, outrora predominante, de que o universo nasceu do som; até hoje podemos encontrar na Índia os que afirmam que o universo surgiu em resposta à criativa sílaba OM, e em tempos antigos houve provavelmente muitas culturas para as quais a influência de crenças similares foi decisiva. Dispersas pelas obras dos gregos gnósticos, há passagens que levam a essa conclusão, e as liturgias das igrejas cristãs contêm o que parecem ser remanescentes claros, apesar de meio superficiais, do conhecimento concernente às sutis qualidades do som. A queda dos muros de Jericó foi por vezes encarada sob esta luz, e não é raro encontrar pessoas que afirmam que "amém" e "aleluia" têm (ou tiveram outrora) um significado mântico. Certamente, é estranho que essas palavras fossem deixadas sem tradução em contextos em que tudo o mais foi reproduzido em linguagem moderna. Se nenhuma virtude mântica foi jamais ligada ao som do "amém" (que a Enciclopédia Britânica garante não ser mais do que um termo de concordância, confirmação ou desejo), não haveria razão para não ser traduzido. Ouvi dizer que na liturgia da Igreja Ortodoxa Grega, onde aparece na forma *arameen* ou *ahmeen*, seu uso é muito próximo do dos mantras. O caso do "aleluia" é de certo modo similar; pois, ostensivamente, não significa mais do que "Deus seja louvado" (Yaveh, o Senhor); o fato de terem conservado essa palavra na sua forma original sugere que sua virtude é considerada inerente ao som.

Será que o costume hebreu de nunca pronunciar o verdadeiro nome da divindade reflete o medo pelo poder das palavras sagradas? Talvez seja simplesmente respeito, como os chineses evitam palavras que acaso formem parte do nome paterno, mesmo quando sejam usadas comumente com *kuang* (luz) ou *wen* (literatura). Por outro lado, pode ser devido à crença de que o verdadeiro nome de Deus é uma palavra de terrível poder que poderia destruir quem a empregasse — conceito que também tem uma contrapartida chinesa, exemplificada pela deliberada pronúncia errada da palavra "four" em cantonês, por ser homônima do termo que significa "morte" — palavra de mau agouro, cuja elocução poderia acarretar conseqüências fatais.

Também ficamos pensando: por que a Igreja Católica prescreve múltiplas repetições do Pai-nosso e da Ave Maria se o fato de se recitar essas orações não tivesse um significado que ultrapasse o sentido? Pois o sentido, longe de ser valorizado pela repetição, é por ela atenuado. Haverá talvez algum sinal de sentimento em relação ao poder do som na tristeza despertada em alguns católicos pelo costume recém-introduzido de se rezar a Missa em vernáculo, em vez de o fazer em latim? Serão consideradas como diminuídas algumas virtudes sacramentais, na esteira dos conhecidos sons latinos? Dentro do rebanho do Islã, será derivado da crença na virtude do som do sagrado nome o costume de o dervixe repetir, horas a fio, o nome de Alá? Deduzir destes exemplos vestígios de um reconhecimento, outrora largamente difundido, do poder mântico, talvez seja ir longe demais, mas não podemos deixar de fazer essa indagação.

As histórias de feitiçaria e magia dão muito valor às palavras de poder — *abracadabra* é apenas uma entre uma quantidade infinda de palavras mágicas, às quais são atribuídos efeitos miraculosos. Por terem tais feitiços intenções indignas, o princípio básico não fica alterado. Além do mais, a feitiçaria muitas vezes floresce como remanescente de uma religião outrora respeitável, agora adulterada pela supressão e conseqüente substituição de seus ministros categorizados por camponeses quase analfabetos, em lugares afastados das sedes de cultura e autoridade, de modo que talvez as

palavras mágicas tenham origem em palavras sagradas de poder. Nem os mantras nem os feitiços podem ser bons ou maus em si mesmos; como espadas, podem ser postos a serviço de bons ou maus propósitos; a eficácia que possam ter depende de um acompanhamento mental, pois seria ridículo supor que palavras pronunciadas distraidamente sejam mais eficientes do que a tentativa de uma criança para apressar a mudança de uma luz no tráfego para verde, gritando *abracadabra*. Entretanto, não vale dizer que as palavras não têm importância para os acontecimentos; pois, a não ser que sua pronúncia seja uma fonte ou veículo de poder, para que deveria haver palavras mágicas?

Todos os amigos aos quais escrevi indagando sobre analogias ocidentais com o Budismo e com os mantras hindus citaram a Prece a Jesus dos adeptos mais inclinados à mística dos ramos grego e russo da Igreja Ortodoxa.

Pessoalmente, considero tal oração mais próxima dos mantras do que das fórmulas *nien-fu* (*nembutsu* ou *japa*) anteriormente descritas. No entanto, como é provável que essas fórmulas operem de modo muito semelhante ao dos mantras, e recebam seu poder de uma fonte comum, a Prece a Jesus é de grande interesse neste contexto. Agradeço a dom Sylvester Houédard pelas notas eruditas nas quais se abeberam os comentários seguintes.

A Prece a Jesus é uma fórmula mística que diz: "Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de nós" (as palavras "de nós" são às vezes substituídas por "de mim, pecador"). Seja ou não resultado da inspiração sufi, ou possivelmente de influência mais indireta originada em fonte hindu ou budista, ela foi usada no monte Athos dentro de um contexto iogue assim como concentração na respiração e nas batidas cardíacas, fixação do olhar e evocação da luz interior; com freqüência, ela é usada mais simplesmente como um foco de concentração iogue, sendo recitada verbal ou mentalmente sem interrupção. Das muitas referências a essa oração nos escritos místicos cristãos, há uma pelo Pseudo- Crisóstomo que, de imediato, lembra a ioga Yidam. É assim, em parte:

De manhã à noite, repita... (a Prece a Jesus) Enquanto come, bebe e assim por diante Até que ela penetre no coração, Desça às profundezas do coração... O coração para absorver o Senhor, O Senhor para absorver o coração Até que sejam uma unidade. Você é também o templo e o lugar Onde praticar a oração.

Um relatório encantador sobre o uso tradicional dessa oração (sem os acompanhamentos especiais acima mencionados) está contido na autobiografia de um simples místico russo que fez dela o centro de sua vida; este livro foi traduzido para o inglês por R. M. French sob o título de *The Way of a Pilgrim*. Passaram-se muitos anos desde que o li; mas, se minha memória merece confiança, o peregrino se dispôs a recitar a oração, dia e noite, sem interrupção, de modo que ela continuava em sua mente mesmo quando conversava com outros ou cuidava dos seus afazeres. Sua narrativa sobre os maravilhosos resultados combina exatamente com o que escreveram devotos chineses e japoneses sobre a invocação do Buda Amitabha. A leitura do que ele conta é suficiente para desmoralizar a idéia de que a repetição de uma simples fórmula, dia após dia, ano após ano, é uma prática estéril, ainda menos uma prática aloucada. Percebe-se nela a força latente e a mesma elevação espiritual exaltada que me fizeram ficar alegremente humilde na presença dos santos devotos do Buda Amitabha.

A dom Sylvester devo também a seguinte informação sobre uma fórmula meio parecida, usada pelos sufis em busca de comunhão mística com Deus. É conhecida como Ismu'z Zat (Nome da Essência Divina) e uma versão dela diz: "Hu El-Haiy El-Quaiyum" (Ele, o Vivo, o Auto-Subsistente). Ao passo que isso faz lembrar as fórmulas *nien-fu*, há também sufis que recitam a sílaba "Hu" ou "Huwa" apenas, mental ou oralmente, sem interrupção, prática tão próxima da recitação da sílaba mântica OM que ficamos a pensar se é correto traçar uma linha divisória entre *nien-fu* e a prática mântica.

Recentemente, o maior interesse pelo uso de mantras hindus e budistas fez com que o termo sânscrito "mantra" tenha passado para as línguas modernas, mas tem sido empregado de forma um tanto incorreta. Para falar adequadamente, os mantras, em

contradição com outras invocações consideradas sagradas (que podem, no entanto, como tal, ser consideradas por agirem mantricamente), são arranjos de sílabas sagradas, variando de uma até vários milhares de sílabas, cuja eficácia não depende em absoluto de seu significado verbal, ainda que alguma espécie de sentido possa ser extraída delas. OM MANI PADME HUM é um bom exemplo de mantra, do qual apenas a primeira e a última sílabas têm realmente um sentido verbal, embora não dê mais do que uma vaga sugestão de sua verdadeira importância.

Mesmo naquelas partes do mundo budista onde a influência Vajrayana tem sido virtualmente nula, formas de práticas quase mántricas são muito usadas, com mais frequência do que supõem muitos ocidentais convertidos ao budismo. De fato, até mesmo a seita Ch'an (Zen), que sempre é citada pelos escritores ocidentais como rigidamente oposta a ritos, recitações e outras práticas litúrgicas, faz uso dos mantras; por exemplo, os monges de Ch'an recitam diariamente o Menor Coração Sutra, obra de imensa profundidade, que termina com as palavras GATÉ GATÉ PARAGATÉ PÀRASAMGATÉ BODHI SVAHA. Isto é descrito nesse sutra como "o mantra inigualável, o aliviador de todo sofrimento" e, apesar de ter um sentido mais ou menos inteligível (Longe, longe, para bem longe, bem longe — Iluminação!), é usado sem referência ao seu sentido, sendo de fato uma invocação de Prajnaparamita, corporificação da sabedoria transcendental. Similarmente, tem sentido apenas superficial a referência aos budistas Theravadin do sudoeste da Ásia, como se eles não dessem valor aos mantras. O Sutra Mangala, cantado em casamentos, inaugurações e em outras ocasiões festivas, é um entre vários textos cuja recitação é considerada auspiciosa, produtora de boa sorte. Estes e os Parittas são recitados para afastar doenças e, sem serem exatamente mantras, são muito estimados por seu efeito mántrico. Assim, de certo modo diariamente é recitada a fórmula para buscar refúgio na Tríplice Jóia, invariavelmente cantada três vezes. A ênfase na múltipla recitação de fórmulas sagradas indica que alguma virtude, além do sentido comunicado, é-lhes inerente, que elas são portadoras de bênção ou afastam popularmente o mal; noutras

palavras, que elas têm as exatas qualidades que são atribuídas aos mantras. O fato de que essa atribuição de poder semelhante aos mantras não é (ou anteriormente não era) de todo inconsciente, apóia no uso que os Thai Theravadins fazem do termo *suat mon* (que significa literalmente "recitando mantras"), quando se referem a essa prática, pois "mon" é a contração da palavra "mantra". O uso de mantras, ou de outras fórmulas verbais consideradas como imbuídas de poder, é uma característica daqueles tipos de prática religiosa essencialmente místicos.

Das três categorias em que divido os mantras — isto é, os subjetivos, os aparentemente objetivos e os realmente objetivos em sua maneira de operar —, é certo que a primeira e provavelmente a segunda realmente operem por meio de processos criativos, transformadores e destruidores, que acontecem dentro da mente de quem os opera. Apenas os que ficam na terceira categoria têm uma semelhança mais do que superficial com as magias. Dos outros dois, a primeira categoria é superiormente importante. Hoje em dia, pelo menos, o ensinamento dos lamas sobre o assunto dos mantras é quase totalmente relativo ao seu uso na ioga contemplativa; eles tendem a abandonar outros usos por serem pouco importantes, não merecendo atenção continuada — não porque a crença no que poderíamos chamar de fenômenos sobrenaturais tenha diminuído, mas simplesmente em razão de sua preocupação única com o rápido desenvolvimento espiritual de seus discípulos. No nível popular, entretanto, os tibetanos têm enorme interesse pelo que são, ou parecem ser, efeitos objetivos realizáveis por mantras provavelmente considerados mais ou menos idênticos às palavras mágicas. Muito se ouve falar de mantras que são usados para afastar perigos e infortúnios, mas poucas pessoas parecem ter pensado na questão de saber se quem lida com mantras atinge a invulnerabilidade a certas doenças por ter entrado numa transformação interior ou se, na verdade, pode causar transformações em objetos externos ou em circunstâncias.

Não devemos tratar com escárnio essas crenças populares. Há provas mais do que suficientes para indicar que alguns dos efeitos "externos" atribuídos aos mantras realmente ocorrem. Os fatos aí

estão mas, não obstante qualquer posição que se tome com relação a eles, certos aspectos permanecem obscuros. Por exemplo: não se pode duvidar de que os mantras são às vezes suficientes para a cura de doenças, seja do adepto ou de outra pessoa. Sei disso por experiência própria, pois obtive e testemunhei, se não curas, pelo menos alívio de doenças efetuado pelos mantras. No entanto, há lamas altamente conhecidos por sua habilidade iogue que sofrem penosamente de doenças periódicas como asma, que eu acredito seja de caráter "psicossomático", a ponto de ser suscetível de um tratamento subjetivo. Por que eles não se curam pela ioga? Será porque não podem ou porque são impedidos de o fazer devido a seu íntimo conhecimento sobre a ação da lei kármica, pela convicção de que o sofrimento é justo, e afastá-lo numa forma seria simplesmente adiá-lo para outra?

Sobre os mantras usados para tratar de grande variedade de doenças, os das Vinte e Uma Taras oferecem um exemplo abrangente. Já ouvi relatos devidamente documentados para que se possa duvidar de todos. Todavia acho difícil aceitar que os mantras possam causar incêndios, inundações ou amainar tempestades; ou forçar soldados — possivelmente demônios — a abandonar seus bárbaros desígnios. Entretanto, encontrei por acaso alguns artigos científicos que podem ser relevantes sobre o assunto. Segundo algumas autoridades, toda doença é fundamentalmente psicossomática; se é assim, então as curas mânticas causam menos surpresa. Além disso, existe o conceito da "tendência para acidentes", que relata desagradáveis circunstâncias externas ligadas a estados de espírito. Quando soubermos mais sobre o indivíduo propenso a acidentes, poderemos começar a vislumbrar os princípios baseados na operação dos mantras das Vinte e Uma Taras. Por enquanto, devemos buscar alguma espécie de explicação, que não seja total nem particularizada, sobre a concepção mística da mente, como fundamento, recipiente e essência de todos os fenômenos. Quando se aceita este ponto de vista, os mais espetaculares mistérios deixam de assombrar — ou, talvez, os mais triviais objetos e circunstâncias são revelados como mistérios da mais elevada

ordem, resultando daí que nada quanto a mente possa conceber pareça totalmente improvável.

Ao ler sobre tibetanos e ao conversar com eles, chegamos a encontrar referências ao que comumente é considerado como poderes supranormais. Há muito aceitei o fato de que tais poderes podem ser desenvolvidos; pois pelo fato de raramente ou nunca serem exibidos com propósito de demonstrar sua existência, não se pode deixar de topar com tais exemplos quando se vive entre pessoas com elevado treino ióguico. O exemplo mais difundido, freqüentemente testemunhado, é o poder da telepatia; sem desejar fazê-lo em especial, muitos lamas bem-dotados demonstram, com seus discípulos, uma desconcertante capacidade para ler pensamentos ainda não-verbalizados, inclusive pensamentos que alguém nem sonharia em tornar audíveis, mesmo que tivesse tal oportunidade! Isso não deveria parecer estranho. Se a dedicação a toda uma vida de árdua prática iogue deixasse de produzir frutos notáveis, os tibetanos — povo muito prático — teriam abandonado suas práticas ascéticas, há séculos. Em assuntos desta ordem, é claramente difícil apontar com exatidão o significado dos mantras, pois eles constituem apenas um dos muitos fatores envolvidos no treino da ioga, e não podem ser divorciados dos processos psíquicos que acompanham sua recitação.

Por mais longe que alguém vá, tentando explicar tais assuntos em termos subjetivos, fica-se com um sólido saldo de efeitos mântricos que dessa maneira não podem ser explicados; ou nos devemos recusar a dar crédito ao fato de que eles às vezes ocorrem, ou então aceitá-los como miraculosos. De um ponto de vista não-iogue, este é o aspecto mais intrigante de todo este assunto. Nas obras de alguns dos primeiros missionários cristãos que escreveram relatos sobre a região do Himalaia e sobre o próprio Tibete, podem-se achar descrições de tais ocorrências extraordinárias, como o desaparecimento, a transformação ou a multiplicação de objetos materiais em resposta a pronunciamentos mântricos; e eu dei com um relato semelhante, escrito não há muito tempo por um membro da seita dos Adventistas do Sétimo Dia (ou Testemunhas de Jeová — não posso lembrar qual). Além do mais, há inúmeros relatos

tibetanos sobre lamas capazes de façanhas como criar réplicas animadas de seus próprios corpos a fim de aparecer simultaneamente em duas localidades distantes. Nem devemos subestimar aquelas passagens da biografia do grande poeta-sábio Milarepa, que descreve miraculosas ocorrências durante o período anterior à sua regeneração, tais como produzir uma tempestade de granizo, que destruiu os perseguidores de sua família. Na verdade, conheci muitas pessoas, nem todas do Tibete, que afirmam ter testemunhado o acúmulo ou a dispersão de nuvens de chuva mediante habilidades mânticas; uma dessas pessoas foi o Residente Indiano em Sikkhim, alguns anos atrás; homem muito conhecido por sua sagacidade e erudição. Ele não é absolutamente da espécie de pessoa que inventa ou modifica histórias de milagres apenas pelo gosto de impressionar o auditório. Nunca ouvi os meus lamas desprezarem tais ocorrências como indignas de crédito; julgo que sua relutância em discuti-las comigo se devia ao sentimento de que minha curiosidade era um tanto repreensível, como a de um visitante ao qual fossem oferecidas pérolas e jade, mas insistisse com seus hospedeiros para que lhe mostrassem alguns brinquedos engenhosos e divertidos. Pondo de lado, delicadamente, minhas perguntas, eles me deixavam perplexo.

Se os meus lamas, de sabedoria inatacável, acreditavam quase certamente que os objetos externos podem sofrer a ação e até serem transformados pelo poder mântico, penso que deve haver alguma base para essa crença. Teoricamente, é claro, isso implica em admitir que um iogue consumado, perseguido por um tigre, faria com que a fera diminuísse até ficar do tamanho de um gatinho ou desaparecesse de todo! Bem, minha credulidade não vai tão longe; no entanto, já tenho testemunhado algo (admito, muito menos sensacional) parecido com tal façanha; vi certa vez um cão furioso, ladrando, virar-se de súbito e retirar-se, com a cauda entre as pernas, em resposta a um mantra suavemente entoado, sem qualquer acompanhamento de natureza agressiva no som e no gesto! Deste modo, sinto-me tentado a aceitar um princípio, rejeitando suas conseqüências. Talvez eu não devesse rejeitá-las; minha firme convicção de que o universo é uma criação mental

deveria logicamente acarretar o reconhecimento de que nada, em todo o campo dos fenômenos objetivos, é na verdade impossível para um adepto capacitado em manipular criações mentais. Entretanto, o máximo que posso fazer nesse sentido é não trancar minha mente com firmeza contra certas possibilidades só porque me impressionaram de modo bizarro.

Era natural que os meus lamas desencorajassem a simples curiosidade ou o interesse acadêmico por esses assuntos; eles achavam que um estudioso de ioga devia ficar totalmente ocupado com o uso prático do que tivesse aprendido. Isto me obrigou a depender da observação casual ou até da simples especulação. No capítulo seguinte, ofereço — de modo muito tentador — as sugestões de que façanhas mânticas realmente extraordinárias podem requerer um domínio das leis do *shabda* (som sagrado); e que, possivelmente, muitos lamas não têm total conhecimento dessas leis ou, ainda, não estão preparados para discuti-las; a primeira possibilidade explicaria por que hoje a invocação de objetos surgidos do nada, ou desaparecidos, seja, ainda que teoricamente possível, vista com raridade.

Com relação aos efeitos subjetivos e facilmente demonstráveis dos mantras usados na ioga contemplativa, não há lugar para dúvidas. Basta aprender a ioga de modo correto para descobrir o poder dos mantras, cada qual por si mesmo. Aqui, a única dificuldade estaria em persuadir os meditadores de outras crenças a aceitar as imagens de aparência exótica como verdadeiras encarnações de princípios ou fenômenos psíquicos da mais elevada santidade. Não posso dar ênfase maior do que afirmando que a suprema experiência mística é a mesma para todas as crenças, sejam elas inicialmente concebidas como União com Deus Pai ou como realização de união com a Fonte, que nunca foi interrompida desde o princípio, mas apenas perdida de vista. Qualquer que seja a fé, seus adeptos com certeza perceberão isso por si mesmos quando alcançarem um estágio elevado; mas, no começo e durante todo o tempo em que persistam as imagens de qualquer espécie, os diferentes conceitos que as pessoas tiverem do Sublime continuarão a colorir, não só as suas crenças pessoais, mas também suas experiências psíquicas. Lembro-

me de certa correspondência que tive há pouco tempo com uma senhora européia, que me escreveu contando como, durante experimentos com LSD visando a objetivos religiosos, havia desfrutado a comunhão com o Buda Amitabha e com seu guru tibetano. Sem ter a pretensão de questionar tais asserções, sugeri que sua experiência, apesar de ser de ordem espiritual, deveria ter recebido seu conteúdo específico e seu colorido da meditação sobre essas duas criaturas. Em muitos casos de experiências místicas iniciais, sejam alcançadas através da prática iogue ou induzidas por drogas ou por outros meios, não se pode ter certeza quanto a ser o conteúdo independente de crenças preconcebidas e imagens anteriormente conhecidas; só no estágio em que a imagem for transcendida é que a certeza é alcançada.

Contudo, a universalidade do conteúdo da experiência mística realmente profunda, independentemente de treino e crença, tornou-se clara para mim durante o estágio inicial de minha prática. Enquanto estava na China, encontrei duas formas principais de comportamento iogue: um, concebido em termos de crença religiosa bem definida (em geral no Amitabha ou Kuan Yin), o outro, em termos de abstrações de estilo zen, tais como a Mente Única, o Grande Vazio (ou Vazio-não-Vazio), a Fonte Suprema (Tao) e assim por diante. Os adeptos do primeiro, que é chamado o outro-poder iogue, em geral sabiam desde o começo, ou então chegavam a reconhecer que a meditação de Budas e Bodhisattvas invocados por mantras ou por práticas *nien-fu* são apenas materializações de forças benéficas que emergem da Fonte Suprema, e para ela retornam, e que residem na consciência do próprio indivíduo. A única diferença verdadeira entre eles e os adeptos do autopoder iogue (tais como os adeptos do Zen) é que estes preferem alcançar a mesma meta sem a ajuda de materializações psíquicas.

O reconhecimento da validade e da subjacente identidade destes dois caminhos deverá estender-se além da comunidade budista. A união mística com Deus, buscada pelos cristãos, usa o que os budistas chamam de outro-poder iogue, ao passo que os budistas Mahayana inclinam-se para as duas espécies, mas com ênfase individual numa ou noutra. Os mestres chineses e tibetanos têm

sabedoria demais para insistir em que qualquer dos principais atalhos iogues seja intrinsecamente superior ao outro; muita coisa depende do temperamento e das inclinações do discípulo. Pessoalmente, dou ênfase ao outro-poder iogue na minha prática (a não ser que se considere que a ioga contemplativa contém elementos de ambos), simplesmente porque o uso de mantras e de subsídios similares leva a resultados raramente alcançáveis só pelo auto-poder iogue. Este, indubitavelmente, é o principal propósito dos mantras, e aqui, pelo menos, "mágica" nenhuma é utilizada. Eles servem ao propósito até que o adepto se aproxime do ápice no caminho, onde todas as práticas estabelecidas são descartadas, ou caem por si mesmas.

Capítulo 7

SHABDA, O SOM SAGRADO

O fato de que a crença no poder mântico, ou em qualquer coisa semelhante, tenha sido outrora mais ou menos acatada em todo o mundo, pode encorajar alguém a crer na sua realidade, mas nada faz para elucidar a verdadeira natureza dos mantras. Dizer que a fonte do poder é a mente não nos leva mais longe, sobretudo se esse alguém acreditar, como todos os que usam mantras, que tudo quanto é concebível deriva da mente. E mais: há um bom número de anedotas correntes em círculos tibetanos que, tomadas em si mesmas, levariam à conclusão de que não há necessidade de uma série de mantras diferentes; de que um mantra (seja aprendido ou inventado para os propósitos de alguém) seria suficiente. Aqui vão duas dessas anedotas:

Uma narrativa chamada *Lam-rim Zin-dr'ol Lag-chang* fala de um monge indiano que interrompeu seu retiro anual durante a estação chuvosa para visitar sua mãe, supondo que ela estava sem comida e desesperada. Surpreso por vê-la alegre e com boa aparência, ficou ainda mais admirado quando ela lhe contou que havia aprendido um mantra pelo qual, "pelo poder da Grande Deusa", ela podia fazer com que as pedras fervessem, transformando-se em alimento; mas, sendo homem de profunda erudição, mal a ouviu recitar o mantra, começou a corrigir numerosos erros na pronúncia. Infelizmente, quando a pobre mulher recitou o mantra corretamente, provou que este era ineficiente, e então seu filho aconselhou-a a voltar para seu modo de recitação, e logo, graças à sua grande fé, ela pôde voltar alegremente a transformar pedras em comida!

No *She-nyan Ten-tsül Nyong-la Né-tu K'a-wa*, há uma história sobre um tibetano que tinha grande fé na sabedoria dos gurus indianos mas pouco conhecimento do sânscrito. Tendo viajado para a Índia, visitou um famoso guru num momento pouco favorável, e foi

recebido com um grito "Vá embora!" e um gesto de adeus. O tibetano tomou essas duas coisas por um poderoso mantra com seu respectivo mudra e, repetindo-os no retiro de uma montanha, alcançou rapidamente um alto nível de realização. Ao voltar para o guru a fim de lhe agradecer, soube de seu erro ridículo; mas o guru, em vez de repreendê-lo pela tolice, deu-lhe parabéns por ter realizado uma valiosa compreensão de uma prática não-convencional, devido à sua fé inflexível!

Tenho a certeza de que muitos lamas tibetanos compartilham uma atitude liberal para com os mantras, apesar dessas anedotas; no entanto, exceto em raros casos de incomparável fé, é bem difícil que sons tolos como bá-bá-bá ou bu-bu-bu sejam eficientes como substitutos para os mantras; de outro modo, a grande quantidade de mantras atual não se teria expandido ou, em todo caso, ainda não seria ensinada numa seqüência de importância ascendente. Meus lamas não me esclareceram com relação a esse assunto; na verdade, sua dedicação total ao progresso iogue de seus discípulos era tal que essas questões logo cessaram de ocupar minha mente. Igual foi minha atitude com relação aos mais espetaculares ou "miraculosos" usos dos mantras; pois, à medida que meus estudos progrediram, fui pensando cada vez menos neles; pois fui conscientizado de que os verdadeiros iogues não deveriam ficar muito abalados, mesmo pela visão de um tigre mantricamente raivoso transformado ante seus olhos num diminuto gatinho! A morte chega para todos de um modo ou de outro; podemos escapar da boca de um tigre para nos afogar-nos ignominiosamente numa lagoa, ao passo que ninguém escapa de vagar, entre nascimento e nascimento, no triste e muitas vezes doloroso domínio da ilusão, até que tenha conseguido a dispersão final de seu ego; uma ajuda como a que os mantras podem dar nesse sentido é de importância duradoura. Ainda assim, seria contra a natureza que uma pessoa comum como eu não tenha curiosidade alguma quanto à possível transformação de animais ferozes em inofensivos gatinhos — mesmo compreensivelmente frustrados! O aspecto mágico dos mantras nunca perdeu de todo sua atração para mim; e, portanto, neste capítulo final, oferecerei algumas especulações relativas tanto à

natureza dos mantras quanto à possibilidade de que possam às vezes afetar miraculosamente os objetos externos, pois que estas duas matérias estão de todo ligadas entre si.

Há autoridades, sobretudo hindus (talvez em teoria, budistas), que afirmam que os mantras são manifestações do *shabda* (o som sagrado), energia com poderes criativos, transformadores e destrutivos, tão fortes quanto os que são atribuídos pelos teístas a seu Deus (ou deuses). Infelizmente, é difícil encontrar uma descrição clara sobre a natureza do *shabda*. Seria risível supor que, não obstante as obras de vários escritores modernos, o *shabda* atue através de vibrações físicas! Sem dúvida, as vibrações físicas estão bem longe do sublime conceito hindu sobre o poder criador do *shabda*, que parece um eco das palavras de São João: "No começo era o Verbo. . . e o Verbo era Deus." Por outro lado, o conceito gnóstico, Logos (a Palavra), deve envolver alguma espécie de relação com o som, pois de outro modo a escolha desse termo seria inexplicável. Penso que podemos aceitar a existência de uma correspondência entre o *shabda* e o som comum, por mais elevado que um seja em relação ao outro. É provável que se trate de uma correspondência similar àquela que reúne o *prana-vayu* (ch'i em chinês) e o ar comum que respiramos. Apesar de que, como sabe todo adepto da ioga da respiração, o *prana* (energia cósmica) é levado ao corpo através dos poros e das narinas e o ar comum nada mais é do que seu condutor e sua contrapartida, simplesmente. Ao passo que, enquanto o som e o movimento do ar se relacionam com a física, o *shabda* e o *prana* são misteriosas energias cuja natureza só pode ser de todo compreendida, se é que pode, apenas pelos iogues mais adiantados.

Os escritores ocidentais contemporâneos parecem particularmente inclinados a uma errônea concepção, bem difundida, quanto ao sentido do ensinamento de que todo ser — humano, animal, divino, demoníaco — toda substância e toda entidade física possuem uma qualidade shábdica para a qual podem ser encontradas sílabas mânticas correspondentes. Um escritor após outro tem diminuído a estatura do *shabda*, baixando-a ao nível da eletrônica. Assim, o Dr. Evans Wentz, apesar de ter convivido com mestres tibetanos

eruditos, usa o termo "grau particular de vibração" para indicar a qualidade shábdica de um objeto ou som sutil. Mais recentemente, Philip Rawson, num livro chamado *Tantra*, escreveu sobre a textura de objetos, até de aparência muito densa, como sendo "de uma espécie relacionada com vibração"; até aí nada de mais, pois é realmente possível que um efeito shábdico de mantra sobre um objeto externo ao iogue seja sutilmente relacionado com vibração; mas o escritor continua, afirmando que tudo quanto é vivenciado como diferenças e interações entre coisas materiais é devido a "padrões de interferência produzidos entre frequências combinadas"! Sei muito pouco de física para ser capaz de polemizar sobre o assunto, mas tenho certeza de que esse conceito deixaria pasmos os expoentes tibetanos da ioga mântrica!

Desde que o Lama Govinda, cujo conhecimento sobre a operação dos mantras é profundo, usa os termos "sutil vibração" ao falar deles, não me aventuro a sugerir que o termo "vibração" seja totalmente descartado sobre essa conexão, mas creio que deveria ficar claríssimo que "sutis vibrações" devem ser de ordem muito diferente das que são associadas com aeroplanos! A tolice de pensar em termos de algo como vibrações físicas pode ser facilmente demonstrada; as variações da sílaba mântrica OM (por exemplo, UM) produzem os mesmos efeitos mântricos e qualquer vibração envolvida deve resultar do M final; mas, se é assim, o que dizer dos bija-mantras HUM, TAM, RAM, YAM, KHAM e muitos outros que compartilham desse final e no entanto possuem usos mântricos de enorme diferença? E que dizer das variantes de OM que, apesar de eficientes, não contêm esse M final, por exemplo, UNG (tibetano), ANG (chinês) e ONG (japonês)? Consideremos também a sílaba destrutiva PHAT; em sua forma sânscrita ela parece destruidora; entretanto, chineses e tibetanos a usam efetivamente, apesar de a pronunciarem mais ou menos como PHÉ!

Não se deve deduzir por estes exemplos que a correlação entre o *shabda* e o som comum seja insignificante; exatamente como o ar é o veículo do *prana*, assim o som deve ser o veículo do *shabda*. O fato de que existe uma relação ficou gravado em mim por experiências como a seguinte: mergulhei numa espécie de exaltação

ao passar por um eremitério chinês das montanhas, ao pôr-do-sol e ao ouvir ressoar o bok-bok-bok de um "tambor de madeira em forma de peixe" na tranqüilidade da noite — exaltação da mesma qualidade da obtida com o auxílio dos mantras. No que muitas pessoas erram é em atribuir importância excessiva à maneira pela qual as sílabas mântricas são pronunciadas. Estou convencido de que o som componente, tomado isoladamente do resto, tem pouco significado. Se alguém não- instruído em ioga mântrica ouvisse um mantra recitado erradamente por um verdadeiro mestre entre outros mestres, e se então ele o reproduzisse com perfeição — enunciação, ritmo, vibrações, tanto sutis quanto grosseiras —, o efeito seria nulo! Lama Govinda aproxima-se do âmago da questão ao ensinar que as vibrações sutis dos mantras são intensificadas por associações mentais que se cristalizam à volta deles por tradição ou experiência individual. Segue-se que a forma da enunciação, mesmo não sendo de importância primordial, é de muito menor consequência em comparação com o ato mental que a acompanha. E verdade que o som sutil, quando combinado com o poder mental, pode evocar forças adormecidas na mente de quem o usa; mas, ao passo que o poder mental divorciado do som sutil pode em si mesmo ser muito eficaz, o contrário não se verifica.

Mesmo aceitando a idéia de que a qualidade shábdica de um mantra é um componente importante de sua eficiência, essa qualidade entra em ação apenas quando o mantra é pronunciado por alguém adequadamente instruído na arte da visualização da ioga, pois os mantras não têm apenas som, mas também forma e cor; a forma da imagem prototípica ou símbolo com que é associado deve ser evocada no ato da recitação, pois essa imagem é o repositório de toda a energia psíquica, emocional e espiritual com que o adepto a dotou durante meses ou anos de prática iogue, junto com a energia psíquica associada por todos os adeptos que alguma vez se tenham concentrado sobre essa imagem ou símbolo particular, desde que surgiu. (Aceitar que a energia gerada por uma sucessão de iogues através dos séculos está presente nesses símbolos é um conceito que não surpreenderá os que conhecem os ensinamentos de C. G. Jung sobre arquétipos.) Tal como ficou

explicado no capítulo da divindade interior, os lamas ensinam que o mantra apropriado para cada uma das formas divinas contempladas personificam a energia psíquica desse "ser". Noutras palavras, a imagem da deidade ou da sílaba mântrica que a simboliza, visualizada pelo iogue, é um centro para as poderosas associações do pensamento, construídas à sua volta por incontáveis iogues durante séculos e pelo próprio adepto em suas meditações; entretanto, também constitui uma personificação particular, que brota da Fonte, e é a esse aspecto que a qualidade shábdica do mantra apropriado pertence provavelmente. Como o som não é mais do que um símbolo do poder latente do mantra, a pronúncia errada das sílabas não é assunto grave, pois é a intenção do adepto que liberta os poderes de sua mente. Apesar de o mantra poder consistir em sílabas às quais nenhum sentido conceitual está ligado, pronunciá-las, no entanto, torna possível conjurar instantaneamente no espírito as qualidades psíquicas com as quais se aprendeu a associá-las.

Portanto, é plausível supor que a qualidade ou poder shábdico não reside propriamente no som produzido mas no som arquetípico que representa, pois então a igual efetividade de sons variados como OM, UM, UNG etc. torna-se de todo explicável e não só em termos de fé.

Meu amigo Gerald Yorke, de notável erudição em algumas categorias de palavras de poder, chamou minha atenção para o conceito metafísico do *shabda*, que prevalece em círculos tântricos hindus. Com permissão dele, fiz breve resumo da informação que me foi oferecida. Antes, porém, devo esclarecer que, apesar de este conceito hindu poder ter importância básica sobre a natureza dos mantras, é um grave erro aproximar demais o ensinamento tântrico hindu e o budista; as tradições iogues dos dois sistemas são por vezes diametralmente opostas, até em pontos de importância capital; além do mais, os indianos, sendo por natureza amantes da especulação metafísica, diferem de maneira fundamental dos tibetanos e chineses, muito mais pragmáticos e objetivos; de modo que, apesar de a ioga tântrica e a budista brotarem da mesma fonte, nenhuma base conceitual comum pode ser encontrada para elas.

Os mestres hindus da ioga mântrica têm fama de conferirem imensa importância à correção do som e à vibração; a pronúncia do mantra é inacessível aos não- iniciados, que assim ficam efetivamente impedidos de utilizar seu poder. Ensina-se que o universo é "o jogo do espírito no éter da consciência (chitakasha)" e que o espírito, afastando- se de Deus, torna-se Deus-som (Shabdabrahman), e as miríades de objetos que constituem o universo são criações do som ou, por outra, do *shabda*. Além do mais, o aspecto feminino (ativo) de Deus pode ser invocado pela fala, ao passo que o aspecto masculino (passivo) só pode ser procurado no silêncio. A energia criadora de Deus dá surgimento à substância sutil do som, que por sua vez se transforma numa onda que pode ser ouvida. Em certo sentido, todo o universo procede de OM — a totalidade de todo som. Há quatro planos do *shabda* — o que não é som nem silêncio, mas transcende a ambos; o que não pode ser ouvido ou sequer imaginado, mas só é vivenciado diretamente num estado iogue de consciência; o que pode ser imaginado mas não ouvido, manifestando-se apenas em sonho e visão; e o que é fala e simples ruído. Por meio do mantra OM, pode-se passar do quarto plano para o primeiro. Cada ruído da natureza é uma trindade de som, de forma e de percepção. Cada sílaba mântrica possui completa correspondência com a idéia que representa; daí, pela pronúncia correta da sílaba certa, sem cogitação, podemos conceber a idéia de planos ascendentes que se elevam até Deus.

Até que ponto este ensinamento é aceito pelos iogues tibetanos eu não sei. Se tal doutrina de fato existe entre eles (numa forma que se adapte ao conceito budista de um universo sem Deus Criador), deve ser mantida como sagrada demais para os ouvidos dos iniciados comuns, ou então, como parece mais provável, deve ser considerada metafísica demais para ter algum valor prático para eles. Os mestres budistas se interessam muito mais pela aplicação prática do conhecimento sagrado do que pela teoria subjacente.

Eu gostaria de ter adquirido um conhecimento maior sobre o conceito tibetano da natureza do *shabda*. Meus lamas nada mais fizeram do que mencioná-lo de passagem como um componente do

poder mântico. Fui levado a formar minha própria hipótese, que pode ter ou não ter alguma base factual; ela se relaciona com a diferença que tracei atrás, entre a operação subjetiva e externa dos mantras. No caso da primeira, é mais do que claro que a exatidão da pronúncia e a entonação não têm grande importância, de onde minha conclusão de que o shabda relaciona-se aqui com sons arquetípicos, mais do que com o som realmente produzido. No último caso, parece-me exatamente possível que a perfeição da pronúncia seja um ingrediente essencial para uma operação mântica.

Milhares de tibetanos usam mantras efetivamente para propósitos de ioga todos os dias, ao passo que efeitos "mágicos" sobre objetos externos agora são raros - apesar de, a não ser que não se levem em conta os testemunhos, não serem desconhecidos mesmo hoje — neste século. Parece que a maioria dos lamas não conhece, ou então prefere não ensinar segredos shábdicos pertinentes ao uso miraculoso dos mantras. Se aceitarmos a idéia de que, em tempos anteriores, estes segredos eram largamente ensinados mais do que agora, isso explicaria por que há tantas referências a operações mânticas "mágicas" na literatura tibetana. Tal hipótese resolveria a contradição entre o ponto de vista de que a pronúncia perfeita é de suprema importância, e outro ponto de vista, baseado na experiência de efeitos mânticos durante a contemplação iogue, de que não tem importância alguma; porque daí se inferiria que cada um dos pontos de vista é correto em relação a uma ordem de objetivos. Trata-se de um pensamento excitante, pois então se pode aceitar a idéia de que ainda hoje pode haver adeptos que, como herdeiros do conhecimento secreto transmitido através das idades, são capazes de realizar façanhas tão prodigiosas como criar réplicas de espíritos à imagem de seus próprios corpos! Trata-se também de um pensamento confortador, pois a insistência dos lamas de que tais fatos na verdade ocorrem cria um infeliz dilema: ou se é compelido a acreditar no quase inacreditável, ou então, desde que em geral é impossível duvidar da boa-fé do lama, o discípulo pode supor que o mestre é crédulo demais. Entre essas alternativas, a primeira torna-se possível apenas se alguma outra explicação, como aquela que

expus, estiver à mão; a segunda envolve o paradoxo de se atribuir simples credulidade a homens que, obviamente, são dotados de visão objetiva e extraordinariamente sábios.

É óbvio, para mim, que os mantras usados na contemplação iogue nos conferem um tremendo poder, tanto como creio no calor do sol ou na umidade da chuva, pois tudo isto é questão de experiência direta; no entanto, a natureza do *shabda* permanece indefinível. Os vagos depoimentos, como os de que sons especiais têm afinidades shábdicas com componentes especiais da consciência sobre os quais agem, deixam muita coisa inexplicada. Mas talvez seja melhor não haver maior interesse sobre as razões do poder de um mantra ou sobre a maneira com que este age. Milhões de pessoas usam a eletricidade para iluminar e aquecer suas casas sem compreender sua natureza ou saber como funciona. A vida é curta demais para fazermos exaustivas indagações sobre tudo aquilo de que nos servimos. Neste universo mentalmente criado, nada é o que parece, e foi o próprio Buda quem ensinou que o tempo gasto em especulação quanto ao "porquê" das coisas seria mais bem gasto se se vivenciasse a essência dessas coisas. Se a chuva é produzida por dragões celestes, como os chineses outrora julgavam, ou pela condensação da água retirada da terra, é coisa que não faz diferença sobre o efeito da chuva. Sejam dragões ou não, sem chuvas não há colheitas, não há vida!

É claro que devemos ter critério para observar a recitação dos mantras, sobretudo porque sua eficácia é essencial para o sucesso. Pessoalmente, acho que cada tradição deve ser observada tal como é, na forma em que foi transmitida pelo mestre, ainda que, se alguém tem vários mestres, poderiam resultar notáveis discrepâncias. Se eu usasse todos os mantras sobre os quais recebi instrução, em outra época, pronunciaria alguns no curioso sino-japonês- sânscrito usado na Floresta dos Reclusos, não poucos à maneira chinesa e muitos em tibetano. Assim seja! Deste modo, tenho fé neles. A necessidade de conseguir um modo de pronunciar mantras no qual se tenha confiança é em si mesma uma razão — talvez a menos importante e no entanto não-destituída de importância — para buscar a iniciação. Olama que o transmite tê-lo-á

recebido como transmissão oral provinda dos antigos fundadores de sua linhagem.

Da necessidade de visualizar corretamente as sílabas mânticas nasce um problema especial para os ocidentais.

Certa vez, perguntei ao Assistente Júnior de Sua Santidade, o Dalai Lama, se o efeito seria prejudicado quando os equivalentes das letras tibetanas fossem visualizados. Após cuidadosa reflexão, o Venerável lama respondeu: "Não pode haver nenhuma virtude especial nas letras tibetanas, pois com freqüência visualizamos mantras compostos de sílabas anotadas num dos escritos indianos usados para trancrevê-los. Portanto, à primeira vista, parece que qualquer escritura serviria. Entretanto, uma importante feição dos alfabetos tibetano e indiano não é perceptível em inglês; nossa maneira de combinar consoantes e vogais num único componente leva à visualização de sílabas mânticas que se retraem para dentro de si mesmas, contraindo-se dentro do minúsculo círculo na parte superior (por exemplo, dentro) e desaparecendo. Penso que a visualização de sílabas em sua forma inglesa com vogais e consoantes escritas lado a lado seria efetiva."

É preciso dar grande valor ao conselho de tão eminente autoridade. Apesar disso, no caso de pessoas que, não conhecendo o sânscrito nem o tibetano, acham impossível realizar essa visualização na forma tradicional, não posso deixar de pensar que seria melhor visualizar os equivalentes ingleses do que prescindir de toda a sua prática, pois então o uso dos mantras seria sem dúvida inútil.

Quando alguém se inicia na ioga mântica é natural que indague sobre o sentido das sílabas; mas é melhor não ficar muito interessado nisso, pois pensar sobre o significado conceitual é, invariavelmente, um prejuízo para o progresso na ioga. O uso dos mantras pertence ao domínio do não-pensamento, bem conhecido pelos seguidores da seita Zen. É preciso transcender o dualismo de sujeito e objeto e as ilusórias atrações da seqüência lógica; quando se dá ênfase a isso a realização final é prejudicada. Este ponto pode ser ilustrado por uma analogia: nas igrejas de culto cristão, a música representa muitas vezes grande parte; em seu equivalente budista,

raramente existe um acompanhamento musical a não ser a batida dos instrumentos de percussão. As melodias, mesmo que não tenham palavras, se dispõem ao sonho — talvez exaltado, mas, seja como for, acarretando o jogo do pensamento; ao passo que um súbito clangor de instrumentos rítmicos pode lançar ou arrebatá-lo a mente para o domínio do não-pensamento. (Não é preciso dizer, mas "não-pensamento", neste contexto, não denota um estado de torpor sem pensamento, nem a descida da consciência do devoto para um nível de madeira ou de pedra sem vida, mas a transcendência do estado habitual de consciência, um salto da percepção sujeito-objeto para a percepção extática da não-dualidade.)

Escrever um livro sobre mantras foi coisa parecida com tentar prender o ar numa rede. Tantas vezes, propor-me a explicar uma doutrina mística foi como prender o inefável — como se isso fosse possível!

O sublime, descido ao nível do senso comum, desaparece ou é diminuído. Ao procurar compartilhar o conhecimento, é fácil demais cair no erro de crianças que, tendo acabado de aprender a ler as horas, pensam que são capazes de dissecar e de reajustar o relógio do papai!

A ioga contemplativa pertence a uma elevada ordem de conhecimento a cuja explicação o mais sensato é fugir; é tão fácil provocar o ridículo e — o que é pior — escrever algo perigosamente errôneo. No entanto, pessoas criadas numa sociedade que desconhece os meios de alcançar os poderes transcendentais da mente estão ansiosas por explorar tais assuntos. Mas, por estarem em geral afastadas das fontes tradicionais de conhecimento, a compreensão errônea facilmente surge, tal como a crença de que os mantras são palavras mágicas, ou que sua ação é governada pela vibração física. Mesmo com relação à ioga, é preciso começar de algo próximo ao nível do senso comum; mais tarde, à medida que o conhecimento se expande, o senso comum pode ser atirado ao monte gigantesco do lixo onde carros enferrujados, latas usadas e fragmentos plásticos são empilhados, formando um monumento apropriado ao gênio do homem moderno em roubar à vida o seu mistério e em privar a natureza do que lhe pertence.